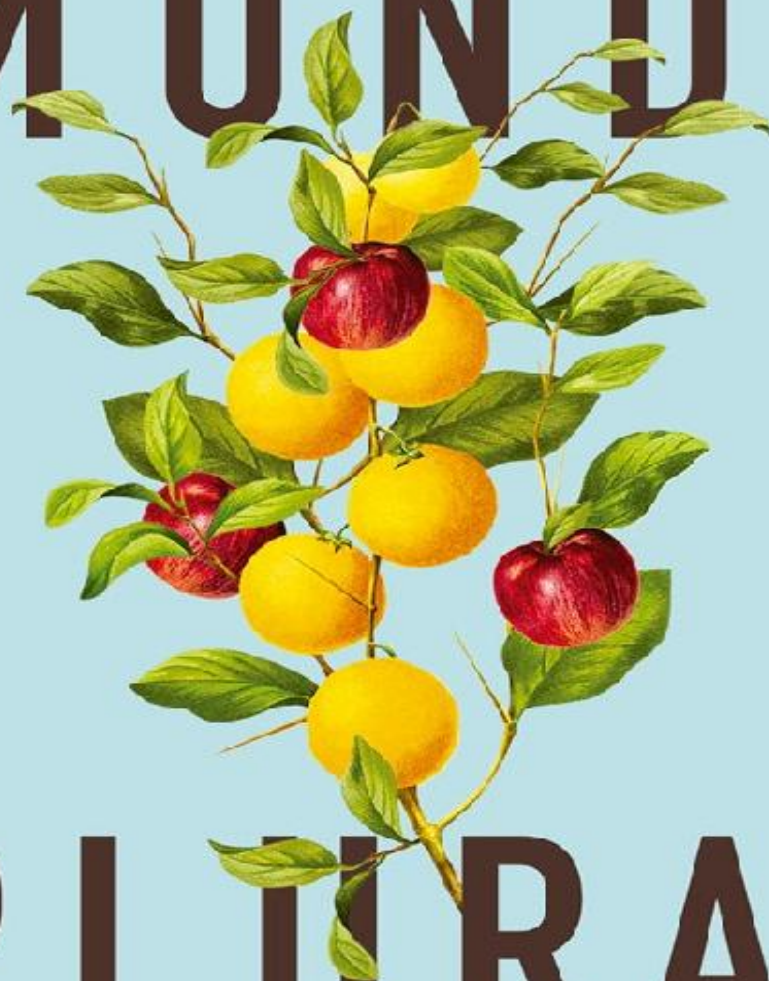


TIMOTHY KELLER
AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
& JOHN INAZU

MUNDO



PLURAL

COMO VIVER FIELMENTE EM
UM MUNDO DE DIFERENÇAS

TISH HARRISON WARREN, SARA GROVES,
TRILLIA NEWBELL, RUDY CARRASCO,
LECRAE, CLAUDE RICHARD ALEXANDER JR.,
KRISTEN DEEDE JOHNSON, TOM LIN,
SHIRLEY V. HOOGSTRA, WARREN KINGHORN

TIMOTHY KELLER
AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
& JOHN INAZU

MUNDO



PLURAL

COMO VIVER FIELMENTE EM
UM MUNDO DE DIFERENÇAS

TISH HARRISON WARREN, SARA GROVES,
TRILLIA NEWBELL, RUDY CARRASCO,
LECRAE, CLAUDE RICHARD ALEXANDER JR.,
KRISTEN DEEDE JOHNSON, TOM LIN,
SHIRLEY V. HOOGSTRA, WARREN KINGHORN



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy, 1950—

Mundo plural : como viver fielmente em um mundo de diferenças / Timothy Keller, John Inazu ; tradução de A. G. Mendes. — São Paulo: Vida Nova, 2021.

ISBN 978-65-86136-97-5

Título original: Uncommon ground: living faithfully in a world of difference
1. Cristianismo 2. Cristianismo e ateísmo 3. Cristianismo e outras religiões I.

Título II. Inazu, John III. Mendes, A. G.

21-2140

CDD 261.2

Índices para catálogo sistemático 1. Cristianismo : ateísmo : outras religiões

TIMOTHY KELLER
AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
& JOHN INAZU

MUNDO PLURAL

COMO VIVER FIELMENTE EM
UM MUNDO DE DIFERENÇAS

TRADUÇÃO
A. G. MENDES


VIDA NOVA

©2020, John Inazu and Timothy Keller Título do original: Uncommon ground: living faithfully in a world of difference edição publicada pela Nelson Books (Nashville, Tennessee, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,

salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New Revised Standard Version Bible. As citações com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da New American Standard Bible (NASB), Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Fernando Mauro S. Pires

Padronização

Caio Barrios Medeiros

Revisão de provas

Abner Arrais

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Kristina Juodenas

Paulo Jardim (adaptação)

Impressão

Gráfica Santa Marta

Conversão para eBook

SCALT Soluções Editoriais

Para Willie

Andem de um modo digno da vocação com que foram chamados, com toda humildade e mansidão, com paciência, demonstrando tolerância uns com os outros em amor.

— Efésios 4.1,2 (nasb)



SUMÁRIO

[Agradecimentos](#)

[Colaboradores](#)

Introdução

John Inazu e Timothy Keller

PARTE UM CONCEBENDO NOSSA INTERAÇÃO

A teóloga

Kristen Deede Johnson

O pastor

Timothy Keller

O aventureiro

Tom Lin

O empreendedor

Rudy Carrasco

PARTE DOIS: COMUNICANDO NOSSA INTERAÇÃO

A escritora

A compositora

O contador de histórias

O tradutor

PARTE TRÊS: DANDO FORMA À NOSSA INTERAÇÃO

A construtora de pontes

O cuidador

A reconciliadora

O pacificador

Conclusão

[Obras selecionadas pelos colaboradores](#)



AGRADECIMENTOS

Agradecemos às diversas pessoas que ajudaram a tornar este livro possível.

Agradecemos primeiramente aos nossos dez colaboradores que compartilharam conosco tanto suas palavras quanto seu tempo, assim como sua confiança.

Agradecemos também a Boyd Bowman, Johanna Christophel, Andy Crouch, Craig Ellis, Allison Gaskins, John Hendrix, Matt Kile, Andy Kim, Mollie Moore, Carol Quinlan, Seth Reid, Alex Siemers e Allie Spors. Somos gratos a David McCormick, agente de Tim, e à equipe da Thomas Nelson, especialmente nosso editor, Webster Younce. Agradecemos também à Redeemer City-to-City, ao The Carver Project e à Universidade de Washington em St. Louis.

Agradecemos às nossas famílias o apoio e o incentivo dado a este livro: Kathy Keller, Caroline, Lauren, Hana e Sam Inazu.

Dedicamos este livro ao pai de John, Willie Inazu. Poucas semanas depois de iniciarmos este projeto em uma reunião com os colaboradores, Willie foi diagnosticado com câncer terminal de pulmão. Sua enfermidade e sua morte coincidiram com o período em que este livro foi escrito e editado. Willie morreu como um homem livre. Livre do sofrimento desnecessário, ao optar corajosamente por uma clínica para doentes terminais. Livre como um cidadão, que dedicou a vida ao serviço deste país, apesar de ter nascido no Campo de Internamento Manzanar, em 1943. E livre da culpa e do remorso, com fé nas coisas do porvir.



COLABORADORES

Claude Richard Alexander Jr. é pastor sênior da Park Church em Charlotte, Carolina do Norte.

Rudy Carrasco é diretor de programas do Murdock Charitable Trust e ex-membro da diretoria da Christian Community Development Association.

Sara Groves é cantora e compositora.

Shirley V. Hoogstra é presidente do Council for Christian Colleges and Universities.

John Inazu é professor de direito e religião da Washington University em St.

Louis.

Kristen Deede Johnson é professora de teologia e de formação cristã no Western Theological Seminary.

Timothy Keller é pastor fundador da Redeemer Presbyterian Church na cidade de Nova York.

Warren Kinghorn é professor de psiquiatria e de teologia da Duke University.

Lecrae é rapper, compositor e produtor musical.

Tom Lin é presidente da InterVarsity Christian Fellowship.

Trillia Newbell é diretora de envolvimento com a comunidade da Comissão de Ética e de Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul.

Tish Harrison Warren é pastora anglicana da Church of the Ascension em Pittsburgh, Pensilvânia.



INTRODUÇÃO

JOHN INAZU E TIMOTHY KELLER

A questão central deste livro consiste em saber como o cristão pode se relacionar com os que estão à sua volta, respeitando as pessoas cujas crenças são diferentes das suas e, ao mesmo tempo, conservando a confiança no evangelho. A ideia para este livro surgiu da correspondência que mantivemos no decorrer dos últimos anos.¹ Estávamos tentando descobrir de que maneira as pessoas encontram áreas comuns em meio a diferenças profundas e, não raro, dolorosas.

Queríamos aprender como oferecer uma resposta cristã à realidade das nossas diferenças, ou o que os estudiosos chamam de “o fato do

pluralismo”.² Com muita frequência, o fato do pluralismo fica obscurecido, pelo menos nos Estados Unidos, por visões idealizadas de “uma nação, indivisível” e pela busca de “uma união mais perfeita”. Contudo, nossa existência real é muitas vezes caracterizada mais pela diferença e pela discordância do que pela unidade. Os americanos, a exemplo da maior parte dos cidadãos ocidentais atualmente, não estão de acordo em relação ao propósito do nosso país, à natureza do bem comum e ao significado da prosperidade humana. Essas diferenças afetam não apenas o que pensamos, mas também como pensamos e interpretamos o mundo. Este é o fato do pluralismo hoje: diferenças profundas e sem solução em torno de coisas extremamente importantes.

Entender o pluralismo significa entender nosso passado. O pluralismo se explica pelo fato de que os Estados Unidos não são, e nunca foram, uma “nação totalmente cristã”. É verdade que uma cultura protestante branca, ou o que em alguns círculos se chama de cultura judaico-cristã, influenciou os fundadores deste país e moldou as normas e os valores da classe média durante boa parte de nossa história. Essa cultura compartilhada — e seu consenso presumido acerca da moralidade pública e da natureza da prática religiosa — acarretou benefícios sociais importantes, entre eles a construção e a manutenção de instituições e infraestrutura. A grande maioria do setor de caridade hoje — universidades e instituições educacionais superiores particulares, hospitais e organizações de

serviço social — tem raízes nas comunidades protestantes (e, posteriormente, católicas e judaicas).

Contudo, essa cultura protestante compartilhada falhou em reconhecer injustiças importantes, as quais, por vezes, perpetuou. Os protestantes com frequência se mostraram indiferentes e, por vezes, hostis às reivindicações de liberdade religiosa das minorias religiosas. Em grande medida, os protestantes brancos estiveram ausentes do movimento pelos direitos civis, tendo alguns deles se envolvido no racismo pessoal e estrutural que persiste até o dia de hoje.³ O poder social e legal da cultura protestante muitas vezes reprimiu visões diferentes sobre raça, religião, gênero e sexualidade.

Dentro dessa cultura protestante dominante, muitos cristãos se esqueceram da advertência bíblica de que não temos cidade duradoura na terra (Hb

13.14) e de que não devemos depositar nossa confiança em príncipes terrenos (Sl 146.3). No decorrer de muitas gerações, alguns cristãos sucumbiram aos encantos da cidadania terrena, os quais obscureceram suas lealdades mais profundas. Embora tenhamos sido chamados para amar nosso próximo, nossa verdadeira cidadania está no céu (Fp 3.20).⁴

Recentemente, o consenso presumido da cultura protestante se fragilizou, em parte por motivo de uma conscientização crescente das diferenças nas crenças religiosas (e, cada vez mais, não religiosas). Ao mesmo tempo, tendências profundas e aceleradas em direção ao individualismo e à autonomia erodiram a confiança nas instituições sociais: empresas, mídia, governo, igreja e até mesmo a família. Contudo, com o declínio da cultura protestante, não surgiu outra que a substituísse. Nem o evangelicalismo, nem o catolicismo romano, nem o secularismo substituíram o consenso presumido anterior.⁵

Este é o contexto em que formulamos nossas indagações acerca da identificação de um terreno comum, ainda que não concordemos com o que seja o bem comum. Também queríamos investigar de que maneira o cristão pode incorporar a humildade, a paciência e a tolerância, as práticas civis que John identifica em seu livro *Confident pluralism* [Pluralismo confiante].⁷ Cremos que essas práticas incorporadas estão plenamente de acordo com um testemunho evangélico em uma era profundamente dividida. Na verdade, elas não só abrem espaço para o evangelho, mas também apontam, respectivamente, para as três virtudes cristãs da fé, esperança e amor.⁸

A primeira dessas práticas, a humildade, reconhece que em um mundo de profundas diferenças em torno de questões fundamentais, cristãos e não cristãos, igualmente, nem sempre são capazes de provar por que eles estão certos e os outros, errados. Os cristãos são capazes de exercer a humildade na vida pública porque reconhecem os limites da razão humana, incluindo nossos próprios limites, e porque sabem que foram salvos pela fé, e não por meio de nossas ações morais e bondade própria. Essa fé confiante ancora nosso relacionamento com Deus, mas não proporciona certeza inabalável em todas as questões.

A paciência estimula o ouvir, a compreensão e o questionamento. Paciência com os outros nem sempre elimina a distância ideológica; é pouco provável

que cheguemos a um acordo em todas as questões difíceis que nos dividem. No entanto, o ouvir atento, a compreensão empática e o questionamento ponderado podem nos ajudar a nos aproximar dos outros à medida que reconhecemos as experiências partilhadas que nos unem e as diferentes experiências que nos dividem. Os cristãos podem ser pacientes com outros porque depositam sua esperança em uma história cujo final já é conhecido.¹

Ser tolerante implica suportar crenças e práticas das quais não compartilhamos.

Não significa aceitar essas crenças ou aprovar essas práticas. Na verdade, a exigência de aceitação é uma impossibilidade filosófica. Todos temos opiniões sobre questões importantes que outros consideram claramente equivocadas. Não há como alguém acolher todas as crenças diferentes e mutuamente incompatíveis. Contudo, podemos realizar o árduo trabalho de distinguir as pessoas das ideias, de buscar nos relacionarmos com pessoas criadas à imagem de Deus, admitindo ao mesmo tempo que não aprovaremos todas as suas crenças ou ações. O cristão pode demonstrar tolerância com os outros porque nosso amor pelo próximo flui de nosso amor por Deus, e nosso amor por Deus está fundamentado na verdade do evangelho.

Todas essas três práticas — humildade, paciência e tolerância — refletem uma empatia norteada por princípios em que falamos “a verdade em amor” (Ef 4.15).

A capacidade de nos colocarmos no lugar do outro requer humildade, e o ímpeto de fazê-lo exige paciência alicerçada na esperança e na tolerância fundamentada no amor. Isto está cada vez mais difícil em uma época em que, como afirma Sherry Turkle, as mídias sociais e outras tecnologias reduzem de forma significativa nossa capacidade de exercitar empatia.¹¹ De fato, temos observado o declínio acentuado de nossa capacidade de nos solidarizar, compreender e conversar face a face com quem tem opiniões e crenças diferentes das nossas.

Se nossa cultura é incapaz de formar pessoas que falem tanto com convicção quanto com empatia em meio a diferenças profundas, cabe mais do que nunca à igreja recorrer a seus recursos teológicos e espirituais para produzir

peças desse tipo. A vocação cristã deve ser moldada e remoldada em pessoas cujos pensamentos e ações sejam caracterizados pela fé, esperança e amor — e que falem e ajam no mundo com humildade, paciência e tolerância.

Na verdade, quando somos motivados pelo amor de Cristo, podemos fazer muito mais do que simplesmente tolerar. Pense no seu relacionamento com amigos que têm crenças diferentes das suas. Você não os tolera simplesmente. Você ri, chora, comemora e se entristece na companhia deles. Você se arrisca em um tipo de vulnerabilidade pessoal que requer mais do que a coexistência no mesmo espaço.

E quanto aos que abertamente o rejeitam ou são hostis a você? A resposta é a mesma. Jesus não nos diz que devemos tolerar nossos inimigos; diz que devemos amá-los. E graças a Deus que Jesus não simplesmente nos tolera — ele nos abraça na diferença e nos acolhe em seus braços.

O plano deste livro

Nós dois temos dedicado muito tempo escrevendo, falando e pensando de que maneira o cristão pode e deve viver em um mundo de diferenças. Contudo, em vez de oferecer uma série de prescrições, decidimos oferecer histórias — nossas e de nossos amigos, velhos e novos. Optamos por histórias sabendo que a narrativa proporciona uma espécie de profusão de significados que esclarecem e enriquecem nossa compreensão de maneiras que mesmo a mais clara lista de proposições não pode proporcionar. A escritora Flannery O'Connor expressou isso da seguinte forma: “Uma história é uma maneira de dizer alguma coisa que não pode ser dita de nenhum outro modo, e é preciso levar em conta todas as palavras da história para chegar ao sentido dela. Contamos histórias quando fazer uma afirmação não seria o suficiente”.¹²

O mesmo Deus que se revelou por meio de histórias criou pessoas que aprendem melhor com histórias, com as nuances e as complexidades que elas contêm.

Neste livro, você encontrará histórias de pessoas que desempenham papéis assumidos por muitos de nós ao nos relacionarmos com amigos, colegas de trabalho e vizinhos. Esperamos que essa estratégia o encoraje e o deixe preparado para sua própria interação com o mundo de hoje.

A Parte 1 analisa os papéis por meio dos quais concebemos nossa interação com os outros. Kristen Deede Johnson reflete sobre a contribuição do teólogo, enquanto Tim Keller analisa o papel do pastor. Tom Lin e Rudy Carrasco apresentam duas atitudes diferentes possíveis para o cristão: o aventureiro e o empreendedor. A Parte II trata da forma como nos comunicamos quando interagimos com nosso próximo em uma sociedade cada vez mais pluralista.

Tish Harrison Warren começa pela reflexão sobre o papel do escritor, que nos conecta a outras pessoas e molda o mundo em que vivemos. Sara Groves, Lecrae e John Inazu examinam nos capítulos seguintes como nos comunicamos com os outros pela composição musical, por meio das histórias que contamos e por meio da tradução. Por fim, a Parte III se ocupa com o modo como damos forma a nossa interação com os outros. Shirley Hoogstra e Warren Kinghorn refletem sobre a construção de pontes e o cuidado dispensado a outros. Trillia Newbell e Claude Alexander Jr. concluem o livro com a análise do nosso papel como reconciliadores e pacificadores.

Você encontrará referências nas páginas que se seguem a muitas questões que nos dividem, mas nenhum tema desponta com maior destaque do que o da raça.

Isso se deve, em parte, às pessoas às quais recorreremos para que escrevessem este livro. Mais do que isso, porém, constatamos nas preleções e nos textos dirigidos a públicos cristãos diversos que poucos temas geram mais controvérsia ou exigem mais compreensão do que os relacionados à raça. Além do mais, cremos que poucas questões da divisão social são hoje mais importantes do que essa para a igreja e para a sociedade. É pouco provável que o cristão encontre espaço para avançar em nossa sociedade pluralista atual sem que confronte de forma franca as questões de raça que nos dividem e a sociedade à nossa volta.

Os capítulos deste livro retratam várias partes do corpo de Cristo. Contudo, eles também nos fazem lembrar que Deus se relaciona conosco ao assumir cada um desses papéis. Ao se revelar à humanidade, Deus age como teólogo, pastor, aventureiro, empreendedor, escritor, compositor, contador de histórias, tradutor, construtor de pontes, cuidador, reconciliador e pacificador.

Os doze colaboradores deste livro se reuniram pessoalmente em St. Louis para dar início a este projeto. Queríamos produzir uma obra que refletisse não apenas a contribuição de cada um, mas também o benefício de trabalhar juntos e de

aprender um com o outro. À medida que contávamos nossas histórias em torno da mesa, descobrimos anseios e paixões compartilhados. Descobrimos também maneiras pelas quais experimentamos perdas, sofrimentos e isolamento, tanto na vida pessoal quanto na interação com outras pessoas. Às vezes, nos sentimos deslocados — não apenas como cristãos que interagem com o mundo, mas também como participantes de comunidades cristãs, ao nos relacionarmos com outros crentes. Supomos que você sinta algo parecido em sua vida.

Observamos também em nossas histórias as formas pelas quais Deus usa outras pessoas para fazer de nós quem somos. Os capítulos deste livro foram escritos por indivíduos, mas esses indivíduos foram moldados pela relação com pessoas, outros portadores da imagem de Deus: mães e pais, amigos, parentes, um professor de inglês do ensino médio, Yolanda, o avô Bill, Eboo, Marcy, Batka.

Quando refletimos sobre como viver fielmente em um mundo de diferenças, percebemos que Deus não nos deixa sós nessa tarefa.

Por fim, relembremos o objeto da nossa confiança. A Escritura nos diz que a fé é a certeza do que esperamos e a confiança no que não vemos (Hb 11.1). Como cristãos, nossa esperança está na morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Apostamos a vida na certeza dessa esperança e na confiança dessa realidade invisível. É com essa postura que oferecemos este livro: como um chamado para interagir com o mundo à medida que nos encontramos com ele,

fazendo-o movidos pela esperança, confiantes, e não impelidos por uma ansiedade sufocante. Isso não significa que teremos pela frente um caminho fácil, ou que as circunstâncias que nos confrontarão sempre nos proporcionarão motivos para celebrar. Boa parte do que encontraremos nos será desconhecido, perturbador e ímpio. Algumas coisas, porém, serão boas.

Nossa interação com o mundo nos conduzirá a relações estranhas e a espaços arriscados. Poderá haver custos, e certamente haverá. Contudo, olhamos para Jesus, que interagiu com o mundo não apenas com o possível risco de seu conforto, mas com o custo certo e garantido da morte. “Ele foi ser hóspede de um homem pecador” murmuraram em tom de ameaça quando Jesus foi à casa de Zaqueu (Lc 19.7), mas ele foi mesmo assim. “Os judeus não compartilham coisas com os samaritanos”, assinalou o apóstolo João no encontro de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4.9), porém Jesus, mesmo assim, falou com a samaritana no poço. “Hoje estarás comigo no paraíso”, disse Jesus a um dos ladrões na cruz (Lc 23.43), e morreu. Confiantes no evangelho e no Autor e Consumador da nossa fé, procuramos viver como Jesus viveu em um mundo de

diferenças.

1. Partes desta introdução foram retiradas de “How Christians can bear Gospel witness in an anxious age”, Christianity Today, June 20, 2016, de John Inazu e Timothy Keller.
2. Por exemplo, John Rawls, “The idea of an overlapping consensus”, Oxford Journal of Legal Studies 7, n. 1 (1987):4.
3. Veja Jemar Tisby, The color of compromise: the truth about the American church’s complicity in racism (Grand Rapids: Zondervan, 2019).
4. James Davison Hunter, To change the world: the irony, tragedy, and possibility of Christianity in the late modern world (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 95.
5. Para um relato do declínio da influência das igrejas protestantes históricas sobre a classe média americana e do fracasso do evangelicalismo ou do catolicismo romano em substituir essa influência, veja Joseph Bottum, An

anxious age: the post-protestant ethic and the spirit of America (New York: Random House, 2014).

6. Como Luke Bretherton observou, “sob as condições de uma vida política decaída e limitada, a ideia de que pode haver um bem comum geral é extremamente problemática. A determinação do bem comum de uma família, um local de trabalho ou uma comunidade de pequeno porte é possível e, sem dúvida, necessária para que o tipo de política esboçado aqui seja viável. Contudo, além dessa escala, é contrária à política a alegação de que se sabe qual é o bem comum de uma conurbação, de uma região, uma nação ou do mundo. Essa pretensão nega a pluralidade e a contestabilidade das visões morais de sociedades complexas bem como os conflitos que surgem em decorrência da busca de bens morais divergentes, já que tudo isso deve ser negociado por meio da política” (Christ and the common life: political theology and the case for democracy [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2019], p. 32, n. 13).

7. John D. Inazu, Confident pluralism: surviving and thriving through deep difference (Chicago: University of Chicago Press, 2016).

8. Sou grato a Andy Crouch por fazer essa conexão para nós.

9. Lesslie Newbigin faz a seguinte observação a esse respeito: “Somos continuamente chamados a nos comportar de acordo com crenças cuja confiabilidade não pode ser demonstrada e a dedicarmos nossa vida a proposições passíveis de dúvida” (Lesslie Newbigin, Proper confidence: faith, doubt, and certainty in Christian discipleship [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995], p. 102).

10. Como disse Mark Lilla, a esperança cristã na restauração futura de todas as coisas evita tanto a utopia do liberalismo quanto a nostalgia pessimista do conservadorismo (Mark Lilla, The shipwrecked mind: on political reaction [New York: New York Review Books, 2016], p. 67-85 [publicado em português por Record sob o título A mente naufragada: sobre o espírito reacionário]).

11. Sherry Turkle, Reclaiming conversation: the power of talk in a digital age (New York: Penguin, 2015). Veja o capítulo “The empathy diaries”, nas

páginas 2-28, mas também o livro todo.

12. Flannery O'Connor, "Writing short stories", in: *Mystery and manners* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1970), p. 96.

PARTE UM

CONCEBENDO

NOSSA INTERAÇÃO





A TEÓLOGA

KRISTEN DEEDE JOHNSON

Cresci perto de Washington, D.C., rodeada pela política. Ajudei na campanha do pai de um amigo que concorria a um cargo público, vi quando nosso simpático supervisor do condado se tornou um congressista americano e obtive novos insights nas aulas de governo.¹ Depois que me tornei cristã, comecei a entrar em conflito com perguntas do tipo “O que Deus quer fazer com sua vida?”. Eu achei que a política podia ser a resposta. Passado o verão depois do meu primeiro ano na faculdade, fui para a cidade com milhares de colegas para explorar o mundo

“dos bastidores de Washington”.

Naquele verão, comecei a me dar conta de que minhas convicções cristãs e políticas não estavam muito bem integradas. Comecei então a fazer perguntas sobre a maneira pela qual minha vida em Cristo orientava o modo como eu pensava sobre nossa vida em comum — na política e na igreja. Mal eu imaginava que essas indagações levariam a um chamado teológico e a toda uma vida de reflexão teológica sobre como, à luz da história da obra redentora de Deus e da identidade e esperança que encontramos em Cristo, é possível interagirmos com as realidades políticas.

Quando me propus a investigar de que modo minha fé se conectava à política, estava buscando compreender o que havia sentido naquele verão em Capitol Hill, sede do governo do país. Enquanto estava no estágio, notei um tom bastante diferente do que havia encontrado em outros contextos: ira, ansiedade, temor, um senso de resistência diante de uma oposição ativa, um impulso para mobilizar o próprio lado. Perplexa e preocupada, voltei aos meus estudos na Universidade da Virgínia, onde descobri o professor de sociologia e religião James Davidson Hunter. Graças ao contato com Hunter e com seu livro de 1992, *Cultural wars*

[*Guerras culturais*], encontrei caminhos que me permitiram compreender o que passei naquele verão e pude analisar com maior profundidade minhas dúvidas em relação à fé e à política.

Hunter me ajudou a ver que nos níveis mais profundos dos conflitos políticos de fins dos anos 1980 e princípios dos anos 1990 havia diferentes sistemas de significado e de autoridade moral. Na superfície, havia convicções políticas opostas sobre todas as coisas, desde o que significava ser uma família até o que era arte; por trás dessas disputas políticas havia conceitos concorrentes e irreconciliáveis acerca da natureza da realidade, da verdade e do que significa ser um ser humano. Os atores políticos não reconheciam necessariamente a existência dessas camadas mais profundas e em movimento, contudo essa dinâmica estava por trás do conflito entre os que queriam “conservar” a moral, as verdades e os estilos de vida do passado (conservadores) e os que queriam que a moral, as verdades e os estilos de vida “progredissem” à medida que os tempos e o conhecimento mudavam (eram os progressistas). Esses dois grupos agiam, com frequência, como se estivessem em guerra pelo futuro dos Estados Unidos.

Uma parte crucial do argumento de Hunter propunha que esse nível de conflito era evidente nos níveis políticos e institucionais das elites (por exemplo, no Congresso e nas organizações sem fins lucrativos e grupos de pressão a ele ligados), mas não na cultura de modo geral. O trabalho de Hunter ajudou a explicar por que, como uma pessoa de fora, eu me sentia abalada pela linguagem e atmosfera típicas de guerra dos diferentes acontecimentos de que participei em Capitol Hill. As coisas são diferentes agora. O conflito que Hunter diagnosticou no nível das elites está cada vez mais evidente à nossa volta. Não podemos mais imaginar esse conflito restrito a determinados setores da vida política. Pelo contrário, ele permeia as postagens das mídias sociais, as relações familiares e as interações comunitárias.

Antes mesmo que esse conflito cultural se ampliasse, à medida que eu continuava a aprender mais sobre a natureza do ambiente político, lendo sobre o colapso da sociedade civil e explorando as correntes intelectuais que estavam plasmando a cultura, minha preocupação com o futuro do meu país se aprofundou mais ainda. Eu me perguntava se tínhamos os recursos intelectuais e morais para sustentar a experiência americana em meio ao pluralismo e às profundas divisões que se acentuavam entre nós. Essas preocupações ajudaram a me impelir a entrar na universidade e me tornar teóloga.

Outra motivação que tive para estudar teologia foi a paixão pelo discipulado.

Minha fé tinha ganhado vida ao participar de um grupo de jovens que enfatizava fortemente seguir Jesus como discípulos. Nós nos reuníamos em grupos de discipulado, fazíamos viagens com esse objetivo e estudávamos o

relacionamento de Jesus com seus discípulos para aprender mais sobre o que significava viver como discípulo e fazer discípulos. No entanto, não demorou muito para percebermos que nem sempre é fácil entender o que significa seguir Jesus em um tempo e lugar específicos. Quanto mais eu aprendia sobre a cultura e seu poder de formação, enquanto trabalhava como assistente de pesquisa de Hunter, tanto mais me via com perguntas sobre o que significava ser uma discípula fiel em meio à realidade intelectual, cultural e política de nosso tempo.

Meu chamado para ser teóloga foi fortemente influenciado por essas questões de fé, política, cultura e discipulado. No início, me vi diante de indagações e considerações sobre a forma pela qual a fé impacta nosso pensamento político, as perspectivas da experiência americana e a situação do discipulado no âmbito do cristianismo americano. Contudo, quanto mais eu aprendia o que significava ser teóloga, mais eu situava essas preocupações em um arcabouço teológico de esperança mais amplo. E isso aconteceu não porque os problemas subjacentes tivessem se dissipado, mas porque, com o tempo, aprendi a visualizar nosso contexto pluralista contemporâneo e o chamado ao discipulado através de lentes teológicas de maior alcance e esperança.

Aprendendo com o passado

Meu guia teológico nessa jornada foi Agostinho de Hipona. Quando li seus textos, descobri que, embora ele tivesse vivido centenas de anos antes de mim, também teve de lutar com questões de fidelidade e de pluralismo. Enquanto eu tentava compreender a relação entre cristianismo e política em uma época em que muita coisa em nossa cultura parecia estar mudando, descobri que Agostinho também tinha vivido em um período cultural e político tumultuado. Sua sabedoria e perspectiva em meio às lutas que travava com o sentido daquelas mudanças — tanto para os cristãos quanto para o mundo em geral — foram um incentivo para mim. Ele me ajudou a perceber que as tensões e as ansiedades que eu encontrei em Washington eram respostas compreensíveis à mudança cultural.

Ao mesmo tempo, Agostinho me tranquilizou com o fato de que fazemos parte de uma longa tradição de fé que sobreviveu a efervescências políticas e culturais tremendas, porque nossa fé está alicerçada em Cristo, e não em um sistema político qualquer.

Agostinho estava rodeado por uma variedade de convicções religiosas e práticas culturais, muitas das quais investigou antes de se converter ao cristianismo em 386 d.C. Além disso, ele viveu em uma época de confusão política. Em uma reviravolta surpreendente de acontecimentos, Roma, a “cidade eterna”, como era conhecida, foi conquistada em 410. Roma era uma cidade espiritualmente simbólica no Império Romano; seu regime político

foi o primeiro a tolerar e, por fim, abraçar o cristianismo. Ela teve um papel determinante no desenvolvimento do cristianismo ocidental e foi o lar de muitos cristãos. A derrota da cidade e o sofrimento que lhe foi imposto por seus conquistadores deixaram confusos cristãos e não cristãos. Muitos culpavam o cristianismo pelo colapso da cidade, enquanto os cristãos se perguntavam como viver de maneira fiel naquele cataclismo político.

Para ajudar os cristãos a compreender essas realidades políticas súbitas, Agostinho recorreu à Escritura e sustentou que, nesta era anterior ao retorno de Cristo, somos habitantes de duas cidades. Uma delas é a celestial, da qual Cristo é rei e da qual seus seguidores são cidadãos (veja, p. ex., Fp 3.20; Ef 2.19). Essa cidade é possível graças à obra salvadora de Cristo, que redime e reordena nossos amores de modo que possamos amar a Deus e servir a outros em amor. A outra cidade é a cidade terrena, caracterizada não pelo amor de Deus, mas pela cobiça de poder e de dominação. Esta cidade é resultado do pecado, que continua a se manifestar à medida que as pessoas buscam seu próprio bem em detrimento do bem de outros e usam seu poder para dominar, ao invés de amar e servir.

Como cristãos, nossa lealdade primeira é com a cidade celestial, e não com a cidade terrena em que vivemos. Na cidade terrena, somos peregrinos, nunca estamos totalmente em casa, porque nosso destino é a cidade celestial. Não devemos imaginar que estamos em casa nesta era, tampouco devemos imaginar que a cidade terrena da qual fazemos parte corporifica nosso amor por Deus.

Nossa esperança não pode estar na cidade terrena, mas em Cristo apenas, que vive e reina em todas e sobre todas as realidades terrenas, e virá novamente para nos introduzir plenamente em seu reino.

A perspectiva de Agostinho nos ajuda a limitar as esperanças que colocamos em um sistema político terreno qualquer, e nos faz lembrar, ao mesmo tempo, que temos o alicerce mais sólido de esperança em Cristo, nosso Rei. Por causa dessa esperança, não precisamos mais nos apegar à presente era, às suas instituições e benefícios, como o fazem aqueles que não conhecem outra cidadania senão a

terrena. Podemos atravessar turbulências políticas complexas sem ansiedade, confiantes de que a obra salvífica de Deus é maior do que qualquer arranjo político.

Agostinho estava convicto de que o cristão pode viver fielmente como cidadão da cidade celestial em uma ampla gama de arranjos políticos. Cabe ao cristão acatar as leis, os costumes e as instituições das sociedades políticas nas quais se encontram, contanto que tais leis, costumes e instituições não o impeçam de adorar a Deus. Para Agostinho, não cabe a nós, como cristãos, garantir o sucesso de uma ordem política qualquer. Os sistemas políticos vão e vêm, porém nossa cidadania na cidade celestial é permanente.

Contudo, apesar dessa perspectiva tão ampla com que definimos nossa cidadania, somos chamados a participar da cidade terrena onde moramos. Ela é capaz de produzir certos bens, e nós, como peregrinos, podemos e devemos contribuir com isso, reconhecendo ao mesmo tempo que não são os bens finais para os quais fomos criados e redimidos. Vamos tomar o caso da paz. A cidade terrena jamais será caracterizada pela paz que só se pode obter em Cristo e por intermédio dele; no entanto, partilhamos com os cidadãos dessa cidade o desejo de paz na terra. Podemos nos juntar a eles na busca da paz terrena aqui e agora.

Nesse sentido, Agostinho ecoa o conselho de Jeremias aos que estavam no exílio para que buscassem paz e prosperidade para a cidade onde moravam (Jr 29.7).

Olhando agora em retrospectiva, vejo ainda mais claramente por que me senti atraída pela teologia de Agostinho. Não que eu acreditasse que seu pensamento pudesse ser aplicado indiscriminadamente às questões com que deparamos hoje na igreja e na sociedade. Contudo, a peleja de Agostinho em sua época produziu como fruto conceitos bíblicos e teológicos que nos podem ser úteis em nosso tempo. Seguem-se alguns aspectos da visão de Agostinho que achei especialmente úteis:

Como cristãos, somos chamados a contribuir com a sociedade da qual fazemos parte.

Ao fazê-lo, devemos contribuir com o bem que temos em comum com todos os cidadãos, e não apenas com o aquele que partilhamos com os cristãos.

Não nos esqueçamos de que esta cidade terrena não é e jamais será a cidade celestial até que Cristo volte.

Lembrar as diferenças entre as duas cidades reduz nossas expectativas do que pode ser realizado na cidade terrena, que será sempre marcada pela ambição de dominação e de poder.

É preciso discernir em que aspectos a ambição de dominação e de poder se manifesta, até mesmo entre os cristãos.

Nossa esperança não depende do que podemos realizar aqui e agora, mas de Cristo, o Rei, que é Senhor de tudo. Ele reina aqui e agora, e voltará para nos conduzir à plenitude de paz e justiça pela qual ansiamos.

Não é fácil viver em tempos políticos conturbados. Eles despertam várias questões, acusações e ansiedades. Mas, como pessoas cuja esperança está no Senhor, podemos atravessar essas mudanças lembrando que ordenações políticas vão e vêm, mas Cristo, nosso Rei, ainda reina.

Aprendendo a ser família de Deus

Além dessas lições importantes sobre minha cidadania na cidade celestial, Agostinho me ensinou que eu havia sido muito individualista em minha fé. Para ele, era impossível imaginar que os cristãos não se vissem automaticamente na condição de membros da família de Deus. Quanto mais eu examinava o Novo Testamento, mais me dava conta de que o tema da cidadania no reino de Deus por meio de Cristo está vinculado a outro tema bíblico igualmente importante: o de nos tornarmos membros da família de Deus ao sermos adotados por ele em sua família (Ef 2.19; Rm 8.15-17). Fazia anos que eu era cristã, mas não havia compreendido essa verdade teológica importante. Com uma forte ênfase na salvação individual, minhas primeiras comunidades de fé me ajudaram a encontrar o amor salvador e pessoal de Deus por mim. Contudo, a exemplo de muitos cristãos da minha geração, a fé para a qual eu fora inicialmente convidada não enfatizava que, quando conheci a Cristo, havia passado a fazer

parte da família de Deus na igreja. Mas, então, passei a entender que o amor de Deus me convida a participar de uma família maior do que eu jamais imaginara.

Em decorrência disso, comecei a ver que aspectos do ensino de Jesus sobre o discipulado, que eu sempre tinha entendido como responsabilidade pessoal, eram mais fielmente compreendidos como parte de um chamado coletivo. Isso não queria dizer que eu não tinha responsabilidade pessoal, e sim que não precisava mais pensar que tudo dependia de mim. Seja em relação a ser discípulo, fazer discípulos ou buscar o reino de Deus em favor do mundo, antes eu achava que a exortação de Paulo, “aproveitando bem as oportunidades” (Ef 5.16), queria dizer que eu, pessoalmente, tinha de fazer tudo acontecer. Era um peso grande demais, em especial se tivesse de levar em conta todos os desafios com que deparei na esfera pública e no cristianismo americano. Era difícil me ajustar ao ensino de Jesus de que seu jugo é suave e seu fardo é leve (Mt 11.30). Minha fé se transformou quando descobri que o chamado para seguir a Cristo era o chamado para segui-lo em comunidade.

Outra descoberta que transformou minha fé foi a compreensão de que Cristo continua a viver e a reinar neste mundo. A verdade não era apenas que Jesus Cristo morreu há dois mil anos pelos nossos pecados, mas que, em sua ressurreição e ascensão, ele exerce um ministério permanente. A Escritura nos diz que Jesus “vive sempre para interceder” (Hb 7.25, grifo da autora) e que ele

“está sentado à direita do trono da Majestade no céu” (Hb 8.1, grifo da autora).

Como diz Jesus no Apocalipse: “Eu sou o que vive. Fui morto, e veja, estou vivo para todo o sempre” (Ap 1.17-18).

O tempo presente nos versículos é importante. Eles mostram que Jesus tem um papel permanente neste mundo. As categorias clássicas de Jesus Cristo como profeta, sacerdote e rei são úteis aqui. Cristo continua a servir como profeta (pelo testemunho de sua vida e de seus ensinados confiados a nós nas Escrituras), como sacerdote (pelo seu sacrifício na cruz e sua intercessão

contínua entre nós e Deus), como rei (pelo domínio sobre o pecado e o mal e por seu governo sem fim à destra do Pai).

O ministério perene de Jesus Cristo, dado a conhecer e revestido de poder pelo Espírito Santo, implica que não cabe a nós salvar outros ou salvar o mundo.

Testificamos do amor salvador de Deus em Cristo, buscamos a visão do reino de Deus para o mundo e, ao mesmo tempo, confiamos que Deus está ativo por meio do seu Espírito Santo. Deus é aquele que chama, justifica e santifica. E ele nos

conduzirá a seu reino.

Em outras palavras, não somos chamados a ser heróis que salvam a pátria ou salvam a cultura.² Este é um dos principais insights do capítulo de Lecrae sobre contar histórias. Nossa história consiste em viver como filhos amados de Deus separados pela graça de Deus em Cristo e no Espírito para buscar as coisas de Deus. Isso muda tudo em nossa atitude como discípulos. No fim das contas, nem a alma das pessoas nem o estado de nossas instituições culturais estão em nossas mãos. Tampouco nossa santidade — nossa condição de discípulos diante de Deus — depende do que façamos ou do nosso esforço. Nós já somos filhos amados e santos de Deus (Rm 1.7; 1Co 1.2; Gl 4.4-7). Nossa motivação de buscar primeiramente o reino de Deus não decorre da necessidade de conquistar um lugar em sua família, mas, sim, da adoção que já recebemos na família de Deus.

Nossa família, portanto, é fruto de um chamado. Ao atendermos ao chamado para viver como discípulos de Jesus e buscar a vontade de Deus neste mundo, nós o fazemos como membros da família de Deus, partilhando juntos esse chamado (“santos” é um termo que está sempre no plural no Novo Testamento, como nos lembra Sam Wells) à medida que somos revestidos de poder pelo Espírito Santo.³ Trata-se de um chamado ativo, mas não pesado: não estamos sós e não somos agentes individuais de transformação. Quando decido interagir com as realidades da minha cidade natal, por exemplo, entendo agora que não tenho de lidar sozinho com os problemas com que deparo. Sou parte de uma grande família de cristãos. Os membros da minha família estão equipados de diferentes maneiras para

buscar a paz em nossa cidade, e o cabeça dessa família, Deus, está ativamente tornando novas todas as coisas.

Contudo...

Contudo, nossa família não transmite atualmente a melhor das impressões daquele cujo nome carregamos. As dolorosas divisões evidentes em minha exposição anterior sobre política só se aprofundaram e se arraigaram. Pessoas com orientações marcadamente distintas em relação à forma como compreendemos a verdade, organizamos a vida e estruturamos a família lutam

para encontrar um ponto em comum. Em meio a essas guerras culturais, muitos cristãos depositaram esperanças irreais no que pode ser realizado por meio da política.

Como afirmou recentemente James Davidson Hunter, de algumas décadas para cá o cristão do século 20 se voltou para a política porque viu nela a melhor forma de promover a mudança cultural, dedicando muito do seu tempo, energia e dinheiro para esse fim.⁴ Não está claro, porém, que a mudança cultural funcione da maneira como os cristãos acreditam que funcione. Com frequência, eles priorizaram a política em detrimento da formação proporcionada por outras instituições culturais e dos chamados de cristãos comuns para que participem dessas instituições.

Nesse processo, muitos dos que se dedicavam à participação política foram ficando cada vez mais conformes à instituição e à dinâmica da política do que talvez tenham percebido. Não é fácil escapar da ambição de poder da cidade terrena, ainda que tenhamos as melhores das intenções e motivações. No que diz respeito ao caráter de sua participação política, não era fácil distinguir dos seus pares nem mesmo o cristão mais bem-intencionado.⁵

Se realmente somos filhos amados de Deus e santos por ele chamados, convém perguntar: qual é o comportamento próprio da família de Deus no Novo Testamento? Vamos começar com 1Coríntios 13, que, como diz a cientista política Amy Black, se aplica tanto à política quanto a qualquer

outra área da vida. Paulo desafiou os cristãos a serem conhecidos pelo amor, que ele caracterizava da seguinte maneira:

O amor é paciente; o amor é benigno; o amor não é invejoso, nem presunçoso, nem arrogante, nem rude; não insiste em sua própria maneira, não é irascível, nem ressentido; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo atura. (v. 4-7) Gálatas nos mostra outro cenário. Paulo descreveu os que vivem pela carne como aqueles caracterizados por coisas como “inimizades, rivalidades e ciúmes, ira, ambição egoísta, discórdias, partidarismo”, em contraste com os filhos de Deus, os quais devem manifestar o fruto do Espírito: “amor, alegria, paz,

paciência, bondade, generosidade, fidelidade, amabilidade e domínio próprio”

(5.20,22-23).

Pedro escreveu de maneira semelhante sobre o que significa ser santo, observando que, como “nação santa” de Deus, “estrangeiros e exilados” neste mundo, os cristãos devem “abster-se dos desejos carnis” e, em vez disso,

“comportar-se honradamente entre os gentios para que, mesmo que os difamem como se vocês fossem malfeitores, eles possam ver suas obras honrosas e glorificar a Deus quando ele vier para julgar” (1Pe 2.9,11,12).

Essas passagens não nos dispensam de lidar com questões complexas, de tornar conhecidas nossas diferenças de convicção ou de participar na tarefa difícil da política. Elas implicam, porém, que, ao fazê-lo, devemos atentar ao caráter da nossa participação. Esses versículos deixam claro que, como povo de Deus, somos chamados para ser conhecidos não pelo ressentimento, pela ira, inimizade, arrogância ou indelicadeza; antes, por feitos honráveis, paciência, gentileza, generosidade, fé, esperança e amor: coisas que convêm à família de Deus.

Como seria o andar honrado de um cristão? Entendo o apelo de John a um pluralismo confiante como forma de viver na prática a advertência de Pedro

no que diz respeito à nossa cultura política dividida. Pela graça de Deus, podemos ser pacientes porque nossa perspectiva é de longo prazo, sabendo que Cristo é, sempre foi e sempre será Senhor em meio a muitas realidades diferentes.

Podemos ser humildes porque, como membros da família de Deus, sabemos que somos totalmente dependentes da graça e do amor de Deus estendidos a nós em Cristo, ao quais recorreremos para amar outras pessoas. Podemos tolerar aqueles dos quais discordamos profundamente porque o amor que temos em Cristo não insiste em sua própria maneira; antes, suporta e atura tudo enquanto espera o dia em que veremos todas as coisas de maneira clara e completa.

Três imagens bíblicas para a jornada

Há muitos modos de pensar teologicamente nossa participação como cristãos neste momento político e cultural específico marcado como está pelo pluralismo,

por fraturas e por mudanças. Ao fazê-lo, me peguei voltando reiteradas vezes a três imagens bíblicas específicas: filhos, exilados e árvores.

Viver como filhos adotados por Deus nos fundamenta em sua graça, nos faz lembrar que nossa identidade repousa primeiramente no que somos em Cristo e não em nossa lealdade política, nos ajuda a compartilhar o chamado de buscar em primeiro lugar o reino de Deus com outros na família de Deus, nos capacita a nos mantermos cientes de que dependemos do ministério ativo e perene de Deus, e molda o caráter da nossa interação com outros.

Além disso, aprendemos com as Escrituras hebraicas que o povo de Deus esteve com frequência no exílio, retirado à força de sua pátria. Enquanto estavam nessa condição, foi-lhes permitido exprimir seu pesar e lamento por não estarem ainda em casa, porque o mundo em que se encontravam não reconhecia seu Deus e não fora concebido para acolher seu modo de vida. No entanto, não deviam abrir mão de seu estilo de vida ou deixar de reconhecer seu Deus. Pelo contrário, eles haviam sido chamados para ser sempre povo de Deus e viver como tal (conforme evidenciado, entre outras

coisas, pela sua adoração, pela maneira como comiam e se vestiam, e pelo amor a Deus e ao próximo).

Contudo, o povo exilado de Deus tampouco fora chamado para transformar em Israel as nações em que viviam. Eles não foram chamados, por exemplo, para tentar fazer da Babilônia nação santa de Deus, ou pensar que as leis ou os estilos de vida daquela terra viriam a refletir as convicções do povo de Deus. Tampouco deveriam abandonar o lugar onde se encontravam. Deus não os chamara para que fossem de tal modo isolados como povo seu que não tivessem preocupação nenhuma com as cidades onde viviam ou com as pessoas à sua volta.

Esta era a tensão na qual Deus lhes pediu que navegassem: “Vivam como meu povo santo, como forasteiros exilados em terra estrangeira, nas mãos do povo que aí habita, buscando ao mesmo tempo o shalom, o bem-estar desse lugar e desse povo”.

Não parece que temos aqui lições a aprender ao vivenciarmos na prática nosso discipulado nesta sociedade de hoje profundamente dividida, em que nós, cristãos, não nos sentimos em casa? Como seria a busca do bem-estar de nossas cidades terrenas?

Aqui recorreremos à pedagogia de uma última imagem bíblica: árvores. Entre

várias outras coisas, as árvores são conhecidas por sua capacidade de absorver gases nocivos que estão à sua volta e oferecer em troca oxigênio, fonte de vida, ao mundo. Elas não oferecem o oxigênio apenas a outras de sua espécie; elas melhoram a qualidade do ar para todos. É claro que as árvores também proporcionam muitos outros benefícios: beleza, sombra, fruto e um habitat para a vida selvagem. O mundo seria limitado de formas significativas sem a contribuição das árvores. Não seria fantástico se fosse essa a nossa reputação como cristãos hoje?

Não faz muito tempo, empreguei a imagem das árvores de um modo um pouco diferente em um contexto bastante pluralista. Um grupo de presidiárias me pediu que falasse sobre justiça restaurativa durante um encontro que estavam organizando. Desde a correspondência que tive com a

presidiária que me convidou até o tempo que passei diante de um auditório lotado de gente dos mais diversos antecedentes, foi uma experiência transformadora. Participaram desse encontro que durou o dia inteiro ex-prisioneiras, cônjuges dos presos, pais de vítimas, agentes penitenciários, professores universitários, militantes da causa da justiça que vinham trabalhando para a reforma do sistema de justiça penal e evangelistas cristãos envolvidos no ministério em presídios.

Eu havia sido convidada para apresentar uma perspectiva cristã da justiça e da esperança com base no livro *The justice calling* [O chamado da justiça], que escrevi com minha amiga Bethany Hoang. Falei sobre os meios pelos quais o perdão de Deus em Cristo nos dá esperança de que aqueles que cometem injustiças possam experimentar a redenção. Em seguida, associei essa ideia a algumas das realidades contemporâneas que cercam o sistema de justiça criminal e respondi a perguntas. Uma mão nervosa se ergueu rapidamente: Como eu podia apresentar uma versão tão exclusivista da justiça e negligenciar todas as demais razões que impelem as pessoas a buscá-la?

Respondi com o exemplo das árvores. Meu primeiro aprendizado sobre o pluralismo, eu lhe disse, me convenceu de que não acolhemos melhor as diferenças quando diluímos cada uma de nossas tradições, quando fingimos que somos todos iguais ou procuramos apenas pontos em comum. Em vez disso, podemos imaginar árvores cujas raízes, de tão profundas, possibilitaram a absorção de água e nutrientes que fizeram crescer galhos tão grandes a ponto de uns se sobreporem a outros. Precisamos dessas raízes profundas — as raízes profundas de nossas respectivas tradições, convicções e práticas — para alimentar o crescimento de nossas ramificações no mundo. É com o crescimento

de nossos ramos que encontraremos lugares de sobreposição com outras pessoas, que têm raízes profundas próprias. Ao depararmos com essas sobreposições, poderemos nos capacitar a trabalhar juntos em direção a objetivos comuns, ainda que impelidos por razões e convicções diferentes. Na linguagem de Agostinho, poderemos nos unir em busca de bens terrenos que partilhamos em comum.



Enquanto os cristãos continuam a buscar compreender qual deve ser sua atitude e seu chamado neste momento político e cultural complexo, desejo e oro que não nos esqueçamos das palavras atemporais da Escritura sobre as árvores, seus frutos e suas folhas. Que, pela graça de Deus, possamos refletir, na família de Cristo, sobre as descrições que encontramos nas três passagens a seguir, ao procurarmos ser como árvores plantadas junto a correntes de água neste tempo e lugar específicos.

Eles são como árvores

plantadas junto às correntes de águas,

que dão seu fruto no tempo certo

e cuja folhagem não murcha (Sl 1.3).

O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fidelidade, amabilidade e domínio próprio (Gl 5.22-23).

As folhas da árvore são para a cura das nações (Ap 22.2) 1. No inglês, government class; são aulas a respeito das instituições de governo americanas, obrigatórias no ensino médio. (N. do E.) 2. Bethany Hanke Hoang e eu investigamos a ideia de que somos chamados para ser santos, e não heróis, em *The justice calling: when passion meets perseverance* (Grand Rapids: Baker, 2016), p. 111-38.

3. Samuel Wells, *Improvisation: the drama of Christian ethics* (Grand Rapids: Brazos Press, 2004), p. 44.

4. James Davison Hunter, *To change the world: the irony, tragedy, and possibility of Christianity in the late modern world* (Oxford: Oxford University Press, 2010).

5. Hunter descreve essa situação como a adoção de categorias nietzscheana da vontade de poder e do ressentimento, que fizeram da ira e da vitória as forças propulsoras por trás de boa parte da participação pública dos cristãos. Veja *To change the world*.

6. Veja Amy E. Black, *Honoring God in red or blue: approaching politics with humility, grace, and reason* (Chicago: Moody Publishers, 2012).



O PASTOR

TIMOTHY KELLER

Cresci em uma Igreja Luterana no sudeste da Pensilvânia, assim como meus antepassados da família Keller fizeram durante gerações. Quando cheguei à Universidade Bucknell, um jovem que morava no prédio onde ficavam os dormitórios dos calouros insistiu muito comigo para que eu participasse de um grupo de ministração no campus. As pessoas desse grupo atribuíam à Bíblia uma autoridade superior à razão humana, à cultura e à opinião pública. Elas também acreditavam que cada pessoa tinha de se converter, caso contrário estaria perdida espiritualmente, e que só poderia ser salva pela graça, por meio da fé na morte e ressurreição de Cristo, e não por meio de

seus esforços morais. Esse era “o evangelho”. A fé cristã só poderia ser escolhida; não poderia ser herdada.

Todos esses princípios evangélicos divergiam fortemente daqueles professados pela igreja protestante histórica que eu conhecia. Contudo, o grupo de ministração do campus me intrigava e eu comecei a participar dele, embora eu não sabia muito bem se queria ser um cristão de qualquer tipo que fosse.

O filósofo Charles Taylor fez um levantamento em que mostrou como a cultura ocidental passou da religiosidade à secularização. Anteriormente, a identidade da pessoa era desenvolvida na relação com algum valor ou ordem mais elevada. O

indivíduo só se tornava uma pessoa de valor se estivesse “imerso em um todo maior”, em algo mais importante do que suas necessidades e seus impulsos individuais. Contudo, depois da Segunda Guerra Mundial, as sociedades ocidentais passaram por uma mudança. Taylor chamou essa nova era de “Era da Autenticidade”. Pela primeira vez, propôs-se que o eu — não a família, a tribo ou a nação — é que tinha a máxima importância. A identidade de uma pessoa não era mais obtida pelo cumprimento dos deveres impostos pela comunidade. O

eu criaria suas próprias verdades e sua moralidade, e a sociedade teria de se ajustar a ele. Não era mais nosso papel na sociedade que nos conferia importância, mas, sim, nossa expressão pessoal, pela descoberta e pela realização do nosso eu “verdadeiro” e “autêntico”.¹

Na universidade, pude cogitar viver alheio à fé cristã porque estava desenvolvendo o que Taylor chama de “eu protegido”, uma identidade que não sente a atração por verdades e poderes superiores e transcendentais.² Desde os primeiros anos da adolescência, eu olhava para dentro de mim e percebia que queria fazer coisas que não combinavam com a doutrina cristã ou com a prática da igreja. Meus antepassados teriam sacrificado seus sentimentos internos subjugando-os às obrigações externas, mas eu me sentia obrigado apenas a realizar meus sonhos mais profundos e meus desejos mais íntimos.

O protestantismo histórico que conheci nos anos 1960 propunha uma espécie de concessão. Ele dizia que era possível ter um eu expressivo e ainda assim crer no cristianismo. Era evidente, por exemplo, que nesse tipo de igreja você poderia ser membro ativo e ainda assim fazer sexo como quisesse. Podia acreditar na doutrina cristã que achasse plausível e rejeitar as demais. Você, suas intuições e seus sentimentos — e não a Bíblia ou o ensinamento da igreja — eram os árbitros finais do certo e do errado.

Tinha diante de mim três possibilidades: abandonar completamente o cristianismo, o que me daria liberdade para ir atrás dos meus desejos, ambições e paixões sem qualquer inibição; reafirmar minha filiação ao protestantismo histórico; ou abraçar o evangelho e lançar minha sorte junto ao pequeno e desprezado grupo de cristãos evangélicos em um campus bastante progressista.

Por que acabei me decidindo pela terceira opção? Escrevendo cinquenta anos depois desses acontecimentos, não consigo lembrar exatamente os processos dessa reflexão. Contudo, uma coisa que me atraiu no grupo de ministração do campus foi sua declaração de que o seu procedimento se baseava em evidências e argumentos. Olhando em retrospectiva, havia declarações bombásticas; mas esse convite à razão e à reflexão, em vez de simplesmente seguir meus desejos, era irresistível. Outra coisa que foi quase tão decisiva para mim foi a leitura sem enfeites dos textos do evangelho. Nossos encontros de comunhão eram em grande medida estudos bíblicos. Nosso grupo lia passagens e discutia as observações que fazíamos. Sem coerção, descobri nesses textos um Jesus que era inexplicável com base nas teorias que até então eu tinha sobre quem ele era. Ao ler os Evangelhos, tive uma sensação de encontro pessoal profundo com uma presença imediata e, ainda assim, os textos apelavam à minha razão também.

Concluí que o Jesus que eu havia encontrado não poderia ter sido fabricado pela igreja primitiva, tampouco poderia ser domesticado e reduzido à categoria de mais um sábio ou mestre religioso.

O evangelho cristão me confrontou, pode-se dizer, no nível da cosmovisão. Ele desafiava as narrativas que serviam de diretrizes para minha cultura. Se Jesus era quem dizia ser, então, minha identidade não era algo que eu pudesse definir por conta própria. Só poderia compreender meu verdadeiro

eu se me alinhasse a Cristo. Refleti durante muito tempo e com empenho sobre as palavras de Jesus em Marcos 8.34-37, especialmente na forma como se acham traduzidas na New English Bible:

Qualquer um que quiser ser meu seguidor terá de deixar o eu para trás; deve tomar a sua cruz e vir comigo [...] O que ganha um homem se conquistar o mundo à custa do seu verdadeiro eu?³

É um paradoxo e tanto. Por um lado, seguir a Cristo é “deixar o eu para trás”, isto é, não fazer mais da definição de si mesmo e da realização pessoal a principal preocupação, e sim o viver para Cristo. Contudo, Jesus disse que esta é a maneira de descobrir nosso eu verdadeiro. De fato, se você vivesse apenas para atingir seus objetivos e realizar seus sonhos mais desvairados, conseguiria apenas se alienar do homem ou da mulher que poderia ter sido. Você só pode se tornar você mesmo se fizer aquilo para o que foi criado: servir e obedecer a Deus incondicionalmente; amá-lo e regozijar-se nele sobre todas as coisas. Não pode haver ideia mais contracultural do que essa.

Ocorreu-me que se me tornasse cristão teria os benefícios e os bens internos que toda pessoa moderna deseja: um relacionamento com Deus, a garantia de amor e de perdão, uma esperança para o futuro capaz até mesmo de enfrentar e vencer a morte. Contudo, estes são bens aos quais só teremos acesso se abirmos mão da suposta liberdade de buscar uma definição do eu. Portanto, o cristianismo significava estar para sempre em descompasso com uma cultura que ensina a seus membros: “Vocês são donos de si mesmos; vocês é que definem seu sentido e a si mesmos”. Ao contrário disso, a mensagem do cristianismo era: “Vocês não são de si mesmos [...] pois foram comprados por um preço” (1Co 6.19,20).

Nos últimos semestres na universidade, comecei a sentir os desafios de ser identificado em público como cristão em um contexto secular. Para enfrentar isso, fui a várias aulas de religião, todas elas ministradas por protestantes liberais

ou por ateus. Alguns professores e alunos eram mais educados do que outros, mas todos se mostravam surpresos de que uma pessoa instruída pudesse chegar às conclusões a que eu estava chegando. Pelo menos dois professores me disseram de forma muito simpática que se eu não

abandonasse minhas convicções, conservadoras demais, não teria como seguir uma carreira acadêmica, ou, se estava pensando no ministério, não poderia servir em nenhuma igreja com alguma reputação.

Nunca fui uma pessoa combativa e, francamente, ficava intimidado com essas conversas. Contudo, apesar das pressões sociais e das dúvidas que eu tinha, cheguei à conclusão de que as evidências e os argumentos pendiam para o lado do cristianismo evangélico.

De como me tornei pastor no seio da “cristandade”

Terminada a faculdade, eu não só era um cristão convicto, mas também queria ingressar no ministério pastoral. Fui para o seminário onde conheci Kathy Kristy, cuja jornada espiritual era bastante parecida com a minha. Criada em Pittsburgh, em uma igreja presbiteriana histórica, foi no ensino médio e na faculdade que se cristalizaram suas convicções evangélicas sobre a autoridade da Bíblia e a necessidade de conversão. Nós nos casamos antes de nos formarmos, e fomos para nossa primeira igreja, a Igreja Presbiteriana de West Hopewell, na Virgínia.

Em meados dos anos 1970, Hopewell não era de modo nenhum uma sociedade secular e pluralista como a que eu havia vivenciado na faculdade. Era o que se podia chamar de sociedade da “cristandade”. De acordo com um estudioso, essa era uma “sociedade em que havia laços íntimos entre os líderes da igreja e pessoas em posição de poder [na cultura e no governo], em que as leis eram supostamente baseadas em princípios cristãos, e onde [...] todos naquela sociedade eram considerados cristãos”.⁴ Em outras palavras, havia uma forte pressão social sobre as pessoas para que fossem à igreja e um custo social igualmente forte se não fossem. A Virgínia das pequenas cidades naquela época certamente refletia esse tipo de cristandade. Se você não fosse à igreja, corria o risco de não ser promovido ou de não ser aceito no clube local ou de não conseguir uma hipoteca no banco da cidade. Esse tipo de benefício social já não

existia mais no nordeste do país nem mesmo nos anos 1970, e no campus da minha universidade não havia benefício algum em ser cristão; pelo contrário, havia um custo social.

Hopewell, diferentemente disso, tinha uma cultura conservadora muito arraigada. Praticamente todos ali haviam nascido e sido criados nos mesmos princípios evangélicos a que eu e Kathy havíamos chegado por meio de muito esforço intelectual e espiritual, e enfrentando oposição. As pessoas da cidade cultivavam sua fé de modo muito semelhante ao dos estudantes e professores secularizados de Bucknell. Todos achavam que suas posições eram óbvias, que todas as pessoas inteligentes acreditavam nas mesmas coisas, e não podiam sequer conceber que alguém pensasse diferente.

Havia outros aspectos em que a cultura supostamente cristã do Sul era semelhante à do Norte secular. Nossos amigos seculares e das igrejas históricas com tendências liberais tinham em comum o apoio aos direitos civis dos afro-americanos, o que se alinhava com o ensino bíblico da justiça e do amor ao próximo, mas também promoviam a liberação sexual, o que não tinha amparo bíblico.

Os cristãos de Hopewell, ao mesmo tempo que conclamavam a ética sexual bíblica, resistiam com todo o vigor ao movimento dos direitos civis.

Ironicamente, as igrejas de Hopewell estavam sendo mais influenciadas pela cultura conservadora à sua volta do que pela Bíblia, assim como as igrejas liberais do Norte estavam sendo mais influenciadas por sua cultura liberal.

Houve um momento em que nos demos conta de um fato importante. Kathy e eu começamos a perceber que a fé evangélica e bíblica que havia mudado nossa vida estava fora de compasso não apenas com a sociedade liberal (que era constituída tanto de gente secularizada quanto de crentes das igrejas históricas com tendências liberais), mas também com a cultura conservadora. Muito antes de grande parte das pessoas falarem de estados azuis e estados vermelhos,⁵

começamos a perceber que o evangelho não era propriedade de nenhum dos dois lados. A apresentação paulina clássica do evangelho cristão em Romanos começa com uma descrição da imoralidade pagã gentia no capítulo 1. No capítulo 2, ele descreve os judeus, que creem na Bíblia e têm moral elevada. Em seguida, nos capítulos 3 e 4, ele explica que tanto o legalismo (quando achamos que nosso esforço moral nos torna merecedores da

salvação) quanto o antinomianismo (quando pensamos que podemos viver do jeito que quisermos)

são maneiras de olhar para nós mesmos em busca de salvação, em vez de confiarmos na obra de Jesus Cristo. Passadas algumas semanas, conversando com as pessoas de Hopewell, perguntei a elas que esperança tinham de ir para o céu. Todos acreditavam no céu, e praticamente todos disseram: “Espero chegar lá porque tentei ser uma pessoa boa a vida toda e vivo como cristão”. Se Paulo estivesse certo (e certamente ele estava!), então, aquelas pessoas estavam, sob diversos aspectos, tão alienadas do evangelho da graça e da experiência de Deus quanto nossos amigos seculares e liberais. Nos dois casos, os resultados eram parecidos. Enquanto em uma cultura se observava o declínio do casamento e da família, e uma obsessão cada vez maior com a realização pessoal e a felicidade individual, na outra se via um ambiente dominado pela justiça própria, pela intolerância e pelo abuso de poder.

Se não tivéssemos nos mudado para o Sul, deixando para trás a cultura mais liberal e pluralista do Norte, poderíamos ter caído no erro de achar que o cristianismo era só mais uma forma de tradicionalismo conservador. Jamais teríamos percebido que o evangelho nos leva a criticar severamente, mas com humildade, as duas sociedades.

Pouco tempo depois que chegamos a Hopewell, meu irmão mais novo, Billy, assumiu que era gay e se mudou para Baltimore a fim de viver com seu companheiro. Ele havia chegado à conclusão de que não poderia ser gay e cristão ao mesmo tempo. Contudo, queria continuar a se relacionar com os cristãos de sua família, e nós também queríamos isso. As vezes em que fomos a Baltimore visitar Billy e seu companheiro, Joaquin, ficou muito clara a superioridade do evangelho em relação a todas as culturas, bem como a crítica que faz a todas elas. Billy e Joaquin achavam o cristianismo pouco convincente.

Joaquin em especial tinha muita dificuldade em acreditar que pessoas inteligentes e de boa vontade pudessem crer na doutrina histórica do cristianismo e em suas concepções sobre a sexualidade. Ao mesmo tempo, conhecíamos muitas pessoas na cultura evangélica e conservadora do Sul que simplesmente se recusavam a ter qualquer tipo de relacionamento com gays. Um lado queria que aceitássemos os princípios da cultura dominante

sobre a homossexualidade, enquanto o outro lado queria que excluíssemos completamente os homossexuais.

O evangelho cristão, porém, não nos permitiu fazer nem uma coisa nem outra.

Ele não se acomodou às categorias convencionais ou às perspectivas herdadas, e o cristão que seguia o evangelho estava em descompasso com todos os demais.

Contudo, nossa compreensão da fé cristã não nos permitiu de modo nenhum descartar, caricaturar ou demonizar quem quer que fosse, seja alguém

secularizado ou tradicional. A compreensão de que somos pecadores salvos exclusivamente pela graça fez com que tivéssemos uma enorme dificuldade em tratar alguém com desprezo ou receio.

De como se tornar pastor na “Cidade Secular”

Nossa família se mudou para a cidade de Nova York em 1989 para fundar uma nova igreja, a Redeemer Presbyterian Church. Embora eu já fosse ministro ordenado havia quinze anos, aproximadamente, meu ministério pastoral mudou em muitos aspectos significativos quando chegamos à cidade. Em Hopewell, tive de convencer as pessoas que iam à igreja de que elas não haviam compreendido o evangelho e que eram parecidas com os fariseus, aquela gente de Romanos 2.

Em muitos casos, tive de desafiar pessoas de elevado padrão moral a avaliarem se conheciam de fato Cristo por meio de sua graça salvadora. Tive também de lhes mostrar que o evangelho criticava as águas culturais nas quais eles nadavam e que criava uma contracultura cristã. Queria que se sentissem menos confortáveis em sua sociedade ao mesmo tempo que a servissem e participavam dela no local de trabalho e em seu bairro, em vez de simplesmente condená-la.

Manhattan, porém, era uma sociedade muito mais secular e pluralista do que o campus da minha universidade em fins dos anos 1960. Nesse novo ambiente eu tinha de convencer as pessoas que haviam rejeitado a fé de que elas também nunca haviam entendido o evangelho. Para elas, o cristianismo

era apenas uma outra forma de moralismo ou de justiça própria. Haviam rejeitado algo que jamais haviam entendido. Tive de argumentar que elas se pareciam com as pessoas de Romanos 1, pois, embora fossem aparentemente irreligiosas, tinham uma percepção e um desejo de Deus que foram suprimidos, mas que podiam ser percebidos em suas aspirações e práticas. Além disso, tive de convencer as pessoas da igreja de que o evangelho criticava tanto a cultura bíblica conservadora tradicional do Cinturão da Bíblia quanto a cultura secular de Manhattan. Os cristãos da cidade de Nova York se sentiam fortemente atraídos pelos ventos culturais cruzados em uma das duas direções.

Um vento cruzado pressionou os crentes a assimilar e a se adaptar em demasia ao individualismo e ao relativismo da cidade. Eles iam à igreja em busca de

inspiração, mas continuavam a dormir com as pessoas com quem estavam saindo. Gostavam demais quando a Bíblia condenava o racismo, mas ficavam incomodados quando ela ensinava que não podiam fazer o que bem quisessem com sua sexualidade. E eles nunca haviam tentado converter ninguém.

Aparentemente, essa estratégia parecia mais livre e de mente aberta em comparação com a das culturas conservadoras; na verdade, porém, esses crentes tinham adotado uma identidade moderna baseada na expressão pessoal e na autodefinição. Deus só era trazido como um acessório que possibilitava sua realização.

Outro vento cruzado levou os crentes a encontrar maneiras de viver quase que completamente dentro de uma bolha cristã, algo que era possível em Manhattan depois de fins dos anos 1990, quando muitos jovens evangélicos no início da vida adulta começaram a se mudar para a ilha juntamente com outros das gerações X e Y (millennials).

Como pastor, eu tinha de demonstrar que ambas as estratégias estavam erradas.

A metáfora bíblica do “sal” aplicada aos cristãos me ajudou. Em tempos passados, o sal ressaltava o sabor da carne, além de preservá-la do

apodrecimento. Quando Jesus disse a seus discípulos que eles eram o “sal da terra” (Mt 5.13), ele não estava falando do solo, mas do mundo, da sociedade.

Como o sal tem de ser espalhado na carne para fazer seu trabalho, assim também os cristãos não devem ficar reclusos e retirados; antes, devem ser dispersos pelo mundo para trazer à tona o melhor de sua sociedade, buscando ao mesmo tempo neutralizar suas piores tendências.

Em uma sociedade secular, há ideais morais — o cuidado com os pobres, a busca de justiça para os que não têm poder e a busca de igualdade para todos — que os cristãos podem promover impelidos por motivos bíblicos. De fato, os cristãos dispõem de recursos internos magníficos de autodoação e de sacrifício pessoal necessários à obra de paz e justiça em uma comunidade. Em contrapartida, em nossa cultura extremamente individualista vemos o declínio do casamento, casais que evitam ter filhos, o colapso da política, uma incivilidade crescente e a incapacidade de perdoar e de demonstrar respeito aos oponentes.⁷ Assim como o sal só será útil à carne se preservar sua capacidade de salgar, Jesus acrescentou que só podemos ajudar o mundo se preservarmos nossa integridade. Isto é, se o sal tiver exatamente a mesma composição química da carne, não lhe será útil. E, se o cristão se tornar alguém como os demais de sua sociedade, ele não poderá ajudar essa sociedade. Só podemos amar e beneficiar nossa cultura se formos

diferentes dela, se mantivermos uma identidade cristã, e não uma identidade secular.

Outra metáfora bíblica importante é a da cidadania, a qual Kristen analisará mais adiante. Paulo escreveu que somos cidadãos do céu (Fp 3.20,21), porém no livro de Atos ele se refere com frequência à sua cidadania romana e conta com ela. É

algo parecido com o que vemos em Jeremias 29, em que os exilados judeus, os quais eram em última análise cidadãos de Jerusalém, foram chamados por Deus para que fossem os melhores cidadãos da Babilônia (v. 4-7). De modo contraintuitivo, a segurança, o amor, a alegria e a ousadia dos cristãos, porque temos nossos “nomes [...] escritos no céu” (Lc 10.20), deveriam fazer

de nós os cidadãos mais extrovertidos e dispostos ao sacrifício pessoal de toda comunidade terrena.

Munido desses temas bíblicos, voltei-me para os dois tipos de crentes impelidos pelos ventos culturais em direção à assimilação ou à reclusão. Tentei fazer com que o primeiro grupo se sentisse menos à vontade em sua sociedade. Eles precisavam ver que sua cidadania no reino tinha de ter precedência e torná-los acentuadamente diferentes do restante da cidade na maneira pela qual encaravam o sexo, o dinheiro e o poder. Os crentes do segundo grupo precisavam reconhecer que eram cidadãos genuínos de Nova York. Insisti com eles para que servissem e participassem de três maneiras: demonstrando publicamente sua fé em seus relacionamentos, integrando a fé ao seu trabalho e trabalhando a favor da justiça e da compaixão em seu bairro.

Viver na prática essa dupla cidadania se tornou mais difícil ao longo dos anos.

Quando cheguei a Nova York, os cristãos evangélicos eram observados como curiosidades desconcertantes. Hoje, são encarados como uma força sinistra.⁸ O

mundo profissional da cidade de Nova York opera por meio de relações e de redes, por isso os cristãos aqui temem que, se expuserem publicamente sua fé, poderão ser prejudicados de diversas maneiras.

À medida que a situação no centro de Nova York vai se tornando a norma em outras partes do país, o cristão precisará de muita orientação, apoio e treino pastoral se quiser ser sal e luz e viver sua dupla cidadania.

O amor saberá o que fazer

Nas culturas seculares e pluralistas, o cristão muitas vezes sente receio de falar de suas crenças porque não sabe o que dizer. O pastor de crentes que vivem em ambientes assim deve abastecer frequentemente seu rebanho com conteúdo intelectual, até que eles se sintam capazes de lidar com as objeções e os argumentos. Contudo, os argumentos intelectuais, embora necessários, não são os mais importantes.

Como dissemos na introdução, o livro de John, *Confident pluralism* [Pluralismo confiante], apresenta três práticas que tornam a civilidade e a paz possíveis em uma sociedade pluralista. São elas a humildade, a tolerância e a paciência. As pessoas devem ser humildes, em vez de defensivas, devem buscar persuadir com paciência, em vez de forçar e de marginalizar, e devem tolerar e respeitar, em vez de demonizar. Alguns críticos do livro do John ressaltaram que nossas instituições culturais não formam mais pessoas com esses traços, e que serão raros tais agentes de civilidade e de reconciliação. Talvez seja verdade, mas a igreja, usando o evangelho, pode e deve formar pessoas com esses hábitos do coração, e acrescentar mais um: coragem.

O evangelho elimina o orgulho, provavelmente a maior barreira para uma troca de ideias com sensibilidade, mas com clareza. Ele nos diz que somos pecadores salvos unicamente pela graça de Deus, não porque sejamos mais sábios ou melhores do que qualquer outra pessoa. Ele nos diz que jamais devemos pensar que estamos imunes ao pecado e isentos da necessidade de arrependimento e de renovação. Essa é a humildade de que precisamos.

O evangelho elimina também o cinismo e o pessimismo. Ele oferece esperança real de que os olhos das pessoas podem ser abertos e que a mudança pode acontecer. Se olharmos para alguém e dissermos: “Esta pessoa não é do tipo que um dia enxergará a verdade”, estaremos contrariando o ensino do evangelho de que não existe um “tipo de pessoa” capaz de enxergar a verdade. “Não há quem busque a Deus”, diz Romanos 3.11; portanto, a fé e o entendimento que temos se devem exclusivamente à intervenção divina. Deus pode trabalhar (e trabalha de fato) em qualquer tipo de pessoa. Portanto, nunca devemos imaginar que alguém esteja além da esperança de mudar. Temos assim a paciência de que necessitamos, alicerçada na esperança.

O evangelho elimina a indiferença. Em Mateus 5.43-47, Jesus disse a seus discípulos que Deus dá boas coisas a todos os homens — “justos e [...] injustos”

—; portanto, cabe-nos amar e acolher a todos. Em 1João 3.16, lemos que Cristo entregou sua vida por nós, e isso deve nos mover a entregar nossa

vida por outros. Para o cristão, esta é a pergunta incômoda: Se fomos amados a despeito de nossos erros, e se descobrimos em Jesus Cristo a coisa mais importante do mundo, como é possível haver má vontade ou silêncio da nossa parte? Esse conhecimento produz a tolerância e, mais do que isso, produz o amor de que necessitamos.

Por fim, o evangelho elimina o medo. Embora devamos nos preocupar com ofensas desnecessárias às pessoas, a garantia do amor e da aceitação por parte de Deus deveria nos dar coragem para enfrentar as críticas e as desaprovações.

Há, portanto, quatro hábitos do coração necessários à troca pacífica, mútua e benéfica de ideias entre pessoas profundamente diferentes. Essas mesmas quatro características também são necessárias para qualquer compartilhamento frutífero da fé com não crentes. As quatro principais razões de uma evangelização infrutífera são a falta de humildade, de esperança, de amor e de coragem. O

evangelho proporciona todas essas coisas, se cremos nele, se o compreendermos e se nos alegrarmos nele de verdade. Os pastores precisam alcançar o íntimo do coração, ensinando, aplicando, cantando e orando o evangelho, até que esses hábitos e características floresçam.

E depois? Certamente o cristão precisa de instrução e de treinamento na Bíblia e em teologia, preparando-se também para responder às objeções dos céticos.

Contudo, se o evangelho da humildade, da paciência, do amor e da coragem estiver florescendo mais do que tudo em você, o amor sempre saberá o que fazer.

Pense em algumas das inúmeras bênçãos que temos em Cristo: uma satisfação que não se baseia em circunstâncias instáveis; um sentido de vida que o sofrimento não tira; uma identidade que não é frágil nem esmagadora porque não se baseia nos altos e baixos do nosso desempenho; uma esperança no futuro capaz de enfrentar qualquer coisa de forma confiante, até mesmo — e sobretudo

— a morte; a capacidade de oferecer e de aceitar o perdão e a reconciliação; os recursos internos de sacrifício pessoal que a prática da justiça requer. O que fazer para preservar essas coisas?

Alguém certamente perguntará: “Mas e se interagirmos com as pessoas ao redor de maneira humilde e paciente, com amor e coragem, e elas reagirem com raiva, sarcasmo e se empenharem em nos marginalizar?” Não seguimos o caminho que

escolhemos porque sabemos que será bem-sucedido, mas porque é o certo. O

salmista, vivendo no exílio, lamentava por morar “há muito tempo com os que odeiam a paz” (Sl 120.6,7). Não há nenhuma indicação de que ele devia desistir e partir para a guerra; em vez disso, Jesus disse que deveríamos abençoar aqueles que nos amaldiçoam (Mt 5.44).

No fim das contas, o pastor da cidade secular não precisa ser um intelectual que está sempre realizando seminários sofisticados sobre como transitar pela nossa cultura. Se usarmos os meios simples da graça — pregação e ensino, oração, adoração, os sacramentos, comunhão e amizade — para atizar a chama da fé no evangelho no coração, o amor pelas pessoas e a alegria no Senhor crescerão e vencerão o medo. O cristão descobrirá então como alcançar outros. O amor nascido da graça de Deus saberá o que fazer.

1. “The Age of Authenticity”, in: Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge: Harvard University Press, 2007), p. 473-504 [edição em português: *Uma era secular*, tradução de Nélio Schneider e Luíza Araújo (São Leopoldo: Unisinos, 2010)].

2. Charles Taylor, *Sources of the self: the making of modern identity* (Cambridge: Harvard University Press, 1989).

3. *The New English Bible* (Oxford University Press and Cambridge University Press, 1970), p. 54.

4. Hugh McLeod et al., *The decline of Christendom in Western Europe, 1750-2000* (Cambridge: Cambridge University Press, 2003), p. 1, citado em Stefan Paas, “Challenges and opportunities in doing evangelism”, in: G. Noort; K.

Avtzi; S. Pass, orgs., *Sharing good news: handbook on evangelism in Europe* (Geneva, Switzerland: World Council of Churches, 2017), p. 38.

5. Cores relacionadas, respectivamente, aos partidos Democrata e Republicano.

(N. do R.)

6. Em inglês, Bible Belt, faz referência a uma região dos Estados Unidos com forte presença do protestantismo na cultura local. (N. do R.) 7. Jennifer Senior afirma que, em uma cultura pautada por transações e individualismo, os filhos “são a última amarra obrigatória de uma cultura que

não requer em absoluto nenhum outro compromisso permanente” (*All joy and no fun: the paradox of modern parenthood* [New York: HarperCollins, 2014], p.

44).

8. Veja Dan Piepenbring, “Chick-Fil-A’s creepy infiltration of New York City”, *New Yorker*, April 13, 2018, disponível em:

<https://www.newyorker.com/culture/annals-of-gastronomy/chick-fil-as-creepy-infiltration-of-newyork-city>; acesso em: 4 maio 2021.

9. Veja o pequeno ensaio magistral de Carl Trueman “Blessing when cursed”, *First things*, June 14, 2019, disponível em: <https://www.firstthings.com/web-exclusives/2019/06/blessing-when-cursed>; acesso em: 4 maio 2021. Trueman se referia a um apelo feito por alguns conservadores para que se abandonasse “a cortesia, o respeito e a decência” na controvérsia com adversários seculares. Ele nos lembra acertadamente de que o cristão é chamado para falar dessa maneira não porque funciona, mas porque “é o jeito certo de refletir o caráter de Deus ao mundo”.



O AVENTUREIRO

TOM LIN

“Falta muito?”

“Falta pouco”, respondeu meu pai como de costume. “Tenha paciência.”

Eu estava sentado no banco traseiro da nossa perua Pontiac vermelha.

Inconformado, me inclinei na direção do banco da frente como se por força da vontade eu pudesse aumentar um pouco nossa velocidade. Pelo vão do encosto para cabeça dos bancos dianteiros, eu observava atentamente em busca de algum sinal de que estávamos chegando ao nosso destino.

Tínhamos feito uma parada curta para o almoço em uma mesa de piquenique na beira da estrada. Minha mãe serviu kimchap [espécie de sushi] com macarrão frito. Em seguida, voltamos rapidamente para a estrada.

Uma vez por ano tirávamos férias e íamos acampar. Era nossa chance de sair de casa levando apenas algumas roupas, um bebedouro e um fogareiro Coleman a gás propano, além de barracas. Com aquela idade, era como se eu estivesse me aventurando pelo deserto. Meu irmão e eu explorávamos trilhas imaginando que éramos os primeiros a pisar ali, longe do conforto da nossa casa. Adorávamos dormir naquelas barracas rústicas, separados das intempéries apenas por uma fina camada de poliéster. Saboreávamos os aromas simples da comida do campo, tão diferentes das comidas de Taiwan que comíamos todos os dias. Não demorou muito para eu perguntar de novo: “Falta muito?”.

Sempre gostei de sair de casa em busca de aventura.

Acredito que esse amor por aventura está no sangue da minha família. Meus pais, Sheng-Tsai e Sheue-Shua Lin, são imigrantes taiwaneses. No fim da adolescência, eles deixaram para trás a comida caseira, os amigos e a família para viver em um país cuja culinária e cultura, língua e estilo de vida, valores e visão sempre lhes pareceriam um tanto estranhos. Em razão do espírito

aventureiro dos meus pais, sou cidadão de um país em que os nomes Lewis e Clark, Armstrong e Aldrin representam algo de fundamental para o que esperamos nos tornar.

Sou também filho espiritual de Abrão, Sarai, Moisés e Zípora. E sigo os passos de missionários como Hudson e Maria Taylor, John e Betty Stam — pessoas que deixaram seus lares e foram para lugares distantes em resposta ao chamado divino. São pessoas que foram transformadas por suas aventuras.

As histórias dos cristãos que atenderam ao chamado divino para seguirem a aventura das missões plasmaram quem eu sou e meu modo de interagir com o mundo. Suas histórias também podem ajudar hoje os cristãos a transitar por territórios incertos próximos de sua casa.

Toda aventura verdadeira começa com uma incerteza Acampar sempre pareceu meio arriscado para meu irmão e para mim quando éramos crianças. Estávamos na mata, longe de casa, um tanto distantes de qualquer ajuda. Teria sido perigoso se não fosse pelos meus pais, que planejaram nossa viagem, prepararam nossas provisões, nos levaram ao local escolhido, nos instalaram e supervisionaram nossas explorações. Ou se não fosse o governo, que pavimentou as estradas, posicionou os serviços de emergência em distâncias razoáveis e fez a manutenção do sistema de parques; ou ainda o plano de emergência, que nos permitiria, em caso de mau tempo, jogar tudo dentro do carro e encontrar um hotel. Nossa grande aventura, na verdade, eram férias de família cuidadosamente planejadas. Talvez por isso gostávamos tanto: parecia arriscado, embora fosse perfeitamente seguro.

Talvez a desorientação e o desânimo que alguns cristãos sentem hoje seja reflexo do que acontece quando a única experiência que têm é a das viagens com a família para acampar, mas agora eles precisam enfrentar o deserto real. Talvez seu desejo seja como o meu desejo de criança quando saía de férias: eles querem

“aventura” e “risco” em um ambiente seguro. Contudo, o ambiente já não é mais seguro. A cultura, a lei e a política que aparentemente nutriram o ressurgimento evangélico a partir dos anos 1950 até os anos 1990 mudaram. Com frequência, o

cristão já não recebe apoio e elogios constantes. Em vez disso, somos às vezes encarados com desconfiança ou desdém em razão da publicidade que ganham nossas divisões, hipocrisias e deficiências. Já não nos sentimos mais à vontade e não estamos preparados para os rigores e riscos reais de estarmos fora do mapa.

Ficamos hesitantes em lugares cujos caminhos poucas vezes foram trilhados, em situações em que a rede de segurança foi removida, em cenários complexos em que nossos planos acabam e a improvisação começa.

Estamos perdidos? Devemos nos desesperar? Ou será que Deus estaria nos convidando a viajar para fora do mapa, em uma aventura que irá nos expor a riscos e, possivelmente, à transformação? Talvez ele queira que vejamos as mudanças à nossa volta como oportunidades que possibilitaram à igreja

crescer em coragem, fidelidade e flexibilidade. Talvez ele nos chame para uma fé madura que reflita segurança e confiança no Deus triúno.

Se for esse o caso, de que modo aceitaremos o convite? Em primeiro lugar, creio que prestando atenção à nossa “atitude de entrada” — a mentalidade com que nos aproximamos do nosso novo lugar ou de uma cultura em transformação.

Podemos suspeitar das coisas, ser críticos, movidos pelo preconceito e fechados, ou podemos ser abertos, acolhedores, confiantes e maleáveis. Nossa atitude de entrada influenciará de que maneira reagiremos quando passarmos pela frustração e dissonância inevitáveis que as novas situações apresentam. Ela poderá também antecipar como sairemos desse encontro — se nos sentiremos alienados, com relacionamentos rompidos, ou com um entendimento maior das coisas e com relacionamentos duradouros. Os aventureiros escolhem intencionalmente uma atitude de abertura. Quando esperamos um cenário desafiador, reagimos com agilidade. As barreiras se tornam oportunidades para a criatividade. A hostilidade declarada oferece a oportunidade de crescer em empatia. O inesperado se torna ocasião de experimentação.



Logo depois de regressar com minha família de mais uma viagem de verão ao campo, ingressei no primeiro ano do ensino médio e deparei com uma aventura nova. Como só eu e mais um colega na minha série éramos oriundos de grupos minoritários, já não me sentia mais confiante em meu contexto. Vi-me no deserto de uma escola nova. Na incerteza de novos relacionamentos e de diferenças culturais, encarava com desconfiança meus colegas. Estava receoso de como os outros enxergariam meus traços asiáticos e não queria correr o risco de explicar minha identidade ou de ajudar as pessoas a compreendê-la. E quando a pergunta inevitável veio à tona naquela primeira semana — “Tom, você é o quê? De onde você veio?” —, respondi sem titubear: “Sou havaiano”.

A ambivalência e a apreensão que sentia em relação à minha identidade racial me acompanharam até a universidade. Como calouro na Universidade de Harvard, ficava incomodado com a ausência de ázio-americanos nas reuniões de cristãos no campus. Onde está o meu povo? Pensava. Por que não estão se beneficiando da experiência fantástica de que tenho desfrutado

na Escritura, na comunhão e no envolvimento com a comunidade? Quem está em busca deles?

Os outros grupos cristãos, em geral vibrantes (e, em grande medida, brancos), neste aspecto pareciam indiferentes. Os poucos ázio-americanos que conheci também se mostravam indiferentes. A comunidade ázio-americana secular parecia fechada. Fiquei incomodado e vi aí a oportunidade para uma aventura.

Um dos ministérios do campus confirmou a dissonância que eu sentia e me encorajou a fazer perguntas e a iniciar novos programas que alcançassem mais ázio-americanos. Afastei-me então das estruturas existentes, criadas sobretudo para estudantes brancos, e entrei em novas comunidades. Testei novas ferramentas nesse ministério. Fracassei muitas vezes e com frequência me sentia envergonhado. No entanto, vi as sementes de uma nova comunidade sendo plantadas, uma comunidade que celebrou recentemente seu 25.º aniversário, ocasião em que inúmeros ex-alunos testemunharam como Deus os encontrou e os transformou em Harvard. A dissonância cultural foi o convite à invenção que resultou em transformação.

Hoje, ainda observo a existência de dissonância cultural nos campus universitários, mas me sinto encorajado pela forma como essa geração de estudantes está respondendo a ela. Por exemplo, a divisão da InterVarsity na universidade de Washington em St. Louis noticiou recentemente o crescimento do número de alunos sem religião e ateus. Em vez de se sentir intimidada, a divisão encarou essa dissonância cultural como uma oportunidade. Os cristãos

desse ministério acreditavam que os alunos ateus estariam abertos ao diálogo e ao relacionamento. Foi assim que um dia eles bateram na porta da Sociedade dos Livres Pensadores e os convidaram para um fim de semana de trabalho comunitário em St. Louis. Os ateus disseram: “Claro! Será uma aventura!”.

Enquanto trabalhavam lado a lado, conversavam e ouviam. À medida que partilhavam suas experiências, laços foram sendo criados. Eles cresceram em confiança e respeito mútuos. Poucas semanas depois, alguém bateu na porta da sala da InterVarsity durante seu estudo bíblico semanal. Eram os

membros da Sociedade de Livres Pensadores. “Podemos estudar a Bíblia juntos?”, perguntaram.

Em meio ao cenário incerto e em transformação de hoje, a aventura nos convida a uma atitude de abraço, e não de medo.

Custos inesperados e graça inesperada

Abrão e Sarai também experimentaram a dissonância cultural em sua aventura.

A jornada deles começou com um chamado para que deixassem tudo para trás:

“E o Senhor disse a Abrão: ‘Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei’” (Gn 12.1). Toda aventura começa com a decisão de deixar para trás o que nos é familiar. Quando nos apegamos ao familiar, como ocorre com os que saem em missão temporariamente levando consigo seu papel higiênico, barras de granola e aparelhos pessoais de entretenimento, a bagagem acaba nos sobrecarregando. Demandar o privilégio, a posição e o reconhecimento de que desfrutaram muitos cristãos ocidentais durante décadas nos mantém olhando para o passado de modo nostálgico; no fim das contas, assim como a mulher de Ló, ficamos petrificados demais para seguir em frente. Não nos envolvemos com o que nos aguarda mais adiante. Contudo, seguir em frente em direção a um território menos conhecido, com frequência, exige um preço.

Paguei esse preço com meus pais. Minha mãe e meu pai, que suportaram os sofrimentos da imigração e as cicatrizes do racismo, trabalharam arduamente para que eu tivesse um futuro melhor. Como eles esperavam, me saí bem no ensino médio, colecionando elogios por meu desempenho no atletismo e minha

liderança. Fui o orador da minha turma na solenidade de formatura e fiquei entre os vinte alunos mais brilhantes de todo o país de acordo com o USA Today.

Como um dos oito estudantes americanos a receber o prêmio de distinção acadêmica nacional concedido pela empresa M&M/Mars, cheguei até mesmo a aparecer em uma revista de grande sucesso entre o público adolescente e em um especial de tevê da ESPN. Depois, veio a maior honraria que pais taiwaneses poderiam imaginar: a carta de aceitação em Harvard. Eu era um modelo para as minorias.

Contudo, quando cheguei a Harvard, ouvi o chamado de Jesus para segui-lo de um jeito novo. Em um estudo bíblico sobre Marcos 10, senti que o Senhor me dizia: Tenho uma missão para você, Tom. Vá, venda tudo o que tem e dê aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e me siga. Não posso descrever a dor e o desapontamento no rosto dos meus pais quando lhes falei que tinha decidido recusar as oportunidades de emprego com salários iniciais de seis dígitos para iniciar uma arrecadação de fundos como missionário da InterVarsity Christian Fellowship.

Eles ficaram arrasados. Nós conversamos, discutimos e choramos durante vários dias. Por fim, diante da minha determinação, eles se ajoelharam e me suplicaram com as palmas das mãos estendidas: “Tom, nossa vida está nas palmas das suas mãos. Por favor, não nos esmague”. As últimas palavras da minha mãe naquele momento foram: “Se você fizer o que está dizendo, eu me matarei”.

Meus pais, a quem amo tanto, pararam de se comunicar comigo. Foi doloroso.

Não retornavam mais minhas ligações. Não respondiam às minhas cartas. Eles entraram em uma depressão severa, e mesmo assim se recusavam a falar comigo.

Deixaram de ir à igreja e se afastaram de seu grupo de amigos.

O silêncio e a reclusão dos meus pais duraram anos. Foi então que, em 2001, justamente quando minha esposa, Nancy, e eu havíamos começado a discernir uma nova oportunidade para missões, minha mãe foi diagnosticada com câncer de estômago em estágio IV. Deus usou essa ocasião de sofrimento extraordinário para aproximar novamente nossa família. Quando meus pais me procuraram, não conversamos sobre minha carreira, sobre o

que Nancy e eu faríamos em seguida ou sobre o passado. Em vez disso, nos concentramos na quimioterapia, nas visitas semanais ao hospital e nos remédios diários. Ao passarmos mais tempo juntos, pensei se Deus não estaria abrindo uma porta para nos reconciliarmos.

Comecei a orar com mais fervor e insistência por essa oportunidade.

Nos meses que se seguiram, vi Deus trabalhar na vida dos meus pais de maneiras extraordinárias. Eles se voltaram para Deus em busca de ajuda e de misericórdia, pedindo-lhe perdão e a restauração do seu relacionamento com ele. Começaram a orar regularmente, a ler todos os dias as Escrituras e ir à igreja sempre que minha mãe tinha forças suficientes para isso. Decidiram também se reconciliar com os amigos ao comunicarem a notícia do câncer de minha mãe. Depois de anos de isolamento, meus pais começaram a experimentar a restauração de seus relacionamentos com a comunidade.

A restauração final foi comigo. Uma noite, durante uma visita de duas semanas que lhe fazíamos por ocasião do Natal, minha mãe me chamou do sofá em que estava descansando. Lágrimas rolavam pelo seu rosto. Ela pegou minha mão e me disse: “Tommy, há uma coisa que estou querendo dizer a você faz muito tempo. Desculpe. Desculpe. Sei que fiz você sofrer muito nesses anos todos. Eu devia ter apoiado você, devia simplesmente ter amado você. Tommy, me desculpe de verdade. Eu amo você, Tommy”. Fiquei atordoado, mas senti ao mesmo tempo que um fardo enorme estava sendo retirado do meu coração. As orações que eu fizera anos a fio foram finalmente atendidas. “Eu sei, mãe, eu sei.

Eu perdoo você, também peço desculpas pelo sofrimento que lhe causei. Amo você também”.

A cura que sobreveio a mim e à minha mãe prosseguiu até o princípio de 2002.

Um dia, então, Nancy e eu chamamos meus pais até a sala de estar para compartilhar com eles nossos planos para o futuro: íamos plantar um movimento estudantil cristão na Mongólia. Quando comecei a falar, senti meu coração bater receoso. Tínhamos evitado o assunto desde que o câncer da minha mãe fora comunicado, mas como o Senhor estava nos chamando

para irmos à Mongólia naquele ano queríamos que eles nos abençoassem. Temíamos que se sentissem abandonados mais uma vez.

Depois de revelar o que se passava em nosso coração, meu pai começou a chorar e disse: “Pensei muito na minha vida este ano que passou e me dei conta de que todos os meus sonhos se tornaram realidade. Vim para este país, Deus me deu um emprego estável, dois filhos maravilhosos, me deu sua mãe, uma casa... Tommy, quero que seus sonhos também se tornem realidade. Por isso, se Deus está chamando você para a Mongólia, então você deve ir”.

Fazia dez anos que eu ansiava ouvir essas palavras. Palavras de aceitação.

Apoio. Amor. E então, apenas um mês depois, minha mãe morreu. Deus trouxera

a restauração no seu tempo. E agora, plenamente abençoados por meus pais, Nancy e eu nos sentíamos livres para abraçar o chamado para uma aventura ainda maior.

Viajando com pouco

Não se sabia da existência de cristãos na Mongólia até 1989. A Bíblia só foi traduzida em mongol no ano 2000. A renda média da família local era de menos de 40 dólares ao mês e a temperatura média no inverno de -4 oC (o inverno vai de fins de setembro até o fim de abril). Os desafios eram assustadores, para dizer o mínimo. Contudo, com nada além das nossas três malas, mochilas e casacos de inverno, deixamos os amigos e a cultura com que estávamos habituados para percorrer quase meio planeta.

Não foi uma época fácil. Lembro-me perfeitamente de uma noite fria no nosso apartamento em Ulaanbaatar em que Nancy e eu gemíamos e nos abraçávamos no piso do banheiro às escuras. A luz acabara novamente, porém mal tínhamos percebido em meio a uma discussão que travávamos. Tínhamos saudades de casa. Tínhamos saudades dos amigos. Nós nos sentíamos sós e alienados em todos os aspectos. Deus, porém, estava nos transformando de turistas em residentes temporários. Passamos por perdas reais, correndo riscos reais, e nos sentíamos realmente vulneráveis.

Destituídos de tudo que nos era familiar, experimentamos a aventura nos termos estabelecidos por Deus, confiantes em sua provisão e dependentes de sua misericórdia. Nancy e eu éramos forçados a crer no que Jesus disse a Paulo (que ministrou em contextos parecidos): “A minha graça é suficiente para você, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9).

Muitas vezes me pergunto o que os cristãos nos Estados Unidos terão de deixar para abraçar a aventura que Deus nos tem preparado. Imagino o que Deus vai tirar a fim de que nos apeguemos desesperada e unicamente a ele. De que modo o desejo de poder, de privilégios e de posições nos deixam petrificados no mesmo lugar? De que maneira nossos recursos financeiros, as ferramentas tecnológicas e a arrogância cultural se colocam entre nós e um encontro sincero com Deus e com o mundo?

Como seria viajar com pouco hoje em dia?

Abraçando a humildade

Nancy e eu chegamos à Mongólia em 2002, com a segurança de um passaporte americano e de um ministério com bons recursos. No entanto, enfrentamos também por novas vulnerabilidades: éramos metaforicamente cegos, surdos e mudos (porque ainda não sabíamos ler ou falar mongol); éramos inexperientes (porque nossa criação em um bairro de classe média não nos preparou para enfrentarmos os desafios de um país predominantemente rural); isolados (porque nossas redes de amizades não estavam ao nosso alcance naquele tempo, antes das redes sociais e do fácil acesso à internet); e marginalizados (porque, como estrangeiros, com frequência sofriamos escárnio e roubo, e éramos revistados pela polícia). Essas vulnerabilidades nos convidavam a abraçar novas virtudes.

Descobrimos a verdade do que Lesslie Newbigin escreveu profeticamente nos anos 1990 em seu livro *The open secret*:

Somos forçados a fazer uma coisa que as igrejas ocidentais jamais fizeram desde os tempos do seu nascimento: descobrir a forma e a substância de uma igreja missionária de acordo com parâmetros válidos em um mundo que rejeitou o poder e a influência das nações ocidentais. As missões não se darão mais no fluxo de expansão do poder ocidental [...] E, nessa situação,

veremos que o Novo Testamento fala conosco muito mais diretamente do que o século 19 [e os primeiros movimentos missionários ocidentais] à medida que aprendemos novamente o que significa testemunhar do evangelho a partir de uma posição não de força, mas de fragilidade.¹

Nancy e eu não tínhamos os recursos e as ferramentas que os americanos geralmente carregam em suas aventuras locais e pelo mundo. Simplesmente não podíamos resolver com dinheiro os problemas que enfrentávamos. Não havia como recorrer a estratégias, técnicas de comunicação ou mobilizações

extraordinárias para resolver os problemas. Não tínhamos nada e não estávamos satisfeitos com isso. Éramos pouco mais do que crianças, assimetricamente dependentes dos mongóis locais; precisávamos deles mais do que eles de nós.

Esse processo de humilhação, porém, nos abriu para um relacionamento autêntico e atento às formas pelas quais sobrecarregávamos os que estavam à nossa volta. Ele nos introduziu em uma rede de relações, obrigações e oportunidades. Exigiu de nós paciência. Humildade. Foi um agente catalisador de amor.

Vivenciamos todas essas graças por meio de amigos como Batka, um estudante universitário mongol que encontrou a fé durante um acampamento de verão em inglês que organizamos. Nancy e eu éramos seus professores; viemos à Mongólia como missionários para estudantes como ele. Contudo, era Batka quem nos ensinava. Precisávamos que nos contasse como era a cultura mongol e nos explicasse por que os métodos americanos que usávamos eram ineficazes.

Precisávamos do novo amor que ele encontrara em Jesus, porque animava nossa fé. Precisávamos de sua amizade, que nos ensinou generosidade e graça. Três anos depois, Batka me pediu que fizesse seu casamento e dissesse algumas palavras na ocasião. Até hoje somos grandes amigos.

Nossa dependência de amigos como Batka também apagou muito da arrogância, impaciência e individualismo ocidentais que trazíamos inconscientemente.

Nossa humilhação nos salvou do complexo de Messias e do imperialismo cultural que com tanta frequência intoxica os esforços dos missionários ocidentais. Estávamos sendo preparados para abraçar o desafio articulado por Samuel Escobar em *The new global mission* [A nova missão mundial], para que as missões sejam realizadas “a partir de baixo”, em contraste com a velha cristandade que praticava o que pode ser descrito como “missões a partir de cima” — de uma posição de poderio militar, cultural, financeiro ou tecnológico.²

Quando penso em ministrar a partir de baixo, penso em meu pai. Ele cresceu na pobreza em Taiwan. Foi para os Estados Unidos com quase nada no bolso e sabendo muito pouco inglês. Sob vários aspectos, foi bem-sucedido e realizou o sonho americano, mas nunca se iludiu acreditando que trabalhou mais ou foi mais leal do que os outros. Sabia que outros tinham trabalhado tanto quanto ele na Ásia, mas continuaram pobres. Outros imigrantes que também falavam inglês jamais chegaram à alta classe média como ele chegou. Outros que emigraram de diferentes países passaram por episódios de racismo mais explícitos e mais danosos do que ele passou. Meu pai sabia que tudo o que conseguira fora dádiva

da graça de Deus. Isso fez dele uma pessoa generosa com os outros, incluindo outros imigrantes, e lhe gerou amor até mesmo quando foi marginalizado por seus colegas de trabalho e ignorado nas promoções. Ele não tinha muita voz nesses contextos, mas sua vida falava por si. Era possível ver e perceber sua humildade e dependência de Deus. É por isso que, sempre que estou em uma aventura, faço questão de ser conhecido como o filho de Sheng-Tsai Lin.

Também quero ser conhecido como filho de Deus. Adoramos um Deus que veio ao mundo em uma condição vulnerável. Quando bebê, dependeu de José para proteção e de Maria para o seu sustento. Ele recebeu alegremente ajuda financeira de mulheres como Maria Madalena, Susana e Joana (Lc 8.2,3). Uma mulher samaritana lhe serviu água. Comeu com frequência à mesa de Maria e de Marta. No Getsêmani, ansiou pelo incentivo e companheirismo de seus discípulos. Essa vulnerabilidade, tanto quanto seus milagres e ensino, fez com que os primeiros discípulos passassem da admiração ao amor, e deu forma à ética de uma interação cultural que mais tarde mudou um império — e poderia mudar novamente.

Viajando juntos

Nancy e eu fomos para a Mongólia na esperança de que, em algum momento, tivéssemos algo de valor para oferecer aos crentes de lá. Por fim, alcançamos nosso objetivo, mas também recebemos muita coisa de nossos novos amigos.

Nosso ministério se tornou uma verdadeira parceria com os crentes mongóis, baseada em relações autênticas construídas ao longo de meses de completa dependência de outros. Vimos que cada um tinha talentos e conhecimentos importantes — e que tudo isso era parte da missão de Deus naquele país.

Um sábado, Nancy e eu tiramos a manhã de folga enquanto os líderes estudantis locais, que estavam bem preparados para fazer estudos bíblicos em mongol e interagir com seus amigos não cristãos, realizavam um retiro. De repente, o telefone tocou: “Venham imediatamente!”, disseram os líderes, “precisamos de vocês”. Quando chegamos, descobrimos que queriam a nossa presença por outros motivos. Disseram a Nancy que fosse até uma sala cheia de estudantes em oração e, sabendo de seus dons carismáticos, pediram a ela que fizesse um

exorcismo. Pediram-me que fosse à outra sala e jogasse jogos de tabuleiro com outros estudantes. É evidente que cada um tinha uma contribuição própria a dar!

Nossa cultura está repleta de exemplos de equipes formadas por pessoas variadas que nutriam suspeitas umas em relação às outras, mas que descobriram a contribuição específica e fundamental que cada uma tinha a dar: histórias épicas como *Os vingadores* e *A sociedade do anel*, exemplos históricos como o grupo de rivais de Lincoln e vitórias militares inesperadas, bem como histórias pessoais e locais que muitos de nós conhecemos de primeira mão. Quando admitimos nossa necessidade de interdependência, avaliamos nós mesmos e os outros corretamente, isto é, como pessoas criadas à imagem de Deus e dotadas de talentos próprios e preciosos. Essa postura nos convida a correr riscos juntos. Ela nos exorta a celebrar o sucesso de outros, em vez de nos sentirmos ameaçados, porque sabemos que todas as nossas habilidades são importantes no reino de Deus, o que resulta em uma união mais profunda.

Imagine o que poderíamos mudar se abraçássemos o verdadeiro espírito da interdependência. Racismo, homofobia, misoginia e nossa apatia em relação aos que diferem de nós se dissipariam quando afirmássemos nossa necessidade uns dos outros e reconhecêssemos livremente nossos pecados e feridas. Surgiriam verdadeiras parcerias entre igrejas missionárias, particularmente entre igrejas com bons recursos financeiros nos Estados Unidos e igrejas espiritualmente vibrantes em outros países. Os diálogos interconfessionais e interculturais levariam a sério nossas diferenças, bem como nossas áreas de interesse comum.

Com isso, pareceríamos mais humanos, mais como Jesus.

Constatamos que há lampejos de parcerias favoráveis à progressão do reino que podem emergir da humildade e da interdependência. Há muitos anos, fiquei intrigado com um anúncio em um jornal chinês em que aparecia o logo da Wycliffe Bible Translators, Save the Children, Unicef e IKEA. Juntas, essas organizações estavam patrocinando um projeto de tradução que forneceria material educacional na língua materna das crianças de minoria étnica na China.

A Save the Children queria educar essas crianças, mas precisava de orientação linguística. A Wycliffe tinha profissionais no setor, mas precisava da Unicef para conseguir a aprovação do governo. A Unicef havia lançado uma iniciativa global para tirar as comunidades minoritárias da pobreza, mas para isso precisava de organizações que soubessem trabalhar com crianças. Todos precisavam de financiamento, e a IKEA se dispôs a colaborar generosamente e a investir seus lucros nas comunidades locais. Como resultado, o reino prosperou através de

uma parceria extraordinária de uma loja de móveis com fins lucrativos, uma agência missionária evangélica e duas organizações internacionais não governamentais!

Meu trabalho com a InterVarsity Christian Fellowship me proporcionou outros exemplos. Recentemente, uma grande universidade pública da Califórnia pediu a InterVarsity que se encarregasse da semana de boas-vindas aos alunos de outros países. A universidade reconheceu nossa experiência e capacidade transculturais de mobilizar a comunidade local.

Nós entendemos que servir a instituição desse jeito nos ajudaria a alcançar um número maior de estudantes internacionais. De igual modo, uma escola da Divisão I da NCAA pediu a InterVarsity que treinasse seus técnicos e o pessoal de departamento de atletismo para orientar os alunos em discussões sobre racismo e parcerias transculturais. Eles tinham observado os estudantes da InterVarsity conduzirem essas discussões em suas equipes durante os estudos bíblicos e queriam que sua equipe de técnicos fosse capaz de conduzir diálogos semelhantes durante os treinos, o que beneficiaria o campus todo. A InterVarsity, por sua vez, dependia de vários técnicos, os quais tinham interações diárias com os estudantes que praticavam atletismo, para orientar e de dar apoio aos estudantes cristãos. Nossa dependência mútua levou a uma colaboração que promovia o avanço do reino.

Não faltam desafios à interdependência. Ela nos obriga a discernir até que ponto podemos fazer parcerias ou nos identificar mutuamente. Para alguns cristãos, cuja linhagem espiritual depende de quanto eles se distinguem de outras tradições cristãs (que são para eles menos precisas teologicamente, menos motivadas para missões ou menos coerentes em seu comportamento), a parceria se torna particularmente difícil. Eles são sensíveis às concessões e à impureza de outras teologias.

Fui obrigado a lidar com questões de interdependência de modo novo em 2015, quando estive à frente da Urbana, o congresso mundial de missões da InterVarsity realizado a cada três anos, que reuniu 16.000 estudantes. Como parte de um programa de um dia inteiro, cujo tema era o modo pelo qual os cristãos ao redor do mundo respondiam à opressão, convidamos um expositor da Ásia, um plantador de igrejas no Irã, um líder de ministério no campus universitário da Tunísia e outros cristãos para que partilhassem suas experiências. Convidamos também uma líder de louvor afro-americana de St.

Louis para que descrevesse a experiência da igreja negra dos Estados Unidos sob a opressão do racismo. Ela se deteve no modo que a igreja negra se voltou para a

adoração e para a oração a fim de resistir às forças destrutivas à sua volta.

Durante sua mensagem, também criticou o silêncio das igrejas evangélicas de maioria branca. Acrescentou ainda que aprovava a censura profética desse silêncio por afro-americanos, incluindo alguns envolvidos no movimento Black Lives Matter.

Antes do congresso, e já prevendo algumas controvérsias, visitei o site do Black Lives Matter. Imaginava que os cristãos certamente concordariam com sua afirmação sobre a comunidade negra, de como ela fizera “contribuições a esta sociedade, à humanidade, e a maleabilidade que demonstrou em face da opressão mortal”. E certamente, supus, poderíamos compartilhar de seu objetivo de “trabalhar enfaticamente de forma coletiva, com amor e coragem pela liberdade e pela justiça das pessoas negras e, por extensão, de todas as pessoas”.

É claro que deparei também com posições e afirmações no site com as quais discordava, assim como não estava de acordo com todas as ações encampadas pelo movimento. No entanto, o mesmo aconteceria se eu tivesse de analisar os sites de muitas igrejas e ministérios cristãos. Não esperava abraçar todas as posições defendidas por um movimento declaradamente não cristão. Contudo, esperava que pudéssemos trabalhar juntos contra o pecado do racismo em nosso país.

Nem todos entenderam dessa maneira. Fui duramente criticado em minha liderança por alguns cristãos que aplaudiam nosso posicionamento sobre santidade pessoal, mas rejeitavam nosso apelo para que lidássemos com a injustiça sistêmica. Meses depois, quando a InterVarsity confirmou seu comprometimento com o ensino cristão histórico sobre a sexualidade humana, a crítica veio por outra via, da parte daqueles que ratificaram nosso comprometimento com a luta contra a injustiça racial, mas rejeitavam nosso posicionamento sobre a sexualidade humana. Como organização comprometida com a ética bíblica voltada tanto para a justiça pessoal quanto para a social, a InterVarsity abarca diferentes comunidades com as quais não concordamos plenamente.

Em que medida o cristão pode e deve fazer parceria ou expressar solidariedade com outras organizações em torno de questões de convicção comum? É o que eu me pergunto. John Inazu tratou de uma dessas indagações no ensaio “Do black lives matter to evangelicals?” [“A vida dos

negros importam para os evangélicos?”], publicado no Washington Post. Ele concluiu com as seguintes palavras que me pareceram corretas:

Identificar um território comum não significa endossar todos os objetivos ou valores das pessoas de quem nos aproximamos. Mas significa que há, de fato, uma aproximação. Essa ideia está no centro da visão do que denominei

“pluralismo confiante”. O desafio dessa visão consiste em penetrar a realidade do pluralismo à nossa volta em busca de um território comum. Podemos fazê-lo com confiança em nossos princípios.³

A maioria de nós se associa com pessoas, instituições e movimentos que divergem em pontos importantes de nossas principais convicções. Somos membros de famílias, empregados de empresas e cidadãos de países cujos objetivos e aspirações são, com frequência, subcristãos. Quando essas diferenças são injustas ou más, é preciso que nos diferenciemos delas. Contudo, quando possível, devemos nos aproximar, descobrir um território comum e traçar o menor número possível de limites. O sal não deve ficar no saleiro. Não se deve pôr uma lâmpada debaixo de um cesto. O cristão não deve deixar de afirmar o que for bom, verdadeiro e belo onde quer que o veja, ainda que advenha de fontes com as quais discorde em outros aspectos.

Temos de viajar juntos, mesmo com nossas diferenças.

Viver no mundo significa buscar um território comum com pessoas e objetivos nem sempre centrados no evangelho. Para o aventureiro, isso são boas-novas, porque lhe possibilita formular diferentes perguntas. O que Deus poderia fazer nessa situação? Que lutas são dignas de minha empatia? Que pontes podem ser construídas? Onde o reino de Deus poderá se manifestar?

Essa generosidade de espírito não emerge do otimismo ingênuo, mas da confiança na soberania e na misericórdia divinas. Ela antecipa a felicidade. Ela nos obriga a deixar a mera tolerância em favor da apreciação humilde do inesperado. Ela nos abre para novas experiências e novas ideias. Há um lugar, certamente, para o discernimento e para a crítica da Escritura, mas estes devem ser expressos de maneira humilde e com amor. Alguém poderá dizer que tal postura nos expõe ao perigo. É verdade. O perigo é da natureza

da aventura. Não devemos ser displicentes a esse respeito. O que nos dá esperança e confiança nessa aventura, porém, é que podemos confiar em nosso guia.

Resistentes em nossos fracassos É claro que às vezes fracassaremos. No entanto, para quem está disposto a se aventurar, o risco e a derrota são convites à resistência. Quando preparava estudantes universitários para breves experiências missionárias, costumava sempre dizer a eles: “O que vocês fazem aqui não é importante. O que vocês fazem a seguir é que importa”. Eles ficavam atônitos, então eu dizia: “Por mais cuidadosos que vocês sejam, e por mais atenção que deem ao seu preparo, cometerão um erro transcultural nesta viagem. Ficarão envergonhados e, possivelmente, ofenderão as pessoas que nos acolheram”.

Nesse ponto, os estudantes geralmente ficam constrangidos. “Estou menos preocupado com o erro que vocês cometeram e mais preocupado com o que farão a seguir”, explico a eles. “Vocês vão se encolher envergonhados? Vão fingir que a ofensa não aconteceu? Vão se culpar?” Aí faço uma pausa e observo os estudantes identificando sua tendência ao automatismo.

“Ou”, prossigo, “vocês vão intervir? Vão fazer perguntas para aprender com o que deu errado? Vão se desculpar e propor algum tipo de reparação? Vão estender graça a si mesmos? Vão encarar o que aconteceu como uma oportunidade para aprofundar o relacionamento, e optar por ser mais vulneráveis e dependentes? Não é o que vocês fazem, mas o que farão a seguir é que importa”.

Para aqueles estudantes que sempre foram bem-sucedidos fazendo as coisas do jeito certo, pensando no que é certo e dizendo as coisas certas, minhas palavras eram duras de ouvir. Eles tinham evitado o fracasso a vida toda. Sempre acharam meios de atenuar as dificuldades. Isso se aplica principalmente àqueles que foram criados em uma cultura que os sociólogos Christian Smith e Melinda Lundquist Denton chamaram de “deísmo terapêutico moralista”, aquele que teme o desconforto e evita o fracasso.⁴ Como resultado, a muitos estudantes hoje assim como no passado falta a resiliência, isto é, a capacidade de se recuperar da derrota.

Como formar cristãos com fé resistente? Creio que as igrejas de países não

ocidentais, de comunidades imigrantes e igrejas de pessoas que sofrem com o racismo poderiam nos discipular nessa área. Há séculos eles demonstram resistência. Dão-nos exemplos de um testemunho alegre em meio à sanção social e à opressão cultural. Oferecem modelos de lamentos que se enquadram fortemente com a Escritura e interagem de modo íntimo com a injustiça e o pecado. Eles nos mostram como desafiar os principados e as potestades incrustados no sexo, no dinheiro, no poder e em outros ídolos. Participam da missão global e local sem acesso a recursos financeiros significativos. Ao expressar a teologia e a missão “de baixo para cima”, eles abençoam aqueles que por muito tempo vêm ministrando de cima para baixo.

Faz alguns anos, participei do congresso nacional da Comunidade Nigeriana de Estudantes Evangélicos. A exemplo de todo congresso de ministérios universitários, os estudantes ali adoravam apaixonadamente e interagiam avidamente com a Escritura. Contudo, diferente da maior parte dos congressos universitários dos Estados Unidos, o centro do evento era vigiado por dezenas de guardas armados de metralhadoras, prontos para qualquer ataque terrorista das forças das milícias islâmicas. Esse é o ambiente em que se dá normalmente sua ministração. Em 2015, eles perderam seus colegas quenianos em um ataque terrorista contra cristãos na Universidade de Garissa. Seus amigos e familiares foram mortos pelo Boko Haram. Mais de 1,5 milhão de seus companheiros cristãos foram obrigados a sair de casa e estão passando fome. Contudo, milhares de estudantes aceitaram o chamado para se mudarem para o norte do país dominado pelo islã, colocando sua subsistência e vida em risco. Outros milhares aceitaram o desafio de se mudar para países fechados na Ásia para proclamar o evangelho. O que lhes dá resistência para tanto? Ao declararem:

“Não sucumbiremos ao medo, vale a pena sacrificar a vida pelo evangelho”, eles compreenderam o valor do evangelho.

Mais recentemente, estive no Líbano, Jordânia, Israel e Palestina ouvindo o que têm a dizer os cristãos árabes. Na ocasião, me lembraram das formas pelas quais Deus tem preservado uma igreja para si no decorrer dos séculos. Ouvi muitas histórias sobre como Deus chama milagrosamente os muçulmanos para segui-lo hoje. Conheci líderes cristãos palestinos que me contaram como ajudam seu povo nas deportações, na ocupação militar e no

isolamento internacional. O que lhes confere resistência? Eles compreendem o poder e a soberania de Deus.

Nos Estados Unidos, continuo a ser desafiado pelas formas de as igrejas de negros e hispânicos integrarem justiça social e evangelização ao seu testemunho

do evangelho. Sua adoração combina lamentações e louvores, uma esperança profunda e um sofrimento genuíno. Esses cristãos, companheiros nossos, estão sujeitos à opressão sistêmica, à pobreza econômica e ao deslocamento contínuo.

Com frequência, seus interesses são rejeitados ou minimizados por outros cristãos. Muitas vezes têm de trabalhar criativamente com recursos limitados. O

que lhes dá resistência? Eles sabem que o reino chegou e está chegando.

Transformados pela aventura

Eu amo a aventura porque a verdadeira aventura nos transforma; a fuga não. Os filmes que vi na minha juventude, como Star Wars e Indiana Jones, geralmente apresentavam um herói autossuficiente que tinha praticamente tudo (naquele tempo era quase sempre um homem) de que necessitava: sagacidade, força física e destreza impressionantes, recursos materiais suficientes e uma habilidade surpreendente com línguas antigas ou obscuras. O que ele não tinha, ele pegava.

Se dependesse de um indivíduo local, esse era um problema a ser resolvido, e não uma oportunidade a se comemorar. Quando voltava para casa, chegava sem mudança nenhuma e praticamente sem cicatrizes. Por mais que esses filmes nos distraíssem, no fim das contas ficavam a dever.

Por sua vez, nas histórias mais gratificantes, o aventureiro muda. Em O senhor dos anéis, Frodo, o protagonista, é inicialmente frágil e impotente. Ele depende de todo mundo para tudo — direção, proteção e provisão. Ele é tão impotente e vulnerável que fracassa. Sua missão é bem-sucedida apesar dele, e não por causa dele. A jornada, porém, o modifica. Não se trata de

uma fuga. Ele volta para casa transformado, tão enobrecido e tão alquebrado que não pode ficar. “Tentei salvar Shire, e salvei”, diz ele, “mas não para mim. Muitas vezes, é assim que tem de ser, Sam, quando as coisa estão em perigo: alguém tem de abrir mão delas, perdê-las, para que outros as possam manter”.⁵

Assim como Frodo, se aceitarmos o deserto em que nos encontramos e abraçarmos a jornada que Deus tem para nós, não ficaremos onde estamos. Não retornaremos para onde começamos. Temos de embarcar em uma aventura.

Juntos e com Deus.

“Falta muito?”

“Falta pouco”, é a resposta de sempre. “Tenha paciência.”

1. Lesslie Newbigin, *The open secret: an introduction to the theology of mission* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995), p. 5 [publicado em português por Edições Vida Nova sob o título *O segredo revelado: uma introdução à teologia da missão*].
2. Samuel E. Escobar, *The new global mission: the gospel from everywhere to everyone* (Downers Grove: IVP Academic, 2003), p. 19-20.
3. John Inazu, “Do black lives matter to evangelicals?”, *Washington Post*, January 6, 2016.
4. Melinda Lundquist Denton; Christian Smith, *Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers* (Oxford: Oxford University Press, 2005).
5. J. R. R. Tolkien, *The return of the King* (New York: Del Ray/Ballantine Books, 2001), p. 338 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *O retorno do rei*].



O EMPREENDEDOR

RUDY CARRASCO

O modelo da minha revista havia sumido. Eu o tinha deixado sobre a mesa do escritório na noite anterior, mas de manhã não estava em parte alguma que eu pudesse encontrá-lo. Eram dezesseis folhas de papel branco presas com durex, em que havia rabiscos, quadrados e títulos em tinta azul. Era o protótipo em estado bruto da primeira edição da revista Urban Family [Família urbana].

Estávamos no verão de 1991, e o dr. John Perkins, desenvolvedor e reconciliador racial de uma comunidade missionária, havia decidido lidar com a persistente negatividade da mídia em relação à comunidade negra. Ele

tinha em mente uma publicação que oferecesse uma perspectiva diferente e mais positiva para tratar dos problemas sociais. Entrei para a equipe de Perkins logo depois que saí da universidade e, passado um ano, tinha me tornado editor geral da Urban Family.

Ao meio-dia, o mistério do modelo desaparecido tinha sido resolvido. Perkins o pegara da minha mesa para mostrá-lo em uma reunião com amigos e líderes de igrejas. Mais tarde me disseram que ele havia brandido o protótipo no ar para lá e para cá como se fosse um sabre de luz, enquanto discorria sobre sua visão de uma revista nacional que oferecesse esperança e soluções para os desafios urbanos, e retratasse os negros e outros grupos marginalizados sob uma ótica positiva.

Imagine meu choque quando uma pessoa que tinha participado daquela reunião nos enviou uma contribuição de cem mil dólares algumas semanas depois.

Soubemos que a contribuição tinha sido influenciada, em parte, pelo aspecto rudimentar do meu protótipo cheio de durex. O doador disse a Perkins: “Você não vai conseguir leitor algum com exemplares mimeografados e grampeados.

Tem de ter uma capa colorida e um design chamativo”.

Perkins teve a ideia para a Urban Family depois de ver filmes como Menace II Society [Perigo para a sociedade]. Ele estava desapontado com a cobertura que a mídia em geral fazia da população negra, o que era exemplificado pelo alto

investimento em filmes sobre a realidade da vida das gangues, mas que pouco expunham temas mais edificantes. Em vez de simplesmente reclamar, ele decidiu fazer alguma coisa a respeito desse retrato feito pela mídia. E, embora a revista tivesse sido lançada com profissionalismo, Perkins estava disposto a tirar cópias e distribuí-la de mão em mão, se fosse preciso. Quando encontrava um problema, ele buscava uma solução, em vez de simplesmente se queixar.

Não achávamos que fôssemos empreendedores, mas éramos. Criamos algo do nada para preencher uma lacuna específica. Éramos uma revista de negros dedicada à esperança e a soluções. Passado um ano, embora não fôssemos ainda rentáveis, tínhamos uma tiragem de quinze mil exemplares e uma receita publicitária substancial. Como não tínhamos fins lucrativos, dependíamos de doações da vasta rede de amigos de Perkins. Nossos salários eram baixos e contávamos com uma equipe pequena de cinco pessoas. Dispúnhamos de uma infraestrutura sem fins lucrativos já instalada, a qual incluía um escritório, telefones e computadores. A revista era um novo empreendimento enxuto —

com reportagens bem apuradas e uma apresentação visual consistente — e tal foi seu impacto que a Christianity Today fez com a Urban Family um contrato de um ano, com opção de compra da revista após avaliar sua viabilidade comercial.

Como costuma acontecer às vezes com quem empreende, um acaso da história reforçou o timing da nossa empresa. A primeira edição de Urban Family foi postada no correio no dia 29 de abril de 1992, no momento em que Los Angeles anunciava a absolvição dos quatro policiais que tinham sido filmados batendo em Rodney King, um motorista negro. A soltura dos policiais foi seguida de cinco dias de protestos violentos, televisionados no mundo inteiro, que resultaram na morte de 63 pessoas e mais de 2.300 feridos, cerca de 12.000

presos e mais de um bilhão de dólares em propriedades danificadas. O próprio Rodney King foi à televisão durante os protestos e perguntou: “Não podemos nos entender?”. Enquanto isso, os títulos dos artigos na edição de estreia da Urban Family faziam perguntas igualmente instigantes, como “Quem fala pela comunidade negra?” e “Pretos e brancos podem ser próximos?”. As tensões raciais recrudesceram nos anos seguintes, não apenas em Los Angeles, mas em todo o país, e a Urban Family conquistou uma posição de destaque entre pessoas que desejavam soluções e a reconciliação racial.

Com a experiência que tive na revista pude entender o poder das iniciativas empreendedoras de base na resolução de problemas sociais. Nossa equipe se

lembrava a todo momento de fazer mais do que simplesmente criticar, de ir além

de apenas chamar a atenção para a gravidade de um problema e de propor e implementar soluções. Perkins chamava isso de “assumir a responsabilidade pelo problema”, optando por colocar ordem na confusão que outros fizeram. Eu participava da empreitada, não ficava só observando: me comprometia, assumia os problemas e me esforçava para solucioná-los, embora muitas vezes não me sentisse devidamente preparado para a tarefa que tinha à mão.

Às vezes, a vida empurra você para o papel de empreendedor, não importa se você se sente ou não como tal. O cristão é chamado com frequência para situações muito arriscadas para as quais ele não se sente totalmente pronto e que exigem resposta práticas. Talvez você tenha passado pessoalmente por isso em algum momento. Talvez você tenha dito o que pensa sobre algum assunto, então olhou ao redor e viu que as pessoas estavam de acordo, querendo saber o que deviam fazer a seguir. Pode ser ainda que você tenha tomado providências sobre algum problema, e pessoas e empresas o procuraram para ajudá-las a resolver o problema delas. Quem sabe você não se apresentou como líder disposto a ajudar pessoas a tomarem medidas práticas para lidar com seus desafios, mas agora você se sente meio como Forrest Gump: começou a correr um dia porque sentiu vontade, e agora as pessoas seguem seu exemplo e aguardam suas palavras.

Há um termo para isso: o empreendedor relutante. Geralmente achamos que o empreendedor é um sujeito que enfrenta desafios sem se sentir limitado pelos recursos existentes. Em contraste com isso, o autor Randy Otterbridge define um empreendedor relutante como alguém que supera os temores e dá os primeiros passos para concretizar um empreendimento.¹ O líder cristão talvez nem sempre se identifique como empreendedor, mas aqueles que são chamados para situações desafiadoras podem muito bem ser empreendedores relutantes.

E eles estão por toda parte.

São pessoas como Fannie Lou Hamer, que semeiam movimentos com ação corajosa. O testemunho que deu na Convenção Nacional Democrata, em 1964, mudou o curso do direito ao voto negro nos Estados Unidos. Seu

engajamento pelo direito ao voto levou-a ao ativismo pelo fim da pobreza. Em 1969, ela fundou a Freedom Farm Cooperative, um projeto de desenvolvimento econômico rural estruturado na comunidade.

Outros tiveram iniciativas para atender a necessidades urgentes antigas. Quando Wayne Gordon, um jovem obreiro em treinamento, e sua equipe da Lawndale

Community Church, em Chicago, identificaram a necessidade de moradias populares para membros da igreja e outras pessoas, eles lançaram a Lawndale Christian Development Corporation, gerida por líderes comunitários com preparo profissional. Essa iniciativa fomentou mais de cem milhões de dólares em moradias de preço acessível no decorrer de 2019.

Esses exemplos me inspiram porque também sou um empreendedor relutante.

Desde a época em que trabalhei na Urban Family, passei por muitas situações de empreendedorismo relutante, as quais me levaram a formular três pensamentos que me dão forças para agir:

O mundo se despedaça.

Se hace camino al andar (“O caminho se faz caminhando”).

“Posso todas as coisas naquele [Cristo] que me fortalece” (Fp 4.13).

O mundo se despedaça é o título de um livro de Chinua Achebe² que narra o desespero do personagem principal à medida que sua comunidade na Nigéria capitula diante da presença colonial britânica. O título do livro, incisivo e pungente, sempre me impressionou. O mundo está despedaçado, e quer compreendamos ou não o que se passa, às vezes as coisas simplesmente se desmoronam. Encontraremos esse tipo de esfacelamento em nossa vida.

Consolo-me com esse pensamento sempre que deparo com novas rupturas. Sim, as coisas se despedaçam, mas essa não é a última palavra.

“O caminho se faz caminhando” é um ditado espanhol. Saber que talvez não haja nenhum caminho, nenhum plano, nenhum modelo exemplar e nenhum precedente para a linha de ação que se deve seguir pode ser desanimador. O

empreendedor relutante talvez passe por um período de paralisia quando confrontado com uma tarefa muito assustadora. Contudo, a ideia de “fazer o caminho ao caminhar” me diz que há um trajeto adiante, ainda que o preço seja alto.

“Posso todas as coisas por intermédio de Cristo, que me fortalece” é um

princípio fundamental da fé cristã e um brado de guerra para o empreendedor relutante. Afinal de contas, somos um povo que crê que um homem ressuscitou dos mortos. Quando confrontados com grandes desafios, com problemas para os quais parece não haver solução, podemos ter esperança de que o mesmo Espírito que criou a terra do nada nos guiará e nos acompanhará nesses obstáculos.

Em mais de três décadas de ministério, vi mudanças positivas quando eu e outros, relutantes, passamos do medo aos primeiros passos do empreendedorismo.

Em 1994, saí da Urban Family e fui para outro ministério fundado por Perkins, chamado de Harambee Christian Family Center. Harambee era um ministério voltado para jovens da cidade e dedicado à reconciliação racial. Na comunidade do noroeste de Pasadena onde esse ministério está localizado, e onde vivi e servi, nosso primeiro desafio não teve relação com tensões raciais entre minorias étnicas e a maioria branca, e sim com as tensões crescentes entre afro-americanos e latinos. Crescia a desconfiança à medida que mais latinos se mudavam para a comunidade majoritariamente negra nos anos 1980. As gangues de negros e latinos separaram mais ainda os moradores.

Nossa equipe do Harambee se perguntava de que maneira o poder do evangelho poderia se dar a conhecer em meio à dinâmica daquelas comunidades.

Impulsionados por um pensamento empreendedor, por uma disposição de correr riscos planejados e pela consciência de que tínhamos de criar alguma coisa do nada, meu colega de ministério, Derek, e eu chegamos à conclusão de que precisávamos ser testemunhas vivas da reconciliação racial entre negros e pardos que acreditávamos ser possível.

Derek era um líder negro criado no Mississippi. Eu sou de origem mexicana, nascido nos Estados Unidos, na região leste de Los Angeles. Juntos, decidimos viver na comunidade que servíamos, nossas famílias morariam na mesma casa e partilhariam da mesma mesa de jantar, e trabalharíamos juntos no ministério com poderes de decisão iguais. Para o Derek o sacrifício foi maior, já que ele era dez anos mais velho do que eu e tinha muito mais experiência no trabalho ministerial urbano. Nos primeiros três anos do empreendimento, criamos uma cultura no Harambee em que negros e latinos cuidavam dos interesses uns dos outros, e assim convencemos muitos de nossos vizinhos que levávamos a sério o poder de reconciliação do evangelho. Foi muito mais difícil convencer nossos vizinhos a correr riscos e construir relacionamentos mais profundos que superassem as

barreiras étnicas; contudo, com o tempo nossa influência resultou em relacionamentos extraordinários entre pessoas que nem sequer falavam a mesma língua, mas se convidavam para eventos em suas casas.

Deparamos com outra circunstância que exigiu ação empreendedora em 1997.

Um grupo de jovens líderes, entre eles Derek e eu, estava tomando café no Denny's Restaurant, em Orange County, e nos lamentávamos da falta de recursos para o ministério de jovens em contextos urbanos. Depois de analisar as possibilidades, decidimos nós mesmos criar um evento. Fizemos uma parceria com o Dr. Larry Acosta do Hispanic Ministry Center, de Santa Ana, para realizar um evento-piloto. Planejamos juntos o evento, fizemos sua divulgação por meio de nossas redes de contatos e escolhemos a Universidade Azusa Pacific para sediá-lo. Nosso orçamento era pequeno, mas achávamos que a ideia podia ganhar força se as pessoas tivessem uma demonstração. Naquele primeiro ano tivemos cerca de cem obreiros urbanos jovens — e foi fantástico. Contudo, foi também extremamente desgastante, pelo menos para a equipe do Harambee.

Derek e eu procuramos Larry para lhe dizer que estávamos sobrecarregados àquela altura e que não teríamos objeção alguma, e ainda o apoiaríamos, se ele assumisse o evento do Urban Youth Workers Institute. Larry parecia entusiasmado com tudo e aceitou de bom grado. O resto é história. O Instituto de Jovens Obreiros Urbanos continua a ser hoje o principal espaço de treinamento do país para os jovens desse segmento.

Outra oportunidade para empreender surgiu em 2007, quando Mike (nome fictício) apareceu na entrada do meu escritório no Harambee e disse: “Ouvi dizer que vocês têm o melhor programa para gangues da cidade. Queria saber o que vocês estão fazendo”. Isso era novidade para mim, porque não tínhamos um programa para gangues. “Quem disse isso?”, perguntei. Ele disse que algumas pessoas perto de Pasadena haviam lhe dito que no Harambee sabíamos nos comunicar com os jovens sob a influência das gangues, porém é mais provável que ele tenha ouvido algo dos jovens que frequentavam o ensino médio local.

Eram jovens do nosso programa da Equipe Júnior, que combinava atividades de discipulado e preparação para a faculdade. Esses jovens recebiam remuneração pelas horas trabalhadas em nossas instalações. Aquele fora o ano em que a diretora do nosso programa para a juventude, Florence, me procurou e disse que precisávamos contratar mais gente. Tínhamos orçado e levantado fundos suficientes para manter doze obreiros jovens em tempo parcial durante o ano letivo, porém ela me disse que um número muito grande de jovens havia se apresentado quando soube dos empregos. Eles não eram cristãos e, mesmo

sabendo do perfil do Harambee, queriam o trabalho. Soubemos que alguns deles tinham parentes nas gangues e corriam o risco de seguir seu exemplo.

Perguntei a Florence o que achava que devíamos fazer, e ela, por sua vez, quis saber o que nós poderíamos fazer. Eu disse que poderia dobrar a meta da nossa arrecadação de fundos, mas não sabia exatamente com que rapidez teríamos o dinheiro necessário. Ela então disse que poderia reduzir a média de horas que cada jovem trabalhava e, assim, aumentar o número de integrantes da equipe júnior. “Sério?”, perguntei. Com isso, o número de horas cairia para uma média de quatro horas por semana, mas fiquei em

dúvida se os jovens se dispunham a vir por tão pouco. As tarefas que tínhamos para atribuir já não eram muitas.

“Acho que eles podem se revezar na limpeza do mesmo banheiro, certo?”, eu disse. Florence respondeu que daria um jeito. E deu. A turma daquele ano, de trinta jovens, foi a mais interessada, sincera e respeitosa que vi passar por nossas portas nos dezenove anos em que fiquei no Harambee. Eles jamais teriam vindo se não tivéssemos respondido de forma empreendedora ao crescimento do fluxo de jovens, com a decisão de ampliar a equipe júnior e depois descobrir um jeito de cobrir os custos.

Tenho mais um exemplo para compartilhar. Por volta de 2013, tinha me mudado com minha família para Grand Rapids, Michigan, a fim de trabalhar na Partners Worldwide, uma organização cristã internacional cujo objetivo é o fim da pobreza por meio de iniciativas empresariais. Minha equipe na Partners Worldwide foi convidada para uma reunião com líderes empresariais de Grand Rapids que haviam se reunido em sinal de pesar pela morte de um jovem negro que muitos deles conheceram.

Durante a reunião, surgiu uma questão sobre o desemprego entre afro-americanos, especialmente os que já haviam cumprido pena. Embora a discussão daquele dia tenha se restringido à possibilidade de emprego para aqueles homens, minha equipe sabia que também era preciso ajudá-los a gerir empresas sustentáveis. Alguns deles tinham dificuldades em arrumar emprego; outros não ganhavam o suficiente em seu trabalho e tinham de fazer bicos na construção civil leve, serviços em geral, restaurantes ou em qualquer coisa que pudessem encontrar; outros queriam trabalhar para si mesmos.

Grand Rapids é o paraíso do negócio próprio, no sentido de que há uma cultura de incentivo à iniciativa privada e à autossuficiência; portanto, houve interesse imediato pela ideia de que o empreendedorismo poderia lidar com as carências

resultantes do desemprego. Contudo, eles queriam provas de que a ideia poderia funcionar. Não tínhamos nenhum exemplo local de empreendedorismo que atendesse às necessidades específicas do nosso público-alvo. Havia inúmeros programas de desenvolvimento empresarial,

porém muitos deles exigiam um nível de instrução elevado ou tino comercial convencional. Prevíamos trabalhar com homens sem muito preparo acadêmico e que não estavam acostumados a pensar em procedimentos empresariais, em coisas como plano de negócios, orçamento, planilhas, planos de marketing e nas minúcias das conformidades legais.

Portanto, minha equipe se propôs a encontrar um programa em algum lugar do país que tivesse sido aplicado com sucesso ao nosso público-alvo. Encontramos um grupo em Chattanooga, no Tennessee, chamado LAUNCH, que havia criado um currículo e uma metodologia que traduzia a linguagem dos negócios para pessoas que ainda não tinham formação empresarial convencional. A Partners Worldwide ajudou a levar a metodologia LAUNCH para Grand Rapids. A estratégia atendeu às necessidades de um público muito maior do que o de homens desempregados com histórico prisional. Cinco anos depois da ideia inicial, mais de trezentas pessoas das regiões de Grand Rapids com maiores índices de desemprego haviam concluído um curso na área empresarial, participavam de extensões em coaching de negócios e haviam criado mais de duzentas empresas.

Urban Family. Harambee. Urban Youth Workers Institute. Programa de Equipe Júnior. Partners Worldwide. Estes são apenas cinco exemplos de esforços para enfrentar desafios sociais por meio da mentalidade e de iniciativas empreendedoras. Nossa ação serviu a propósitos práticos e de peso: convencemos outros de que havia soluções possíveis, uma vez que testemunharam a mudança ocorrer em tempo real.

Além do fundamento prático, há um fundamento teológico para lidar de forma empreendedora com desafios sociais que nos intimidam. Como Tim observou no capítulo anterior, Jesus chama todos nós a vivermos nossa fé — a sermos sal da terra — em lugares que precisam mais da luz divina, lugares que muito provavelmente requerem iniciativa empreendedora da nossa parte.

O dr. Anthony Bradley oferece uma perspectiva esclarecedora sobre a natureza desse sal: ele é fertilizante. Em um artigo de 2016 da Christianity Today, ele cita o trabalho dos especialistas em agricultura Eugene Deatrick e Robert Falk,

segundo os quais o sal no mundo antigo era visto como fertilizante. Bradley acrescenta que esse entendimento persiste ainda hoje. A Autoridade Filipina do Coco descreve como o sal “acelera o crescimento e o desenvolvimento das culturas, aumenta sua produtividade [...] Os cultivadores que usaram o sal como fertilizante tiveram um aumento de produção de 125% em relação aos cultivos de cocos subutilizados”.

A aplicação desse entendimento do sal como fertilizante, prossegue Bradley, é que os cristãos são chamados a ir aonde nada cresce neste momento para ajudar a fazer brotar vida nova. “O cristão não está aqui simplesmente para temperar ou preservar o mundo impedindo que ele apodreça. Os seguidores de Jesus Cristo são enviados em uma missão para estimular o crescimento em partes estéreis do mundo, para serem misturados aos montes de adubo do mundo, de modo que Deus possa usar esse fertilizante para fazer brotar uma vida nova e virtuosa”.³

Gosto da perspectiva de Bradley porque me ajuda a ver o que Deus estava fazendo nas iniciativas empreendedoras em que me envolvi. Tudo o que eu sabia naquele tempo era que algo tinha de ser feito e que o risco valia a pena. Agora, porém, vejo mais claramente que, quando o cristão responde com fé e decide empreender, ele está fertilizando o mundo e fazendo brotar vida nos lugares que precisam dela.

Precisávamos de fertilizante na Pasadena de 2007. Em outras palavras, quando cheguei ali no início dos anos 1990, a comunidade enfrentava uma onda de violência provocada pelas gangues. Em 1991, o Los Angeles Times publicou uma reportagem sobre um carro em movimento de onde foram feitos disparos fatais a duas quadras da sede do ministério Harambee. A matéria dizia ainda que tinha havido meia dúzia de disparos semelhantes em um período de duas semanas, deixando os moradores tensos e assustados.⁴ Um ciclo parecido de violência provocada por gangues em nossa comunidade, na região noroeste de Pasadena, ocorreu em 2007. Até setembro daquele ano, já haviam ocorrido dez morticínios causados por gangues. O número de mortes deixou perplexos os moradores, uma vez que nos três anos anteriores tinha havido um total de treze morticínios. Em um cálculo conservador da polícia, havia onze gangues com cerca de quinhentos membros identificados operando em nossa região.⁵

Os moradores e líderes locais temiam pelo crescimento da influência das gangues. Foi então que surgiu a Iniciativa Visão 20/20 para lidar com esse desafio. A iniciativa, que teve início no final de 2007 em resposta a um chamado

à ação de um membro do conselho municipal de Pasadena, Jacque Robinson, recorreu prontamente a uma estrutura de prevenção à violência criada por Anthony Massengale, líder cristão local que atuava junto às gangues no condado de Los Angeles. A Iniciativa Visão 20/20 se dedicou à prevenção e à intervenção nas atividades das gangues e foi implantada por meio de uma coalizão multissetorial que incluía a polícia, organizações comunitárias e confessionais, além de organizações filantrópicas, comerciais, cívicas e educacionais.

O ministério Harambee entrou para a coalizão, mas não sem antes pesarmos o impacto de nosso envolvimento sobre a organização.

Um ponto forte do nosso envolvimento era que um coletivo poderia chegar a soluções que haviam escapado a uma miríade de organizações que trabalhavam isoladamente. Tínhamos muitos jovens e pais envolvidos com gangues ou ameaçados por elas, portanto qualquer movimento positivo nesse segmento seria vantajoso para eles. Os desafios que enfrentamos diziam respeito ao uso do tempo e à possibilidade de termos de lidar com um desvio em nossos valores. O

uso do tempo era um problema porque as coalizões comunitárias resultam inevitavelmente em uma série de reuniões que parecem nunca ter fim: reuniões rotineiras, reuniões de acompanhamento para execução do trabalho da comissão, reuniões para conhecer outras pessoas presentes à mesa da coalizão, reuniões com autoridades e financiadores para pressionar por mudanças ou obter apoio à iniciativa, *etc.* O outro desafio, o desvio em nossos valores, surgiu porque nem todos os grupos em torno da mesa estavam de acordo com a temática cristã do Harambee. Será que nossa presença à mesa seria entendida por nossos apoiadores como um comprometimento de nossa missão e de nossos valores? Ao mesmo tempo, outros ali presentes tinham receios sobre a participação do Harambee. Eles sabiam dos nossos programas de discipulado para jovens e de parcerias com

peças de todo o espectro político e com igrejas cujas pautas não eram progressistas.

Conhecendo os pontos fortes e os desafios de se envolver, nossa equipe e eu nos propusemos a conquistar a confiança dos demais. O Harambee estava entre as poucas organizações confessionais da Iniciativa 20/20 naquele ano, e muitos líderes ali presentes se sentiam gratos por nosso apoio e, mais tarde, me parece, indicaram o Harambee para suas redes de contato. Essa foi uma razão pela qual Mike, que queria conhecer nosso programa para gangues, nos procurou. Sim, os jovens da escola de ensino médio da região haviam falado de nós, mas acredito também que as pessoas da 20/20 haviam lhe dito que procurasse se informar

sobre o trabalho do Harambee com a juventude influenciada pelas gangues.

A Iniciativa 20/20 desenvolveu várias estratégias para ajudar os jovens de ambos os sexos envolvidos com as gangues, o que incluía um programa de aprendizado em carreiras de nível técnico, e um subproduto importante foram os novos relacionamentos entre organizações que não costumavam colaborar com frequência. Quando me lembro de como o Harambee foi capaz de aplicar um pouco de “fertilizante” nesse empreendimento, dois fatores me vêm à mente: proximidade e mensagens não verbalizadas.

Com relação à proximidade, estar diante de outras pessoas nos permite passar por cima do que talvez tenhamos ouvido sobre suas opiniões ou personalidade, e conhecê-las pessoalmente. Com frequência, descobrimos que temos mais em comum do que imaginávamos a princípio. Ao mesmo tempo, as pessoas podem nos conhecer. Alguns na 20/20 que tinham ouvido falar da abordagem baseada na fé do Harambee achavam que estávamos dispostos apenas a fazer proselitismo ou levar outros à igreja. Esses céticos ficaram surpreendentemente felizes ao saber que estávamos comprometidos em servir a todos da comunidade e que estávamos atentos a soluções que beneficiassem o bem comum, e não apenas nosso segmento ligado à fé.

Com relação às mensagens não verbalizadas, estou me referindo à linguagem corporal. Nosso corpo tem uma linguagem que envia mensagens que fortalecerão ou minarão nossa capacidade de ser fertilizantes. Em um esforço frágil como o de uma coalizão que atende a jovens influenciados por

gangues, tivemos de fazer o máximo possível para gerar confiança entre os participantes.

Será que estávamos realmente interessados nas pessoas em torno daquela mesa?

Estávamos sinceramente interessados no que os outros tinham a dizer?

Estávamos abertos para seguir um processo colaborativo? Braços cruzados, pernas cruzadas, nossa postura, tudo isso comunica alguma coisa sobre como nos sentimos a respeito dessas questões. Igualmente importante é o autoexame de nossa linguagem corporal, que pode nos ajudar a discernir nossa motivação e nosso coração. Às vezes, ao notar minha linguagem corporal, me senti desconfortável, o que me levou a refletir sobre algumas questões: Por que estou me sentindo incomodado? O que posso fazer para mudar isso? Será a pessoa, a ideia ou algum outro fator? De que maneira estou me comunicando com outros?

Existe alguma coisa que eu tenha de fazer em relação ao que meu corpo está me dizendo?



Ser empreendedor significa estar disposto a criar alguma coisa do nada. E ser um empreendedor relutante significa se mover nessa direção apesar de seus temores e ansiedades. Às vezes, podemos não ter muita esperança em relação às perspectivas de paz social, reconciliação racial e boa vontade por parte da comunidade. Contudo, vale a pena lembrar que podemos lidar de forma criativa com os desafios em nossas comunidades porque o Deus a quem servimos é criativo. Ele nos fez à sua imagem e nos deu a capacidade de estar à altura de qualquer obra que nos tiver confiado.

A época em que vivemos poderá nos levar a adotar medidas desconfortáveis e extraordinárias. Raramente escolhemos as circunstâncias. Com frequência, não nos sentimos preparados para a tarefa que temos à mão. Contudo, quer haja tensões ao observarmos nossa igreja ou denominação lidar com as grandes questões sociais do nosso tempo, quer sejamos chamados a dar apoio a outros irmãos que se mostram fiéis em sua atuação no espaço público, podemos descansar confiantes sabendo que o histórico divino é o de nos abrir um caminho que o honre e produza vida.

1. Randy Otterbridge, Reluctant entrepreneur: going from fear to first steps toward starting your own business (Grand Rapids: R&A Publishing, 2012).
2. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
3. Anthony Bradley, “You are the manure of the Earth”, Christianity Today, September 23, 2016.
4. Vicki Torres, “Tension takes a toll: feuding gangs, drive-by killings spread fear in Pasadena area”, Los Angeles Times, February 2, 1991, disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1991-02-02-me-169-story.html>; acesso em: 7 maio 2021.
5. Daniela Perdomo, “Pasadena gang violence raises fears”, Los Angeles Times, December 25, 2007, <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2007-dec-25-me-race25-story.html>.

PARTE DOIS

COMUNICANDO NOSSA INTERAÇÃO





A ESCRITORA

TISH HARRISON WARREN

Às vezes, não me sinto à vontade me chamando de escritora. Nem eu nem ninguém pode ser “um escritor” genericamente, tampouco falar em nome dos

“escritores”. Muitos de nós escrevemos. Escrevemos peças ou manuais de instrução, e-mails ou romances, poemas ou fantasia, blogues ou livros infantis, histórias de mistério ou memórias, monografias filosóficas ou manuais de química. Tudo isso é escrita, e cada uma delas é um tipo diferente de ofício. Eu sou um tipo de escritora apenas. Escrevo o que se poderia chamar de teologia popular — teologia para leigos. Para todos nós

que escrevemos, o gênero, o propósito e o público específicos definem a forma do nosso trabalho.

Hesito também em me chamar de escritora porque, para mim, o termo tem um ar de coisa exótica e estimulante. Ser escritora é algo que na minha mente traz consigo toda a sensualidade, o estilo e a instabilidade de um Hemingway ou de um Kerouac. A maior parte das pessoas dedicadas a escrever que conheço são mortais comuns. Não somos muito interessantes. Lavamos roupa e cortamos a grama. Esperamos dizer bem as coisas no papel. Às vezes, dá certo; às vezes, não.

Contudo, a principal razão pela qual não me sinto à vontade com o termo escritora se deve ao fato de que nunca pretendi ser escritora. Sempre quis ser pastora. Quando tinha por volta de catorze anos, senti o chamado para o ministério. Um dia, na igreja batista que eu frequentava, saí do lugar onde estava e fui até a frente para, no jargão da igreja, “entregar minha vida em tempo integral ao serviço cristão”. Formei-me na universidade apaixonada pela justiça social e econômica; queria ser o que o grupo a que eu pertencia no ministério do campus chamava de “alguém que vai mudar o mundo”. Contudo, não tinha a mínima ideia de como fazer para mudar o mundo. Fui para o exterior para trabalhar com os pobres e trabalhei em meu país com uma igreja que cuidava de filhos de imigrantes. Passei por vários empregos a esmo: trabalhei em uma livraria, no consultório de um médico, em uma clínica de reabilitação para

viciados, em uma loja de alimentos orgânicos, em uma escola primária e como babá. Fui para o seminário e, em seguida, trabalhei durante quase uma década em um ministério no campus de uma universidade. Depois disso fui ordenada pastora anglicana.

Foi durante os cinco anos que durou meu processo de ordenação que eu, aos poucos, descobri que escrever havia se tornado uma parte cada vez maior da minha vida. Para minha grande surpresa, a vocação para a escrita me encontrou tanto quanto eu a encontrei. Comecei primeiramente a compreender a mim mesma como escritora em dois contextos simultâneos, mas radicalmente distintos: em um novo amor e na prova de fogo do conflito.

Depois de anos à espera de um bebê, e tendo de lidar com a infertilidade, em uma alegre manhã de outono descobri que estava grávida. Ali começava um período de geração sob todos os aspectos. À medida que minha filha crescia dentro de mim, as palavras começaram a fluir para fora de mim. As palavras sempre foram para mim motivo de prazer, então, por impulso, me inscrevi nas aulas de poesia de uma universidade local. Aquela reunião de professores e de alunos de poesia era uma confederação de gente maluca por palavras; toda semana nós nos deliciávamos com palavras, e aos poucos fui crescendo na arte da linguagem. Eu não tinha nenhum plano estratégico de carreira; não tinha pista nenhuma de aonde isso me levaria. Escrevia simplesmente pelo prazer de escrever.

Foi então que conheci a Márcia. Uma senhora de meia-idade, viúva fazia pouco tempo, sua dor era profunda e recente. Contudo, tinha um entusiasmo radiante, e ela amava a vida. Márcia se tornou minha mentora e minha fonte de inspiração e incentivo improvável. Ela era editora de uma revista online. Logo depois que nos conhecemos, contei-lhe casualmente como, durante uma temporada muito sombria do meu casamento, meu marido e eu havíamos começado a observar o Shabbath e o quanto isso tinha ajudado a transformar nossa vida conjugal. Ela me pediu que eu escrevesse a esse respeito para a revista. Depois de lhe entregar meu ensaio, ela me ligou e disse: “Você tem estilo! Continue a escrever. Escreva sempre. Não pare”. Isso foi muito importante para mim, mas eu estava ocupada e perto de dar à luz, por isso não podia escrever com frequência. Márcia, porém, não desistiu de mim. Os meses iam se passando e volta e meia ela me ligava; colocávamos as novidades em dia e ela me pedia que escrevesse. Até que, por fim, graças a Deus, eu escrevi. Logo surgiram outras oportunidades de escrever.

Quanto mais eu escrevia, mais oportunidades surgiam.

Essa nova temporada de escrita e de maternidade me estimulava. Sentia o brilho das palavras arder dentro de mim — eu acordava à noite e não conseguia dormir de novo se não escrevesse. As frases se impunham, eu tinha de escrevê-las. Era fantástico saber que eu podia escrever e que tinha um editor em quem confiar.

Eu era uma mulher apaixonada — pelo meu novo trabalho, meu novo bebê, por minhas novas palavras, minhas maneiras novas de observar e de interagir comigo mesma, por Deus e pelo mundo.

Eu escrevia para compreender, para observar e entender minha vida. Escrevia para aprender, para descobrir o que pensava e em que acreditava. Escrevia, muitas vezes, pela simples beleza de escrever, para preservar um momento de esplendor fugaz.

Quando escrevemos, participamos da vocação de Adão e Eva no jardim: a vocação de dar nomes. Nós nomeamos a realidade, e por meio de nossas palavras, ajudamos a defini-la. Essa vocação de dar nomes, seja em um ensaio, em um verso, seja em uma história, nos permite encontrar uma profundidade nova e misteriosa de relacionamento com as realidades que nomeamos. Esses atos criativos mudam a maneira como experimentamos o mundo — e eles nos mudam. As histórias que contamos, os poemas que escrevemos, os argumentos que apresentamos tecem a forma da nossa vida.

À medida que me apaixonava pela escrita, passava também por uma fase de conflito e de perda. Durante dois anos, em meio ao meu processo de ordenação, também trabalhei no ministério do campus para jovens universitários e professores da Universidade Vanderbilt. Foi então que, em um dia de primavera de 2011, o diretor de vida religiosa da universidade me disse que o ministério do nosso grupo no campus estava ameaçado. Ou abríamos mão da exigência de que nossos líderes estudantis ratificassem nossa declaração doutrinária e nosso propósito, ou não teríamos mais permissão para permanecer no campus.

No decorrer do ano letivo anterior, um aluno disse que havia sido expulso de sua fraternidade cristã por ser gay. A Vanderbilt respondeu a isso proibindo qualquer padrão de crença a quem quisesse participar de um grupo no campus ou liderá-

lo. A exemplo da maior parte dos grupos no campus, qualquer um podia ser membro do meu. Contudo, pedíamos aos principais líderes estudantis — o conselho executivo e os líderes dos pequenos grupos de estudo bíblico — que ratificassem a declaração doutrinária do grupo, em que estavam esboçadas os princípios cristãos em geral.

Para a administração, todo tipo de declaração de fé impositiva era suspeita. Eles achavam que qualquer exigência de fidelidade doutrinária poderia ser usada como cavalo de troia para marginalizar as minorias sexuais. Além disso, os administradores entendiam como opressivas e odiosas as exclusões por qualquer motivo. Em uma reunião a portas fechadas, perguntei certa vez a um grupo de administradores se eles achavam realmente justo igualar o preconceito racial ao pedido feito aos líderes de estudos bíblicos para que afirmassem a ressurreição.

O vice-chanceler respondeu: “Discriminação de credo continua a ser discriminação”.

O conflito no campus local rapidamente escalou e acabou se tornando uma história com ampla cobertura da mídia. Emissoras nacionais foram entrevistadas quem quer que estivesse disposto a falar sobre a nova política “não discriminatória” que ameaçava retirar as organizações religiosas do campus. Não demorou para descobrirmos que alguns meios noticiosos estavam distorcendo in loco fatos que eram complexos. O conflito na Vanderbilt se transformou em um clichê cômodo. Dependendo da ideologia do público, tratava-se de uma história sobre a universidade liberal e secular que oprimia no campus cristãos pacíficos e moderados, ou então eram os cristãos intolerantes e retrógrados que recebiam o que mereciam dos heróis do progresso.

Percebemos que, se não contássemos nossa história, alguém a contaria por nós, apresentando-a com meias verdades e como escândalo da guerra cultural.

Comecei então a escrever.

Meus colegas de trabalho e eu criamos um blogue para manter nosso público, os alunos, e o mundo que nos observava, atualizados com o que estava acontecendo no campus. Decidimos escrever coletivamente, sem individualizar os textos: escrevíamos como uma comunidade a favor da comunidade.

Por intermédio de nosso blogue e dos ensaios que escrevi no jornal do campus, tentamos argumentar a favor da preservação da diversidade de

pontos de vista e de ideias no campus, em vez de achatar as diferenças descartando credos e comunidades religiosas.

Foi um ano extenuante no campus, de muito sofrimento. A universidade fora refúgio e lar para minha família antes dessa controvérsia. Meu marido estava concluindo seu doutorado ali e queria lecionar. Nossa experiência de rejeição nos

deixou aturdidos. Os administradores nos comparavam a supremacistas brancos.

Disseram: “Não queremos que a fé religiosa afete as boas decisões deste campus”. Viramos objeto de escárnio e de ridicularização. Também estávamos confusos — a política mudava constantemente. Disseram que estávamos sob observação, depois disseram que não estávamos mais. Nossas esperanças cresciam depois de uma boa reunião com um administrador; daí, passadas duas semanas, líamos no noticiário que a administração havia redobrado a política implantada. No fim, fomos expulsos do campus juntamente com catorze outras organizações religiosas que representavam, coletivamente, 1.400 alunos. No meio disso tudo, eu continuava a escrever.

Escrevi naquele ano, em parte, com o intuito de argumentar, de tentar descobrir a verdade em tudo aquilo. Escrevi porque esperava participar do debate de uma maneira que trouxesse clareza e luz em um momento sombrio e turbulento. E, durante aquele ano de polêmicas no campus, pude ver de uma nova perspectiva o poder das palavras.

No início da controvérsia, meu supervisor no ministério do campus cobrou de nós que nunca disséssemos ou escrevêssemos qualquer coisa que não pudéssemos dizer ou escrever diante do administrador mais hostil da universidade. Queríamos nos preservar de conflitos desnecessários. Contudo, além da arte pragmática da diplomacia, nosso supervisor nos lembrou de que havíamos sido chamados para amar o próximo, por isso precisávamos conversar e escrever sobre aqueles com quem discordávamos em termos que pudessem admitir como verdadeiros. O mandamento da Escritura “Façam aos outros o que gostariam que os outros fizessem a vocês” (Mt 7.12) nos impunha a utilização cuidadosa e respeitosa das palavras.

E eis o pequeno milagre que descobri: o jeito como usamos as palavras nos molda. A advertência do nosso supervisor para que usássemos palavras de forma caridosa determinou o modo como nos sentíamos em relação à universidade e à sua administração — essa atitude, na verdade, nos fez sentir mais caridade por aqueles de quem discordávamos e mudou nossa compreensão do que estava acontecendo. Não foi fácil expressar por escrito nossas diferenças com a administração de um jeito que honrasse o que havia de melhor na universidade.

Teria sido muito mais fácil, e atrairia mais a atenção, escrever um texto demolidor sobre as elites liberais na academia. Nossa tarefa era mais sutil: discordar publicamente e tentar, embora de maneira hesitante e imperfeita, usar palavras e argumentos que fossem verdadeiros, ainda que humildes, e que

respeitassem a dignidade daqueles com quem estávamos discutindo, ou seja, devíamos ser pessoas que falavam e escreviam com convicção, mas que resistiam à doçura efêmera do sarcasmo farisaico. Essa tarefa nos manteve vigilantes e nos obrigou a aceitar a tensão de tentar preservar relacionamentos importantes com os que nos rejeitavam.

Estávamos tentando compreender os melhores argumentos daqueles de quem discordávamos profundamente e, ao mesmo tempo, queríamos expressar nossas convicções sem nos desculparmos. Queríamos achar uma alternativa tanto para a convivência complacente quanto para a militância ruidosa. Ao encararmos o desafio do supervisor, descobrimos que era possível ver nosso oponente ideológico de modo mais compreensivo, mais como vemos a nós mesmos: humanos, falíveis, preciosos aos olhos de Deus. Nossas palavras mudaram nosso coração.

Naquele ano, porém, eu também deparei com o limite das palavras. Eu acreditava sinceramente que se fosse capaz de formular o argumento certo, citar as autoridades certas, mudar a narrativa, contestar as categorias — se escrevesse bem o suficiente — conseguiríamos resolver nosso conflito. Achava que, no fim das contas, encontrar as palavras certas nos salvaria. Descobri, entretanto, que por mais simpatia que houvesse, ou rigor intelectual, ou envolvimento e sutileza cultural, nada disso seria suficiente para produzir a reconciliação. As palavras, por si mesmas, jamais redimem.

Elas não podem nos salvar do equívoco ou do medo. Não há nelas poder para, de uma vez por todas, superar nossa inclinação para a pequenez e o egoísmo, para a tolice e a miopia.

Como alguém que ama as palavras, que celebra a beleza e poder que têm, lembro-me com frequência de que elas fraquejam e fracassam. Sem palavras, não mudaremos a cultura, não compreenderemos nossa vida, não conheceremos nem seremos plenamente conhecidos, mas as palavras sozinhas jamais serão suficientes para o que nos cabe fazer.

Como cristãos, usamos as palavras sabendo que nos ajudam somente na medida em que nos conduzem à verdade e, em última análise, ao Verbo, que antecedeu todas as palavras e que julga e redime todas as coisas — até mesmo nossas modestas palavras, gloriosas e indisciplinadas, radiantes e limitadas.

Escrever como proclamação

O Verbo — o Logos — é o nome que o apóstolo (e escritor!) João deu a Jesus.

Ele é a Palavra de Deus, a linguagem que trouxe tudo à luz. O Verbo nos dá palavras — ferramentas terrenas que ajudaram a trazer à existência a Missa em Dó Maior de Beethoven, a poesia de Rilke, as palavras cruzadas do domingo e os catálogos da IKEA. Quando nos ocupamos do ofício dessas palavras terrenas, ousamos participar da obra salvífica do Verbo.

No seminário, um professor me disse que minha vocação pessoal era anunciar.

Na época, não tinha a menor ideia de que isso estaria relacionado com a escrita.

Contudo, agora que dedico cada vez mais meus dias ao ofício da escrita, essa imagem retorna com frequência. O arauto não é o salvador ou o libertador, e não é quase nunca o herói da história. Na verdade, as palavras de um arauto não salvam ninguém. Pelo contrário, a função dele é ser mensageiro, é proclamar outra pessoa ou outra coisa.

Os arautos são personagens planos — arquétipos — na literatura. Na série

“Harry Potter”, de J. K. Rowling, Hagrid é o arauto. Sua chegada anuncia que a realidade não é nada como Harry imaginava que fosse, e uma nova história está prestes a começar. Em “Cinderela”, o arauto trazia um convite para o baile. Na antiga mitologia grega, Hermes era o arauto dos deuses. Na Roma antiga, um arauto se dirigia à cidade para anunciar um novo rei, uma nova lei ou um evento importante: um casamento da realeza, uma batalha vencida, um inimigo derrotado. Os arautos anunciam uma nova realidade.

O escritor procura proclamar fielmente o que é e o que pode ser. O escritor cristão é um arauto. Nós compreendemos nossa tarefa como a proclamação de uma nova realidade do reino de Deus: as bodas do Cordeiro, uma batalha ganha por meio da ressurreição e com a derrota da morte. Anunciamos que outra realidade irrompeu na nossa. Anunciamos o fim da história. Sussurrámos, falamos, gritamos — em frases e versos — que todas as coisas estão avariadas e que tudo pode ser renovado.

Nossa mensagem — o evangelho — nem sempre é declarada de modo direto. Às vezes a transmitimos de forma apologética ou por meio de argumentos. Contudo, nós também, nas palavras de Emily Dickinson, “dizemos obliquamente”, por

meio de uma história bem contada, de um soneto, de uma metáfora ou com o torneio certo de uma frase. Sempre que tenho dúvidas da história do cristianismo, leio a obra apologética de N. T. Wright sobre a ressurreição. Mas, quando duvido muito, leio a poesia de Scott Cairn ou a descrição de um crânio de uma doninha de Annie Dillard ou os versos de Luci Shaw sobre o mar. Esses autores me induzem a acreditar que há beleza no universo, como também há tragédia e mistério muito mais profundos e ricos do que posso experimentar agora, que Deus pode não apenas ser real, mas pode estar também agindo no mundo desenfreadamente, sem restrições.

Proclamando no contexto

Como cristãos e escritores, anunciamos uma mensagem. Contudo, e isso é importante, nós o fazemos em um momento particular da história, em uma

linguagem limitada e herdada, em um contexto e para um público determinado.

O evangelho — que transcende o tempo, o espaço, a linguagem e a cultura — é anunciado, escrito e recebido por meio da dádiva deselegante e, por vezes, inadequada de palavras aculturadas, limitadas pelo tempo e efêmeras.

O ato de proclamar requer sempre o uso de palavras à disposição para anunciar algo maior do que o próprio eu. Ele se propõe a guardar o tesouro divino em vasos de barro. Portanto, a proclamação requer não apenas conhecer e anunciar a mensagem, mas também conhecer e compreender nosso momento no tempo e no espaço.

São muito citadas as palavras de Simone Weil: “Para sermos relevantes, temos de dizer coisas eternas”.¹ Temos de aprender a dizer essas coisas eternas — a dignidade e o valor das criaturas, a ruptura na raiz da humanidade, a redenção incessante de Deus, a novidade gloriosa que acena para nós — em uma linguagem e em uma voz que as façam ter sentido em meio à confusão, aos anseios e às limitações próprias de nossa era e espaço breves. Ser um arauto não significa apenas aprender a dizer uma mensagem, mas aprender a exprimi-la dentro de um contexto e de improviso, do jeito certo, na hora certa.

Ser um arauto cristão consiste, entre outras coisas, em falar verdades duras — e

até mesmo impopulares —, verdades, coisas eternas que não mudam de acordo com a cultura e que ofendem, de uma ou de outra maneira, todas as culturas.

Contudo, não podemos simplesmente dizer verdades incômodas para estarmos certos, ou pior, para estarmos primordialmente satisfeitos com nós mesmos.

Nossa tarefa consiste, em parte, em comunicar a outros uma visão significativa do florescimento humano — uma forma de conhecer a Deus — que faça com que as pessoas queiram que seja verdade. Isso não significa que todos os nossos ouvintes ou leitores aceitarão nossa mensagem; se,

porém, a rejeitarem, queremos que rejeitem algo que comunicamos com precisão. Assim como o jovem rico diante de Jesus, devemos estar igualmente preparados para que nossos ouvintes e leitores se afastem tristes. Contudo, cabe a nós trabalharmos arduamente para garantir que, se rejeitaram nossas ideias, foi efetivamente por causa da mensagem que anunciamos, e não porque a corrompemos com outra coisa irreconhecível e inverídica.

Penso no personagem The Dude [“O Cara”] no filme de 1998 O grande Lebowski, respondendo aos argumentos excessivamente zelosos de Walter, seu amigo: “Walter, você não está errado. Você é simplesmente um babaca”.
O

objetivo de um arauto nunca é simplesmente ser ouvido ou estar certo. O cristão pode usar palavras de um modo preciso mas antipático, ou verdadeiro mas banal.

Se, porém, o fizermos, além de não sermos gentis, deixaremos de ser arautos do reino de Deus. Isto porque as coisas eternas que proclamamos não são apenas ideias que, como equações matemáticas, podem se recitadas e afirmadas cognitivamente ou proposicionalmente. Nós proclamamos uma visão holística da realidade, do que significa ser humano, o que significa viver bem, o que significa conhecer a Deus; proclamamos esta visão por escrito, em histórias e frases, e em nossa vida — com nossas palavras e nossas práticas.

Nossas palavras definem de maneira crucial nossas práticas, assim como as práticas definem nossas palavras. Nossa tarefa de dar nome às coisas é uma forma de adotar a prática de dizer a verdade. Essa tarefa nos ensina não apenas a dar nome à realidade com veracidade, mas também a viver a realidade com veracidade. Essa prática intencional de, nas palavras de Luci Shaw, “contar e recontar a história que tece conjuntamente a transcendência divina e a experiência humana terrena” nos molda como crentes e molda nossos leitores.²

Como aprendi na obra de Stanley Hauerwas, as mentiras que contamos falam de nós.³ E a verdade que falamos fala de nós. Nossas palavras, práticas de civilidade e de moderação, os hábitos que nos acompanham na arte da

palavra e do discurso voltam para nós e definem quem somos, como pensamos e o que somos

capazes de dizer em nosso mundo e para ele.

As palavras são ubíquas de um modo que jamais vimos antes na história da humanidade. Outdoors, textos, tuítes e posts nos circundam. Desde o advento do celular, a maioria de nós carrega um mundo inteiro de palavras que brilham em nosso bolso.

E esse acesso constante a inúmeras palavras pode nos levar a achar que elas são tanto muito importantes quanto não importantes o suficiente.

De um lado, damos peso demais às palavras. Confundimos a busca de justiça

—

o trabalho lento de construção ou de transformação de instituições e sistemas

—

com o uso da hashtag certa ou com o compartilhamento de uma opinião nas mídias sociais ou com a expressão de raiva ou a sinalização de virtude. Não que as hashtags ou o uso das mídias sociais sejam práticas irredimíveis, mas nunca são uma ferramenta neutra; elas determinam a forma como vemos o mundo — e como falamos e agimos no mundo. Ironicamente, elas podem nos levar a um desligamento maior conforme consumimos mais e mais informações sobre o mundo. É possível que nos tornemos rápidos demais na hora de falar ou de escrever, e muito vagarosos para ouvir, compreender e responder em profundidade e com ação criativa.

A onipresença das palavras pode também barateá-las e tirar-lhes o peso. Agora, com os blogues e as mídias sociais, praticamente qualquer um pode ter uma obra publicada sobre qualquer assunto, bastando para isso um leve toque em uma tecla. A comunicação com muitas pessoas está o tempo todo na ponta dos nossos dedos, e com ela vem a tentação de responder de imediato — em público, com palavras — a qualquer um ou a todos os eventos. Todos nós, diariamente, corremos a todo momento o risco de ficar sufocados debaixo do peso de milhares de opiniões precipitadas. Contudo, em meio à abundância de palavras, é possível que não tenhamos mais o

mesmo cuidado com elas. Perdemos com isso argumentos e sabedoria valiosos.

Sabemos agora que a internet está alterando nossas vias neurais — na verdade, a ubiquidade das palavras on-line está reestruturando nosso cérebro para receber pequenos fragmentos de informação rapidamente e perder a capacidade de acompanhar argumentos e histórias longos e variados. Esse tsunami de palavras e de informações dificulta ainda mais pensar e escrever bem. O resultado disso é incivilidade e tribalismo. Nicholas Carr escreveu: “Estamos acostumados a

prestar atenção superficialmente às coisas, em vez de analisá-las com profundidade — antigamente eu fazia mergulho subaquático no mar das palavras. Agora eu roço sua superfície como um sujeito de jet ski”.⁴

Para dar conta disso, nós escritores devemos cultivar a profundidade. Uma forma de fazê-lo consiste em praticar — talvez de modo contraintuitivo — o silêncio e o ouvir pacientes. Precisamos cultivar a atenção para ouvir profundamente o que os outros estão dizendo, para ouvir nossa vida interior, a grande tradição da igreja, para ouvir a Deus. Thomas Merton disse: “Se a pregação não brotar do silêncio será perda de tempo”.⁵ O mesmo vale para a escrita; aliás, para qualquer uso das palavras.

Podemos resistir ao impulso de responder ao que quer que esteja tendendo a um ritmo sem respiração. É possível trabalhar contra os moldes preestabelecidos nos quais os argumentos culturais se deixam capturar tão facilmente.

Escrever é difícil. E tem de ser mesmo — é assim que nossas ideias melhoram.

Para compreender o mundo é preciso silenciar, ouvir e refletir cuidadosamente.

Tudo isso requer tempo, paciência e prática.

Nós, como escritores, temos de confiar em nossas convicções, mas temos de permanecer humildes, um equilíbrio difícil que Tim analisa no capítulo que

escreveu. Às vezes, contrapomos humildade a convicção — confundimos a realidade de que podemos estar (e, com frequência, estamos) errados com um tipo de relativismo que jamais afirma coisa alguma com certeza. Combinamos fugir do dogma e fugir do orgulho. Contudo, temos de nos situar em algum lugar

— todos apostamos a vida em alguma versão da realidade, da verdade e da moralidade. O objetivo dos escritores, assim como o objetivo que tínhamos como ministros no campus de Vanderbilt, deve ser o de afirmar nossas convicções claramente e (não mas!) humildemente. Temos de aprender como ser pessoas de convicção, sem nos esquecermos de que somos decaídos — que até mesmo nossa escrita é decaída. Essa realidade deveria fazer com que peguemos a caneta — ou o notebook — com uma boa dose de temor e tremor, e com uma esperança ainda mais forte na misericórdia divina.

Resgatando palavras

O romancista e poeta John Berger escreveu: “Para que vivamos e morramos como se deve, as coisas têm de ser nomeadas como se deve. Resgatemoss nossas palavras”. Usar palavras não é tarefa desprezível. Essa vocação de resgatá-las

— de redimi-las — é parte da nova criação de Cristo, que ecoa os nomes que demos no jardim. Esse ato de nomear determina como vivemos e morremos. As palavras formam as placas que apontam o caminho daquilo em que cremos e quem somos. Por isso, precisamos da ajuda da comunidade — da igreja — para usar bem as palavras e de modo verdadeiro. Como escritores, temos contas a prestar.

Nomear o mundo de modo verdadeiro, com cuidado, é um ato de amor. Por meio de histórias, argumentos e de metáforas, podemos amar nossos leitores e ajudá-

los a viver de maneiras mais abundantes, mais afinadas com o maravilhoso, de maneiras mais justas, ponderadas e sadias. Em parte, o chamado do cristão para amar em nosso tempo consiste em subverter as categorias fáceis de Esquerda e de Direita, maus e bons, bandidos e mocinhos — rótulos

simplistas e vaidosos que travam o diálogo contemporâneo. Como diz Lecrae mais adiante, este é o segredo de saber contar uma boa história — e, de modo geral, de escrever bem.

Em vez de categorias excessivamente definidas, proclamamos um esfacelamento comum que afeta a humanidade toda e todos os sistemas políticos e soluções políticas, e ainda assim proclamamos um valor comum e a dignidade de todas as pessoas. Francis Spufford escreveu que “o cristianismo transpõe categorias isoladas por meio das quais normalmente compreendemos o mundo de hoje, insistindo em um território comum, em um grau incômodo”. E acrescenta: “Isso não é muito confortável”.⁷

Os escritores, assim como outros artistas, nos lembram de que, não importando as diferenças que nos dividem, temos muito em comum. Todos sangramos.

Temos esperança e nos desesperamos. Esperamos na escuridão pela aurora.

Saboreamos, tocamos e cheiramos. Temos em comum este planeta que coloca em risco a ousadia de baiacus e vagalumes, papagaios-do-mar, pinguins e recifes de corais. Todos morremos, e todo aquele que amamos e deixamos de amar morre. Todos vivemos nossas vidas, a cada minuto, frágeis e vulneráveis. Os escritores nos lembram de que estamos vivos não graças a nós mesmos, e este dom da vida nos é dado a todos juntos, para que vivamos neste mundo de luz e de trevas juntos. Todos nós somos profundamente humanos; profundamente temerosos. Todos nós, até mesmo o melhor e o pior de nós, somos como todos os

demais.

E, infelizmente, haverá ocasiões em que procuraremos amar nossos leitores, mas eles não corresponderão a esse amor. Escrever é sempre um risco. Nós e nosso trabalho seremos alvo de críticas e de censuras, o que é bom, embora doloroso, e parte essencial para se chegar à verdade bem como para se tornar um escritor melhor. Neste momento da história, porém, afirmar o que quer que seja poderá deflagrar não apenas a resposta necessária, mas também sarcasmo irracional e ad hominem (e, por vezes, em grande quantidade e viral).

Escrever movido pelo amor acarretará, inevitavelmente, além de suas muitas alegrias, algumas feridas, algum sofrimento. Para que escrever seja um ato de amor, teremos de estender a tolerância e a caridade a nossos críticos, mesmo àqueles que nos atacam injustamente. Se quisermos ser fiéis como escritores e líderes cristãos, seremos criticados de ambos os lados — pela Direita e pela Esquerda — e, às vezes, estes tentarão cooptar nosso trabalho para seus próprios fins. Viver e escrever nesse ambiente tenso requer prática. Aperfeiçoamos nossa prática. Aprendemos com o tempo e na comunidade, por meio do silêncio, do ouvir e da oração pacientes, a nomear o mundo de modo verdadeiro, a anunciar nossa mensagem de forma clara e humilde.

Tornei-me escritora no contexto de um novo amor e de um conflito desorientador. E continuo a praticar a escrita em um mundo tão cheio de amor e de perdas — e de maravilhas e horrores, alegrias e tristezas, paz e conflito. E

neste mundo amado e belo, caprichoso e que chora, testemunhamos do Verbo, que terá a palavra final e gloriosa.

1. Até onde sei, ela não disse realmente isso, mas é uma representação apropriada de seu pensamento. Weil escreve em seus diários, por exemplo: “A duração, seja uma questão de séculos no caso das civilizações, ou de anos e décadas, no caso do ser humano, tem uma função darwiniana de eliminação dos inaptos. Aquilo que se mostra apto para todos os propósitos é eterno” (Simone Weil, *The notebooks of Simone Weil*, tradução para o inglês de Arthur Wills

[New York: Routledge, 2004], p. 444).

2. Luci Shaw, *Breath for the bones: art, imagination, and spirit* (Nashville: Thomas Nelson, 2007), p. 87.

3. Essa formulação me foi comunicada por meu amigo Robert Kehoe, que ouviu Hauerwas dizer essas palavras em uma palestra não publicada. Este é um tema consistente nas obras de Hauerwas: “O que tantas vezes faz de nós mentirosos não é o que fazemos, e sim as justificativas que apresentamos para fazê-lo.

Nossas justificativas se tornam a maneira pela qual tentamos derrotar as contingências de nossa vida contando a nós mesmos histórias consoladoras que nos asseguram de que fizemos o melhor possível [...] Ser cristão significa que devo tentar compreender minha vida à luz do evangelho, por isso não procuro determinar a veracidade da minha história. Pelo contrário, os que vivem de acordo com o evangelho serão aqueles que determinarão onde fui verdadeiro e onde enganei a mim mesmo” (Stanley Hauerwas, Hannah’s child: a theologian’s memoir [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2013], p. 159).

4. Nicholas Carr, *The shallows: what the internet is doing to our brains* (New York: W. W. Norton & Company, 2011), p. 7.

5. Thomas Merton, *The sign of Jonas* (New York: Harcourt, Brace and Company, 1953), p. 266.

6. John Berger, *Hold everything dear: dispatches on survival and resistance* (New York: Pantheon Books, 2007), p. 48.

7. Francis Spufford, *Unapologetic: why, despite everything, Christianity can still make surprising emotional sense* (New York: HarperOne, 2013), p. 215.



A COMPOSITORA

SARA GROVES

Recentemente, minha filha Ruby, de dez anos, e eu, separamos um tempinho para nós duas. Enquanto falávamos sobre a pizza, eu disse a ela que tinha sido convidada para participar de um livro sobre seguir a Cristo nos dias de hoje, mas não sabia muito bem o que dizer. “Nos dias de hoje?”, disse ela com um riso esperto. “Você sabe sobre o que pode escrever? Perguntou o que é adequado?”

“Não, acho que não”, eu disse. Ela suspirou e pôs as mãos sobre a mesa. “Vamos lá”. Estava pronta para me ajudar a solucionar o problema.

“Se você vai falar sobre os dias de hoje, tem de falar sobre tecnologia. Tem de falar sobre o presidente Trump, quer dizer...”. Ela balançou então um pouco a cabeça e disse séria: “Racismo. Você tem de falar do racismo”. Depois de uma longa pausa, acrescentou: “Memes. Os memes são demais, e slime. Todas as minhas amigas têm slime”. Depois de pensar um pouco mais ela disse: “Bom, isso é o que está acontecendo nos dias de hoje, mas é melhor você ligar para eles e ver o que acham mais adequado”.

Durante os últimos vinte anos, tenho tentado interagir, como compositora, com o mundo em que vivo. Tal como o teólogo, o pastor ou o tradutor, o compositor busca uma linguagem que o ajude a dar nome às suas experiências e a compreender o que sente. A linguagem precisa é importante, e eu a tenho buscado há anos. Contudo, entendo que há um convite a mais ao compositor: ele é convidado a dizer tudo, a testemunhar de toda o espectro das experiências humanas, incluindo todas as suas tensões. O compositor é convidado a falar de tristezas, temores, banalidades, silêncio, injustiça, justiça, esperança, adoração selvagem, beleza, amor, paixão, de coisas naturais e sobrenaturais. O compositor não é chamado a entrar em cena para torná-la espiritual, ou para responder por ela, mas simplesmente para olhar em volta e exclamar: “Ó meu Deus! Vejam que beleza indescritível!”. Ou expressar: “Ó meu Deus! Que show de m**da é esse?”. Seja como for, é isso que encontramos nos Salmos.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que boa parte da linguagem que uso para descrever minha vida de compositora vem dos meus modelos do mundo da música e da arte: o produtor musical Charlie Peacock; sua esposa, a autora Andi Ashworth; e o artista visual Mako Fujimura. A contribuição que deixaram para mim — conversas, palavras escritas, exemplos vividos — são inspirações que levo para meu mundo, minha música, meu bairro. Eles me deram um contexto para que eu me relacionasse de forma segura com a cultura por meio de suas definições de “vida gerativa”.¹

Em seu livro *Culture care* [Atenção à cultura], Mako diz que a cultura não é uma guerra a ser ganha, e sim um jardim a ser cultivado. Nessa bela reforma de ideias, ele nos afasta do conceito de inimigo e nos direciona para os braços da nutrição e da criatividade. “Quando somos gerativos, recorreremos à criatividade para produzir algo novo e que dê vida [...] O gerativo se opõe à degradação ou à limitação. Ele é construtivo, expansivo, afirmativo,

prospera além da mentalidade de escassez”. Mako acredita, assim como eu hoje acredito, que isso é de extrema importância “até mesmo nos ambientes mais hostis em que a sobrevivência está em risco”.²

Essa ideia de que podemos ser gerativos nos ambientes mais hostis ficou clara para mim na história de Vedran Smailović, o violoncelista de Sarajevo. É uma história já contada várias vezes, mas que só vim a conhecer em 2003, quando estava trabalhando com Charlie em *The other side of something* [O outro lado de alguma coisa]. Eu estava na parte final de uma crise de identidade/fé que me levou a questionar o valor das palavras e das ideias, e que me fez refletir se deveria começar de novo, seguir outra carreira mais prática. Para que servem a música e a poesia? Pensei: Se não desmaiasse ao ver sangue, seria ótimo ser enfermeira, dar conforto físico e atenção com minhas mãos. Estava na mesa da cozinha dizendo essas coisas ao Charlie e a Andi, quando ele me contou a história do violoncelista de Sarajevo. Smailović passou por uma enorme tristeza em sua casa durante a Guerra da Bósnia. Depois que uma bomba perdida explodiu em civis que aguardavam a vez na fila do pão, Smailović decidiu executar vinte e dois concertos em homenagem às vidas perdidas naquele dia.

Ele pôs um smoking completo e tocou seu instrumento no meio das crateras abertas pelas bombas e entre os prédios arrasados por toda a Bósnia. Seu belo protesto se transformou em uma metáfora que me mobilizou. É fácil ficar próximo de uma cratera aberta por uma bomba e falar sobre ela: como foi que surgiu, de quem é a culpa e todos os outros detalhes. É muito mais difícil dar um passo adiante e descer, ficar no meio dela, e dizer ou fazer alguma coisa gerativa.

Em seu livro *A new way to be human* [Um novo jeito de ser humano], Charles diz:

Cheguei à seguinte conclusão a meu respeito: minha vida vai dar uma história, queira eu ou não. A história será a seguinte: quem segue a Jesus é assim, são essas as coisas pelas quais essa pessoa se interessa, é nisso que ela crê e é nisso que confia, é isso o que ela acha importante.³

Eu interpreto a história assim: Jesus saiu de uma comunidade perfeita para descer em nossa cratera de bomba, para entrar em um sofrimento que não era

o dele e para cantar uma música; e que música! Todos à sua volta queriam que ele desse ordem para marchar, para que as pessoas pegassem em armas, mas em vez disso ele tocou a música mais verdadeira, mais bela que já tinham ouvido! Não é preciso que estejamos em um país arrasado pela guerra para que encontremos crateras abertas por bombas. Onde quer que eu esteja, posso participar da natureza divina; posso me associar a Deus na renovação de todas as coisas; posso ser uma reparadora de fendas. Como compositora, creio que devo começar este trabalho aceitando o convite de dar testemunho da experiência humana em sua inteireza, deixando que meu testemunho suba como um cântico de dentro da cratera aberta pela bomba.

Sente ao meu lado e me conte outra vez

A história que nos foi contada

Do poder que nos susterá

Da beleza, da beleza

E por que ela é importante

Fale comigo até eu compreender

O porquê do nosso pensar e criar

E dos nossos esforços de narrar Essa beleza, ó essa beleza

*Como ela é importante.*⁴

Diga tudo: conte a verdade para você mesmo

O melhor conselho que já recebi sobre composição, o conselho que mais deu frutos no meu trabalho, foi o de não editar a mim mesmo. Quando falo de deixar de me editar, não me refiro a evitar qualquer tipo de autocontrole, mas, sim, a dizer coisas que estão mais próximas da verdade. Diga a verdade — a verdade toda, a verdade complexa, confusa, conflituosa e desagradável.

Não se pode dizer a verdade começando pela pergunta: “O que devo dizer?”, ou então: “Qual é a coisa certa a dizer?”. Tudo começa com uma experiência

e segue na direção do que daí flui: confissão, louvor, nomeação, testemunho. Se julgarmos nossos pensamentos antes mesmo de termos a chance de experimentá-

los, criamos um ambiente hostil que não nos dará acesso ao nosso verdadeiro testemunho.

Faz muitos anos, eu estava trabalhando em uma canção livremente baseada em um amigo que havia feito uma escolha impulsiva que machucou pessoas. Eu me lembrei de Esaú, o qual vendeu sua herança por um prato de lentilhas. A música ia mostrar como as boas coisas da vida requerem um pouco de compromisso; o refrão, é claro, enfatizaria o fato de que nos cabe a árdua tarefa de esperar pelas coisas boas e eternas na vida. No entanto, não é isso o que geralmente fazemos

— e não é isso o que eu faço com muita frequência.

Quanto mais eu trabalhava na canção, tanto mais minha tigela se enchia de lentilha. Foram necessários sete anos para que eu percebesse que não precisava de uma música que me dissesse didaticamente o que eu deveria fazer. Na verdade, eu precisava de uma música que acompanhasse Esaú e a mim em nosso remorso posterior à sopa, e que admitisse quando as coisas vão mal. Eu precisava de um espaço que me permitisse reconhecer que continuo a vender

aqui-e-agora o meu reino, vezes sem fim, ainda que a herança futura seja infinitamente melhor.

Ó que poder das feridas não curadas

Vendi meu reino por um brilho efêmero

Devo me culpar por tudo o que foi ao chão

Na busca de um deus que eu pudesse controlar?

Percorrendo o céu de nêutron feito um próton Procuro minha cura em todos os que passam

Ó minha herança por um prato de lentilhas

*Uma coisa quente e real no espaço que é seu.*⁵

Descobri que é muito difícil dizer a verdade a mim mesma. É preciso humildade, consciência, graça e espaço para escrever e lutar com a verdade nua e crua. Eu também, com frequência, fico aquém desse objetivo e não consigo me expressar sem retoques. Quase sempre começo uma música com o que acho que devo dizer, depois vou progredindo em direção a alguma coisa verdadeira.

Flannery O'Connor falou de forma muito bela a esse respeito em *Mystery and manners* [Mistérios e hábitos], uma coleção de ensaios sobre o ato de escrever: O que se requer do romancista é que abra os olhos para o mundo à sua volta e veja. Se o que vir não for extremamente edificante, mesmo assim deve olhar. Em seguida, deve reproduzir, com palavras, o que vê. Bem, este é o primeiro momento em que o romancista [cristão] sentirá algum atrito entre o que deve fazer como romancista e o que deve fazer como [cristão], porque aquilo que vê o tempo todo é o homem decaído e pervertido por falsas filosofias. Ele deve

reproduzir o que vê? Ou deve mudar o que vê e, em vez do que está à sua frente, reproduzir à luz da fé o que acha que deveria ser?

Para O'Connor, os que se empenham em dizer a verdade sobre o que veem têm visão profética: “O profeta é um realista dos afastamentos”.⁷ Os profetas veem as coisas do jeito que elas são em um contraste doloroso com seu conhecimento e sua fé na reconciliação plena.

O salmista claramente se sentiu livre para ser um “realista das distâncias”. Ele compartilhou abertamente sua loucura, vergonha e medo e como tudo parecia confuso. No salmo 73, Asafe testemunhou: “Para mim, os ímpios me parecem muito satisfeitos! Estão gordos, são poderosos e não parecem ter problemas como os outros homens. Lavo minhas mãos o dia inteiro, guardo puro meu coração, e tudo o que ganho é um murro na cara. Por que tentaria praticar o bem novamente?”.⁸

Tive pensamentos parecidos. Por que continuo me espancando para tentar servir a outros e amar do jeito certo? Por que me esforçar para dar uma resposta gentil se todos os dias o meu vizinho profere insultos? Ele vai trabalhar para ganhar seu dinheiro e parece bem satisfeito assim. Será que eu tenho de batalhar todos os dias para separar o bem do mal?

Asafe ficou confuso com tudo o que viu: “Eu me sinto atordoado, ignorante como um animal”.

Não sei você, mas eu me sinto menos só de ler isso. Também me sinto uma ignorante, um animal bruto. Essa é a verdade, e é importante que eu a diga.

Às vezes não é fácil ser o primeiro — o primeiro a confessar suas insuficiências, sua raiva, sua confusão e seu temor —, mas sou testemunha de que, toda vez que corro o risco, o resultado é positivo. Vulnerabilidade gera vulnerabilidade. Tenho conhecido ouvintes de todos os tipos que encontraram consolo e liberdade nas músicas que tive mais dificuldade de compor.

Diga tudo: dê testemunho

Quando estava compondo para o meu quarto disco, *The other side of something*

[O outro lado de alguma coisa], me senti compelida a escrever mais sobre o que vi através das lentes da fé e menos sobre o que vi pelas lentes propriamente ditas. Estava lutando com a cultura da indústria da música cristã contemporânea e sua necessidade previsível de clareza e certeza poéticas. Queria escrever sobre os problemas reais do meu casamento e sobre o fato de que, embora dissesse que cria em mudança e transformação, nem sempre eu cria nisso.

A borboleta pode simplesmente olhar para trás Bater as asas e dizer, ah, que bom

Nunca mais tenho de ser lagarta...

Estou em busca de algo tangível

Algum tipo de prova de que eu mudei...

A mudança é lenta e me enche de dúvidas.¹

Parece tolice agora, mas foi muito importante para mim deixar a dúvida na letra sem uma ponte de fé do tipo “mas meus dias de borboleta vão chegar, ó sim”.

Quando contei ao Charles, ele disse: “Deus é o oceano, mas nós insistimos em escrever sobre um copo de água”. Ele me incentivou a prosseguir, a escrever sobre tudo — o que significa ser humano, com que se parece a encarnação aqui e agora na terra, e até onde podemos ficar aquém da glória. Uma teologia sólida é um convite à reflexão sobre a importância de todas as coisas.

Se dermos testemunho da bênção, mas evitarmos testificar da dor, perdemos credibilidade.

E há tanto do que se lamentar. Há muitos anos, apresentei-me em um evento para angariar fundos a uma organização de Chicago que dava assistência a comunidades pobres. Os convidados falavam da marcação com linha vermelha, uma prática histórica em que os antigos líderes da cidade determinavam (por meio de uma linha vermelha desenhada em um mapa) onde os afro-americanos podiam e onde não podiam morar.¹¹ Essa prática, associada a desigualdades imobiliárias brutais, resultava em pouca ou nenhuma moradia de propriedade de afro-americanos. Um homem de quase sessenta anos nos disse em meio a lágrimas como seu pai, um médico bem-sucedido, só em 1978 havia conseguido obter um financiamento de uma casa. Quando ele explicou que em uma única casa moravam de duas a três famílias, as quais tinham de pagar um aluguel exorbitante, houve muitos gestos de assentimento na sala. Tratava-se de uma experiência comum partilhada por muitos.

Poucos meses depois, eu estava em uma sala da igreja acompanhando uma aula de aconselhamento financeiro. O professor no DVD dizia que, quando fôssemos comprar uma casa, deveríamos comprá-la “do lado certo dos trilhos”. Em seguida, dei ao pequeno grupo uma preleção apaixonada e pungente sobre nossa liderança urbana e como ela havia criado o lado “certo” e o lado “errado” dos trilhos. Há uma pergunta que arde dentro de mim: O que nós, como seguidores de Cristo, pensamos a respeito de como continuamos a participar de iniquidades sistêmicas? O que devo colocar naquela cratera de injustiça e de sofrimento aberta pela bomba?

Há corações que foram erguidos sobre charcos Um olho olha para o céu: sinal de chuva?

Trabalhamos pelo solo que a chuva carrega

Quando vivemos mais perto...

Mais perto do perigo e do estrondo do abismo Mais perto de marés sucessivas de má sorte E do que faz com que nos ajoelhemos

Há corações que foram erguidos sobre charcos.¹²

No salmo 109, Davi escreveu um cântico sobre os maus-tratos que viu um homem infligir ao seu vizinho: “Pois não se lembrou de agir com bondade; pelo contrário, perseguiu até à morte o aflito e o necessitado, bem como o quebrantado de coração” (v. 16). Davi estava abatido e irado, mas confiou na misericórdia divina pelos oprimidos. Ele encerrou o capítulo cantando: “Com minha boca renderei muitas graças ao Senhor; eu o louvarei no meio da multidão, pois ele se coloca ao lado do pobre, para salvá-lo dos que o condenam à morte” (v. 30,31).

Em 2005, conheci uma jovem que havia sido sequestrada de sua casa para trabalhar no bordel de um país cuja língua desconhecia. Ela foi resgatada em grande parte pelo trabalho metódico e incansável do pessoal da International Justice Mission (IJM). Ao conhecê-la, me senti na obrigação de reagir de modo palpável. Aproximei-me emocionada de uma amiga e lhe disse que queria estudar direito, ou trabalhar com reabilitação física, alguma coisa que fosse mais significativa do que compor. Minha amiga fazia que não com o dedo antes mesmo de eu terminar de falar: “Não, não faça isso. Componha. Precisamos de músicas”. No avião, de volta para casa, peguei meu caderno e escrevi: “É pesado demais para carregar e impossível de sair”. Fui para casa e no decorrer dos meses que se seguiram escrevi um disco inteiro, Tell me what you know [Diga-me o que você sabe], sobre a jovem que eu havia conhecido. Quando entrevistei o pessoal da IJM e perguntei o que gostariam que as pessoas soubessem sobre o seu trabalho, um amigo disse: “Embora a cura total possa levar muitos anos, fico sempre admirado como, em poucos minutos de liberdade, já há humor, há canções”.

Diga-me o que você sabe

Sobre Deus, o mundo e a alma humana

Como tanta coisa pode dar errado

*E mesmo assim haver música.*¹³

A parte pessoalmente redentora de testemunhar sobre coisas difíceis e buscar dizer a verdade sobre elas foi que isso me salvou. Não tinha a mínima ideia de como precisava desesperadamente passar de uma fé direcionada ao futuro para uma fé no evangelho encarnado. Ao dar testemunho de minhas feridas

interiores e das feridas da minha comunidade, pude observar o trabalho restaurador e reconciliador de Jesus, e esse testemunho me trouxe de volta à vida nestes tempos de cinismo e de ira.

Diga tudo, mas nada que não seja humano

Ser gerativo não impede de dizer coisas difíceis, ou suscitar bons questionamentos e debates; contudo, inclui, como diz Mako, a visão de uma “florescimento comum”. Nada silencia tanto o pensamento honesto e o testemunho como esquecer a humanidade do outro.

Estive pensando recentemente sobre uma cena da animação Wall-E. O robô EVA tem de vir à terra com a missão de encontrar organismos vivos. Ela tem uma diretriz. Wall-E, um modelo obsoleto de robô que há tempos ficou sozinho na terra, está ansioso para começar uma amizade. EVA e Wall-E estão só começando a curtir um ao outro quando o sensor dela dispara ao detectar uma planta viva. Ela endurece, fica robótica, coloca a planta em seu compartimento de armazenagem e entra em estado de hibernação — ela está no Modo Diretriz.

Wall-E não entende o que se passa. Ele a protege com um guarda-chuva e pendura um fio em torno dela com lâmpadas coloridas. Tenta segurar sua mão, lhe dá carinho, faz coisas humanas, mas ela agora é menos do que humana, fechada em si mesma.

Hoje em dia é fácil replicar esse processo em nossos relacionamentos; nossas conversas são tensas. São tantos os tópicos que podem nos colocar em Modo Diretriz; nós nos desligamos e começamos a recitar mecanicamente o script daquela diretriz. Como compositora que tenta ser gerativa, tenho de me esforçar para me manter alerta e resistir à desumanização retórica e à propaganda.

Acredito na ideia de que “votamos” com nossa vida, nosso dinheiro e nosso tempo. No entanto, se percebo que minha identidade consiste em ser

exclusivamente uma representante ambulante da minha igreja, da minha denominação ou do meu partido político, então meu discurso e minha criatividade estão sendo reduzidos à propaganda. Tenho de perguntar a mim

mesma se não estou sufocando uma indagação sincera porque tenho medo de admitir uma falha nos grupos com os quais mais me identifico. Seria desleal se eu tratasse com franqueza de coisas internas? Preciso cogitar se tenho receio disso. Se um pastor ou político se comporta de forma escandalosa, irrompe uma enxurrada de argumentos para defendê-lo e explicar tudo, por causa dos danos que pode causar à igreja ou ao partido. Lembro-me muito bem de como a denominação em que cresci atenuou os escândalos de várias personalidades importantes — lembro-me dos segredos, da proteção e da negação. Lembro-me também do dia em que me dei conta, com alívio, de que não tenho de defender o indefensável. Minha identidade não depende dessas organizações, e embora o corpo de Cristo seja fundamental para minha fé, não tenho de proteger nenhuma organização em especial à custa da transparência e da investigação honesta.

Neste momento cultural em que mulheres estão ganhando coragem para falar abertamente sobre experiências de abuso e homens estão compartilhando seus momentos mais íntimos de dor nas mãos de abusadores, é de partir o coração ver tantos líderes cristãos se retrair, se defender, justificar ou, pior do que isso, responder com o silêncio. Deus não está em silêncio em sua misericórdia pelos vulneráveis, e eu quero estar ao lado dos que buscam a justiça.

Quando as luzes se acenderem sobre esta cidade Quando a coisa toda ruir

Quero estar ao lado da justiça

Quando as luzes se acenderem sobre esta cidade Quando a coisa toda ruir

Quero estar ao lado da misericórdia

Quando as luzes se acenderem

Quero dizer a verdade.¹⁴

Conversei recentemente com outros cristãos amigos sobre o que temos a oferecer ao mundo. Alguns criam que estávamos sendo atacados pelo mundo por causa de nossa fé e do testemunho de alegria e generosidade de Cristo. Outros disseram que estamos cegos para nossa própria subcultura e todos os

seus códigos e privilégios, que nosso testemunho perdeu completamente o poder porque exaltamos o tribalismo e o nacionalismo. Fiquei ali pensando que já tinha visto as duas coisas. Vi a generosidade sem paralelo do povo de Deus — sou testemunha disso! Vi a insensibilidade incrível para com o refugiado, em nome do nacionalismo cristão — e protestei! Sei de gente piedosa que gasta seu tempo e sua energia servindo a outros por causa de sua fé — sou testemunha disso!

Conversei com crentes para os quais o atual racismo estrutural é produto da imaginação de alguém — e eu protestei! Senhor, tem misericórdia!

Oro para ter coragem de dizer o que vejo mesmo se houver nisso oposição à diretriz principal do meu grupo e possa me desprestigiar ou me dar prejuízo financeiro. Oro por sabedoria para perceber quando estou me desligando e entrando em Modo Diretriz, e pergunto qual é a melhor maneira de combater as coisas que me tornam menos humana e tornam os demais menos humanos para mim.

Na música “Sou eu”, analiso o momento em que esquecemos a humanidade um do outro no contexto do meu casamento. No início da canção, meu marido, Troy, e eu estamos muito bem e cercados de ternura. Contudo, algo que fere é dito e —

quase contra o meu desejo e o dele — uma frieza desce sobre nós. Recuamos para o íntimo de nós mesmos e tentamos dialogar, porém não há mais ternura nenhuma.

Salve-se quem puder

Não há mais ternura

Em um piscar de olhos

Desaparece toda boa vontade

Demarcamos nossos passos e olhamos de dentro para fora

Mas, querido, você se foi, foi, foi.

Lembro-me de pensar parada no meio da cozinha: Onde está o garoto que amo dentro desse homem? Onde está a garota dentro de mim que ama esse garoto?

Lembro-me de imaginar se tínhamos alguma chance de nos conectar antes que o sofrimento e a raiva tomassem o controle e confundissem tudo.

Lá no íntimo da garota que desperta

Ela chama o garoto que ama

*Sou eu.*¹⁵

Se sou capaz de me sentir tão distante da pessoa com quem vivo e amo de verdade, quanto mais não serei capaz de agir com menos humanidade com as pessoas que nem sequer conheço na vida real? É uma dádiva divina ver o valor inerente de cada um. Às vezes me pergunto se esse não é o propósito de nossa fé, se não seria a obra completa de Cristo em nossa vida. A história do Êxodo fala de uma praga de trevas tão profundas que “ninguém conseguia ver o outro” (Êx 10.23). Creio que estamos lidando com trevas semelhantes atualmente, por isso precisamos da ajuda e da sabedoria divinas para proclamar a verdade ao mesmo tempo que buscamos o florescimento do próximo.

Diga tudo: um lugar seguro para dizer tudo

Em 2011, a resposta à pergunta do que Troy e eu colocaríamos em uma cratera aberta por bomba veio sob a forma de um lugar: Art House North. Tínhamos percorrido o país todo e espalhado muitas músicas pelo mundo. Queríamos um lugar em casa no qual pudéssemos partilhar com nossa comunidade algumas das

coisas que tínhamos vivenciado em nossas viagens.

A inspiração para a Art House North veio de Charlie Peacock e Andi Ashworth, fundadores da primeira Art House de Nashville. Charlie e Andy criaram um lugar que despertou a imaginação das pessoas para o reino — um lugar de hospitalidade, de vida gerativa, de criatividade, conversas e esperança. Nashville tinha muitos espaços para artistas que desejavam

buscar orientação para a carreira ou aprender como lidar com seu negócio, mas a Art House era o lugar onde podiam falar de modo significativo sobre seu papel de artistas e de seguidores de Cristo no mundo. Era fascinante ver como o trabalho da Art House era simplesmente o rio em que Charlie e Andi navegavam, mas eles a abriram e nos convidaram, e a muitos outros, para nos juntarmos a eles. Às vezes, gravávamos um disco, outras vezes nos reuníamos para aprender de que modo o caráter de Deus estava associado à justiça, e às vezes simplesmente jantávamos com um grupo eclético de convidados.

Troy e eu lançamos a Art House North na West End de Saint Paul, em Minnesota, em janeiro de 2011. Somos uma das três Art House's do país. Cada uma delas é o reflexo de sua comunidade específica, mas temos em comum um mesmo lema: “Comunidade Criativa para o Bem Comum”. É aqui que procuramos nos distanciar das guerras culturais e cultivar nosso jardim. Fomos surpreendidos pelas parcerias que firmamos com a vizinhança e que consolidaram a presença da Art House North em nossa comunidade — uma igreja local que se reúne nos fins de semana, uma companhia de teatro que faz três shows por ano e promove acampamentos de teatro para crianças, além de um estudo bíblico rabínico para artistas. Uma nova tradição muito concorrida é a quadrilha anual. Nada se compara a fechar a rua durante algumas horas e convidar os vizinhos de todas as idades para dançar. Depois da quadrilha do verão passado, meu amigo Mike me disse: “Não creio que haja outro lugar em que se possa ver as pessoas sorrindo e dançando durante duas horas seguidas”.

Além dessas cadências habituais, Troy e eu patrocinamos eventos e programas na Art House North. Assim como Charlie e Andi, temos procurado basear essas atividades no fluxo do rio em que estamos navegando. Nossos filhos estão em idade escolar, por isso começamos a dar aulas de música, as quais chamamos de

“Let’s Rock”, para as crianças do bairro, tudo no estilo do filme “Escola de rock”. Nessas aulas, as crianças podem aprender um instrumento em um ambiente de jam band.¹

Há um clima de intimidade na Art House North que se presta a conversas profundas. A casa tem capacidade para 140 pessoas, o que felizmente

elimina a necessidade de discutirmos estratégias de ampliação e de crescimento. Toda vez que planejamos um evento fazemos a nós mesmos a seguinte pergunta: Sobre o que queremos falar? Minha série preferida, entre as que patrocinamos, se chama

“Os artistas respondem”. Nessa série, escolhemos um tópico e pedimos que de três a cinco artistas respondam simplesmente com sua arte. Não os instruímos sobre o que falar ou a que conclusão chegar. Tivemos o primeiro evento da série depois do massacre de Sandy Hook. As notícias já circulavam, e eu senti que mal tivera tempo de assimilar aquela dor, nem mesmo na igreja. Convidei cinco artistas para que dessem sua resposta: um poeta local, um violoncelista, uma atriz dramática, um compositor e um dançarino. Eles fizeram o que nenhum painel de discussão ou texto reflexivo jamais conseguiriam fazer. Nosso amigo poeta leu um trecho de “O violoncelista de Sarajevo”; o violoncelista tocou o célebre adágio da mesma história. Minha amiga, a atriz, que na época atuava em uma montagem solo, Annie Frank sou eu, recitou um monólogo da peça: “Quem poderia imaginar quanta coisa se passava na alma daquela menininha”. Meu amigo, o dançarino, apresentou uma sequência impressionante, que começou com um lamento moroso, “Anda comigo, Senhor, anda comigo”, e foi crescendo até que todos estávamos de pé. Por fim, meu amigo compositor concluiu com músicas que diziam verdades e destilavam dores. Foi uma experiência santa que não esquecerei. Tínhamos um lugar seguro para ser vulneráveis, para dar testemunho juntos e para dizer tudo o que queríamos.

Nosso tema mais recente de “Os artistas respondem” foi “Cuidados com a criação”. Os artistas convidados a se apresentar convidaram, por sua vez, todos nós para que reimaginássemos nossa relação com a criação. Foi uma noite agradável, cheia de inspiração. Fui para casa de coração transbordando, muito grata por ter um lugar onde podíamos fazer nossas perguntas e analisar a vastidão e a profundidade da obra de reconciliação de Deus em Jesus. Lembrei-me das palavras de Paulo aos colossenses:

Porque nele toda a plenitude de Deus se agradou em habitar, e por meio dele Deus se agradou em reconciliar consigo todas as coisas, seja na terra seja no céu, estabelecendo a paz por meio do sangue de sua cruz. (1.19,20)

Como compositora, e agora como alguém que promove as vozes criativas de outros, sou chamada a caminhar sem medo em direção às crateras abertas por bombas à nossa volta, a dar testemunho de todo o espectro da experiência humana, e a ensinar à Ruby que, mesmo nestes dias, podemos dizer tudo a Deus, que a tudo ouve.

1. Makoto Fujimura, *On becoming generative: an introduction to culture care* (New York: Fujimura Institute and International Arts Movement, 2013).

Disponível em formato digital. Neste breve livreto, Mako apresenta os três G

que servem de guia aos princípios gerativos. Gênesis: trata da criatividade, tanto de seu crescimento quanto de seu fracasso; Generosidade: uma dádiva que faz oposição às formas utilitaristas e transacionais de viver; e pensamento Geracional: “Ele cresce no diálogo com o passado e em nossa intenção de falar e de criar, de tal modo que se possam cultivar os valores de inúmeras gerações futuras”.

2. Makoto Fujimura, *Culture care: reconnecting with beauty for our common life* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2017).

3. Charlie Peacock, *A new way to be human: a provocative look at what it means to follow Jesus* (Colorado Springs: WaterBrook Press, 2004), p. 93.

4. Sara Groves, “Why it matters”, *Add to the beauty*, SG Music, 2005.

5. Sara Groves, “Any comfort” (inédita).

6. Flannery O’Connor, *Mystery and manners* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1970), p. 177.

7. O’Connor, *Mystery and manners*, p. 44.

8. Minha paráfrase de Salmos 73.3-21.

9. Minha paráfrase de Salmos 73.22.

10. Sara Groves, “Like a skin”, *The other side of something*, SG Music, 2004.

11. Veja <http://fortune.com/2016/09/15/great-migration-racism-history/>, para uma entrevista com a jornalista ganhadora do Prêmio Pulitzer, Isabel Wilkerson,

sobre seu livro *The warmth of other suns*, que capta com riqueza de detalhes a Grande Migração e as práticas de marcação com linha vermelha nas cidades de todo o país.

12. Sara Groves, “Floodplain”, *Floodplain*, SG Music, 2015.

13. Sara Groves, “In the girl there’s a room”, *Tell me what you know*, SG Music, 2007.

14. Sara Groves, “Eyes wide open”, *Fireflies and songs*, SG Music, 2009.

15. Sara Groves, “It’s me”, *Fireflies and songs*, SG Music, 2009.

16. Expressão em inglês que remete a performances musicais realizadas de improviso por um grupo de instrumentistas reunidos sobretudo para apreciar a música. (N. do E.)



O CONTADOR DE HISTÓRIAS

LECRAE

Sou um contador de histórias, e, como acontece com a maioria dos bons contadores de histórias, minhas histórias são complexas, cheias de gente complexa. Dificilmente apresentam puros heróis ou puros vilões. Em nossa vida, assim como na Bíblia, nossos vilões têm pontos fortes surpreendentes, e nossos heróis têm fragilidades trágicas, e há muita gente entre uma ponta e outra. O

problema é que essas linhas indefinidas incomodam muita gente.

Como figura pública que obscurece as linhas entre o sagrado e o secular, cresci acostumado a ser mal compreendido. Em um mesmo final de semana, dividi o palco com artistas que escrevem tributos ao hedonismo sob a influência de drogas e outros que fazem palestras em congressos de igrejas. Gostamos de ver as coisas em preto e branco; a complexidade pode causar confusão. Em vez de separar um tempo para nos maravilharmos com as diferenças e a beleza do que é sutil, muitas vezes preferimos ignorá-las e optar pelo que é conhecido.

Passei pela tirania do que é familiar em minha primeira viagem a Paris. Sempre achei que essa cidade fosse uma espécie de utopia, onde tudo era belo, convidativo e fácil. Contudo, o tempo que passei lá não foi fácil. A língua era diferente; a comida era diferente; a cultura era diferente. Achei que fosse amar Paris, mas as diferenças foram inicialmente uma barreira enorme que me impediram de aproveitar a cidade. Tinha dificuldade de fazer coisas simples, como pedir uma refeição ou mesmo conversar. Depois de dois dias, me sentia exausto e queria muito alguma coisa que fosse familiar. Depois de uma semana já tinha optado pelas redes de fast-food americanas em detrimento das refeições francesas gastronômicas, simplesmente porque eram mais fáceis de pedir e familiares. Como eu estava apaixonado pelo que pensava sobre Paris, a idealização romântica que tinha da cidade criou mais problemas para mim do que imaginava. Fica complicado ter um jantar romântico com a esposa se os dois têm dificuldade de entender o menu.

Meus pressupostos foram desafiados, o que me desagradou. Era mais fácil ficar com o que me era familiar. No entanto, muita gente que eu conhecia e que insistiu em seguir em frente em meio ao estranhamento das diferenças descobriu a beleza da diversidade, da língua e da cultura de Paris.

Às vezes, é preciso esforço para ver e compreender completamente alguma coisa

— principalmente se essa coisa está fora de nossa experiência. De modo geral, os personagens que vemos na sociedade — atletas, políticos, celebridades *etc.* —

não têm a oportunidade de ser plenamente conhecidos e compreendidos. Muitas vezes, não conhecemos suas histórias; conhecemos apenas versões

delas atribuídas a eles.

A forma como a história do rap é distorcida me afeta ainda mais de perto. Já passei muito tempo me esforçando para convencer os cristãos de que o rap tem valor. Alguns deles o veem como uma forma de arte que se presta exclusivamente à glorificação da violência e da misoginia. Contudo, embora o rap seja usado assim, essa utilização não é inerente à sua arte ou origens. Sob muitos aspectos, o rap é a expressão de uma narrativa que descreve e explica as circunstâncias de uma comunidade. É uma música descritiva, um relato de uma realidade descoberta pelo artista. Esse relato, que é uma forma de testemunho profético, tem valor. Além disso, sou o artista que sou por causa do rap. Não estaria aqui sem os precursores que criaram o rap que muita gente despreza como algo degradante. Sem a influência daquelas histórias arenosas das ruas e a música que celebra o hedonismo, eu não saberia fazer rap ou falar a linguagem da cultura. Os que vieram antes de mim me ensinaram como descrever a realidade com que deparo. Eles contaram histórias. Eu conto histórias. Todos nós criamos narrativas.

Contamos histórias para dar sentido a situações que, de outro modo, seriam confusas, e para conciliar em nossa mente o sentido de todo o caos. Criamos heróis e vilões para que nossas histórias façam sentido. Quem será o herói e quem será o vilão? Os americanos são ótimos em contar histórias desse tipo.

Desde os detalhes em torno da “descoberta” da América aos horrores reais por trás do nosso feriado de Ações de Graças, omitimos os fatos históricos e os substituímos por um sentido do passado que seja mais palatável.

Às vezes, nossos heróis são mais detestáveis e nossos bandidos mais heroicos do que imaginamos. Por exemplo, os pais fundadores da nação aprovavam a escravidão, e a vida de um mafioso e assassino como Al Capone é revestida de

glamour. Assim, a cultura ocidental muda as narrativas impelida pelo orgulho ou mercadeja histórias de misoginia e de violência como entretenimento.

Como negro que sou, influenciado por muitos aspectos da cultura urbana, não me tornei um pai responsável e modelo a ser imitado simplesmente

porque me livrei dela. Em vez disso, fui influenciado por pessoas que não viam em mim um vilão, e sim um possível herói em formação.

Nem nós nem nossos heróis somos seres perfeitos, como gostamos de imaginar.

Tampouco os bandidos que condenamos seriam sempre muito diferentes de nós, caso fôssemos confrontados com as mesmas circunstâncias de vida. Há sempre uma história por trás dos personagens que pode revelar essas sutilezas. É preciso humildade para ouvir com empatia as histórias das pessoas que encontramos.

Ouvir requer, em parte, compreender visões de mundo. Uma visão de mundo é uma forma de ver o mundo profundamente arraigada e, com frequência, subconsciente. Só depois de ouvir com empatia e de tentar compreender a visão de mundo de outras pessoas é que aprendemos a construir relações autênticas que atravessam abismos étnicos, culturais e religiosos. Não estou falando simplesmente de relacionamentos de trabalho, mas de todo relacionamento verdadeiro.

Podemos perceber que as histórias que ouvimos e as histórias que compartilhamos não são simplesmente sobre fatos e proposições. Compartilhar histórias significa partilhar emoções e tornar-se vulnerável a outros. É possível identificar toda a gama de emoções em nossas histórias. A ira pode ser boa, se for construtiva e não destrutiva. A ira construtiva leva à luta apaixonada pelos direitos dos marginalizados; a ira destrutiva leva a prédios incendiados e a tumultos.

De alguns anos para cá, venho trabalhando com o propósito de desafiar as pessoas a aprender a diferenciar a ira construtiva da destrutiva. Por meio de palestras na TedX, de editoriais e músicas, tenho insistido com outros para que compreendam a emoção da ira de forma mais sutil. É claro que ainda há mal-entendidos, e tive de aprender a ser paciente e persistente. As pessoas sempre orbitarão em torno de uma história que combine com seu jeito de ver o mundo. É

a nossa configuração de “fábrica”. Talvez um exemplo da minha própria vida ajude a explicar.

Em três ocasiões diferentes borrifaram pimenta em mim. Spray de pimenta queima. Queima muito. A garganta fica obstruída. Os olhos incham como se alguém os tivesse encharcado com litros de molho de pimenta Habanero.¹ Fiquei tão traumatizado com essas três experiências que ainda hoje me lembro perfeitamente delas. Precisaria de mais um capítulo para contar essas histórias.

Não sei o que você está pensando sobre esses episódios em que espirraram pimenta em mim, depois de ler o último parágrafo. Será que o vilão era eu, por isso a vítima teve de reagir para se defender? Ou será que eu era o herói, alguém que interveio para salvar o dia, mas acabou vítima da pimenta? Ou as duas coisas? É preciso ter um enredo para esse tipo de coisa, porque sem um enredo fica difícil dar um sentido ao incidente. Desejamos desesperadamente que as coisas façam sentido. Nós nos debruçamos sobre teorias científicas, narrativas históricas, astrologia e religiões para dar sentido ao que acontece à nossa volta.

Fomos feitos para querer saber o porquê.

É por isso que as histórias nos atraem. Elas nos ajudam a construir sentidos.

Mesmo que as interpretemos erroneamente, temos uma conclusão sobre o porquê.

A maneira como vemos o mundo é decorrência de uma história. O sentido para nós advém de uma espécie de narrativa mestra. As pessoas se ligam nas histórias e dão preferência a elas em detrimento de mapas e gráficos — basta perguntar a qualquer professor ou pregador. Como muitas pessoas, eu fico quase sempre voando nas aulas e durante os sermões, e só me ligo quando uma história começa a ser contada. É quase uma magia.

Gastamos bilhões de dólares todos os anos assistindo a histórias no cinema, na televisão e no computador. Procuramos arquétipos e personagens acessíveis, com os quais nos identificamos, ou heróis que admiramos. E assim nos esforçamos para dar sentido a coisas sem enredo. Por causa disso, o que a maioria faz para encontrar sentido neste mundo arruinado é dividi-lo em um mundo de gente boa e de gente ruim.

Toda história tem seus pontos principais. Alguma coisa virou o mundo de cabeça para baixo. Algo está errado. O herói existe para consertar e reparar o que se partiu. O vilão aparece; ele é o adversário ou inimigo.

Exemplo disso são os incidentes em Ferguson, no Missouri, que se seguiram à

morte de Michael Brown, em 2014. O que aconteceu ali significa alguma coisa, mas isso depende da história que se conta.

Uma narrativa reitera que a comunidade negra consiste em gente de bem em meio a circunstâncias ruins. A polícia local é constituída de gente ruim que abusa do poder que tem. A comunidade negra tem de lutar para mostrar que a vida dos negros importam neste país e fazer com que a polícia entenda isso. Desse modo, isso dá, para muita gente, sentido àquilo que se passou em um bairro de St.

Louis.

De acordo com outra narrativa, a polícia é constituída por heróis que dão o melhor de si em uma profissão perigosa. Indivíduos como Mike Brown são os vilões que violam a lei e têm de enfrentar as consequências infelizes de suas ações. Não podemos permitir que a raça nos cegue e nos impeça de ver que crime é crime e que o sistema de justiça, em última análise, trabalhará para mostrar o que realmente aconteceu.

Os dois exemplos mencionados têm diferentes protagonistas e antagonistas. Tem gente ruim e gente boa. É como se ninguém pudesse observar os eventos ocorridos no Missouri sem uma narrativa que possibilite compreendê-los. Além disso, temos dificuldade em digerir narrativas que não se conformem à nossa visão de mundo. Na verdade, é mais fácil acreditarmos em uma falsa narrativa que se encaixe em nossa visão de mundo do que em uma narrativa verdadeira que abale essa visão e a faça desmoronar. Isso é verdade não importando qual seja nossa posição.

Contudo, a visão de mundo cristã, marcada pela trama bíblica, não compartilha das tramas rotineiras e convencionais. Ela mostra que, em sentido mais amplo, somos todos culpados. Todos somos vilões, gente do

mal. O mal verdadeiro está no pecado e revela sua face na humanidade decaída, afetando cada um de nós. O

único herói verdadeiro é Jesus, que tem poder para restaurar os corações partidos e consertar as infraestruturas corrompidas pelo pecado.

Lembro-me de ouvir, quando criança, a história de Davi e de Golias. Este era um guerreiro filisteu ameaçador de 2,74 m de altura, que inspirava medo no exército de Israel. É quase certo que os filisteus eram mais avançados em operações militares e tinham muito mais armas do que Israel. Portanto, não havia alma valente no exército de Israel que estivesse disposta a enfrentar Golias de igual para igual pelo bem do povo. Eis que surge um jovem pastorzinho de ovelhas

chamado Davi. Com grande coragem e confiança em Deus, Davi derrotou Golias com uma funda, e Israel saiu vitorioso.

Se você for como eu, entendeu que o sentido dessa história é mais ou menos algo como “confie em Deus mesmo que você seja um desfavorecido e um sujeito mal preparado, e poderá também ser um herói como Davi”. Embora eu creia que haja verdade nessa perspectiva, creio mais que Deus está nos comunicando por meio dessa história sua narrativa mestra. Todos somos Israel, encolhidos e com medo.

Golias representa as potestades das trevas e do mal que estão claramente nos afetando. Estamos impotentes, mas Deus envia um Salvador. Um herói modesto que não luta do jeito tradicional. Em vez disso, sua dependência valente e vigilante do Pai põe fim às trevas e liberta o povo.

O pecado é o antagonista e Jesus, o protagonista. Como todo bom vilão, o pecado e Satanás nos chamam insistentemente para o lado das trevas —

convidando-nos para abusar do poder, provocar tumultos, matar e odiar.

Cristo, porém, nos convida a entrarmos na luz gloriosa. O verdadeiro herói nos mostra como amar, demonstrar empatia, perdoar e trabalhar pela restauração do que o pecado destruiu.



A beleza e o espanto da arte é sua capacidade de contar histórias. O artista é um contador de histórias — assim como o pintor, o cineasta e o compositor. Ao recorrer a histórias, ele direciona as pessoas para a narrativa mestra da nossa criação, Queda, redenção e nossa jornada pelo deserto com Deus. As pessoas são atraídas por histórias. A saga cinematográfica O Senhor dos anéis é uma das minhas preferidas, e só perde para Boyz n the hood [Os donos da rua], de John Singleton. Elas nos mostram a depravação humana, as trevas do coração e nossa vida em luta contra a natureza do pecado.

Em O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, C. S. Lewis revela a narrativa mestra de Deus. Um rei magnífico e perfeito se entregou por um garoto totalmente calculista e indigno. O que atrai as pessoas é a história, e não a exposição de uma porção de fatos sobre o amor sacrificial. Se não houver história, não há como entender o sentido dos fatos.

O artista pode recorrer à história para ajudar as pessoas a ver a narrativa mestra de Deus ou apontar para um protagonista menor e indigno. Faz algum

tempo, compus uma música intitulada “Bem-vindo à América”, que contava três histórias diferentes a partir de três perspectivas do país.

A estrofe inicial é narrada do ponto de vista de um jovem da área pobre da cidade que vê a si mesmo como protagonista de uma batalha contra a opressão sistêmica. Ele acredita que seu esforço, de algum modo, o tornará mais forte e o levará a um lugar melhor. Não pensa em entrar para o crime, mas, em uma comunidade na qual não há emprego e com instituições de ensino abaixo da média, o crime era o que ele tinha à mão. Esse jovem planeja entrar para a atividade criminosa na esperança de atenuar a pobreza de sua família. A América é a antagonista. Os sistemas distorcidos do país não levam em conta as circunstâncias avassaladoras da pobreza geracional e a educação ruim que existiam muito antes de que qualquer crime fosse cometido. A América o tornou como é. A América é a fonte de toda dor e fracasso.

A segunda estrofe é a narrativa de um soldado que batalhou e se esforçou pelo país que ama. Seu antagonista é uma tribo não patriota de americanos que não entendem o que o soldado fez por esses americanos. Ele perdeu tudo para que eles não perdessem o que tinham. Seu casamento acabou, sua saúde mental também, perdeu a afeição dos amigos e quase perdeu a vida. Ele acredita em seu país e acredita que, embora não seja perfeita, a América e seus princípios

fundadores são puros. Crer nesses princípios o incentiva a acreditar que sua luta não é em vão. Contudo, ele se dá conta de que as pessoas e o país pelos quais combate não partilham desse mesmo patriotismo.

A estrofe final conta a história de um imigrante que não consegue compreender por que os americanos são tão ingratos com o país maravilhoso que têm. Dessa perspectiva, eles são abençoados com uma liberdade e oportunidades generosas.

As pessoas desse país têm uma abundância de alimentos e de escolas. Água limpa, camas e também assistência médica são oferecidas. O imigrante conta como é trabalhar em pequenas oficinas ilegais para que os americanos desfrutem de luxos. Sem se queixar, esse estrangeiro quer apenas cerrar fileiras conosco. O

herói, para ele, é a América. O país oferece a liberdade pela qual ele anseia.

Contudo, depois que essa pessoa chega ao país, as leis de imigração o impedem de conseguir um green card.

A ironia é que essas histórias são todas verdadeiras. Só que não são verdadeiras no sentido pleno da palavra. Todas elas atribuem cada grama de maldade ao vilão e colocam a esperança final no herói errado.

Os cristãos, mais do que ninguém, deveriam saber que a América não é a fonte derradeira de sofrimento nem de felicidade. A América não é o herói supremo. O

problema (o vilão) é sempre o pecado, e a solução (o herói) é sempre o evangelho. É claro que há uma simplificação na forma pela qual o pecado e a depravação não apenas macularam o coração das pessoas, mas também macularam nossas mãos e as coisas que construímos com elas. Pessoas pecaminosas construíram instituições e infraestruturas que afetam negativamente o mundo atual. Leis, empresas e práticas comuns de corações e mãos depravados há centenas de anos ainda produzem maus frutos. Será preciso que seres redimidos restaurem os sistemas corrompidos.

Nem sempre é fácil ver nosso papel nessa história grandiosa. Quem exatamente somos nós para nos erguermos contra tamanha adversidade? Contudo, eis aqui como, de muitas maneiras, a narrativa de Jesus me chama a atenção. Eu me relaciono com sua humanidade — mais especificamente com a simplicidade e a fragilidade de sua condição humana. Minha história pessoal segue por um caminho que, às vezes, leio em paralelo com a dele — embora eu não seja vilão nem herói; ou, talvez, um pouco dos dois.

Nasci de mãe solteira, que sobreviveu inicialmente apenas com o auxílio do governo, e de um pai que lutava contra o vício. Minha mãe não teve a visita de anjos antes do meu nascimento — pelo menos ela nunca me contou que teve. No jardim de infância, detonei fogos de artifício no banheiro da escola. No primeiro ano, briguei com John Carney e nocauteei seu dente da frente. O dente já estava mole, mas as outras crianças não sabiam disso. Não tive de fugir de Herodes e me mudar para o Egito, temendo pela minha vida quando

era jovem, como aconteceu com Jesus. Também não impressionei os estudiosos da Bíblia do meu bairro.

Durante o ensino médio, estive ocupado com as suspensões que levava por estimular a violência das gangues e com a polícia, que me acompanhava até em casa por causa de pequenos delitos. Esse padrão (que continuou até praticamente o fim da adolescência) era do tipo que leva a sociedade a dizer: “Esse aí provavelmente não vai dar grande coisa”. Apesar desses reveses, alguns causados por mim mesmo e outros por terceiros, eu não estava só.

Este é o pano de fundo que me permite relacionar minha história com a de Jesus.

A sociedade não deu muita importância a ele ou ao seu reino enquanto ele esteve aqui em forma humana. Em Mateus 13.31-32, ele disse: “O reino do céu é como uma semente de mostarda que um homem pegou e semeou em seu campo. Ela é a menor das sementes, mas quando cresce é o maior dos arbustos e torna-se uma árvore, de modo que as aves do céu vêm e fazem ninhos em seus ramos”.

Na sociedade e na cultura tecnológicas em que vivemos, toda essa conversa sobre plantas não é facilmente traduzida. Jesus, porém, estava se dirigindo a um mundo em que a agricultura era essencial. Plantas, fazendas e animais selvagens eram muito comuns. Seus ouvintes teriam compreendido os elementos usados na parábola. Eles sabiam que, no fim das contas, a semente de mostarda cresce e chega a um tamanho que é impossível deixar de vê-la. Jesus estava dizendo que as pessoas, com frequência, não dão muita atenção ao começo de alguma coisa que acabará se tornando grande. O reino de Deus impressiona. As origens de uma semente de mostarda não impressionam. Mas o reino de Deus, assim como a semente de mostarda, não deve ser medido por seus primeiros momentos aparentemente insignificantes.

Coisas pequenas que parecem sem importância mais tarde se tornam maiores: entendo esse conceito muito bem. Depois de quase ser reprovado na nona série, meu orientador escolar no ensino médio disse à minha mãe que eu deveria frequentar as aulas para pessoas com deficiência de aprendizagem. Disseram-me

que eu não deveria estar na companhia dos meus colegas; em vez disso, deveria ser matriculado em uma escola especial. Fui desprezado desde muito cedo. Jesus também conhece bem essa narrativa. Ele começou com doze homens comuns cujos primeiros passos foram aparentemente insignificantes, mas que terminaram mudando o mundo.

Ele viveu e morreu em uma pequena cidade do Império Romano tida como periférica. Ele foi mencionado apenas de passagem pelas fontes históricas mais importantes de sua época. Hoje, porém, seu nome e seu poder se espalharam pelo mundo todo.

Conhecemos a história de pessoas que eram aparentemente vulneráveis, mas realizam coisas surpreendentes. É algo que vemos à nossa volta. São pessoas que conhecemos e admiramos. Alguns de nossos pioneiros culturais são embaixadores que também foram desprezados.

Walt Disney foi despedido do Kansas City Star em 1919 porque seu editor disse que ele “não tinha imaginação e lhe faltavam boas ideias”.² Oprah Winfrey nasceu em uma pequena cidade cujo nome não consigo nem mesmo pronunciar.

Disseram a ela que não poderia ser repórter porque não conseguia pôr de lado a emoção quando narrava uma história.³ A maior parte dos meus ídolos do rap, de Jaz-Z a Tupac, têm históricos de estar originalmente em circunstâncias inferiores e ser desprezados, mas acabaram despontando como influenciadores culturais.

Minha imagem predileta da proverbial semente de mostarda vem na forma de um filme: Matrix. Este é um dos meus filmes mais queridos de todos os tempos.

Só fui compreender a força da minha ligação com ele muitos anos depois de vê-

lo. Eu amo ficção científica e filmes de ação/aventura, mas acima de tudo amo uma boa história. O filme se concentra em um trabalhador comum e “invisível”

da área de tecnologia, Thomas Anderson. De noite, porém, ele é um hacker implacável cujo pseudônimo é Neo. Quando criança, achei que tinha entendido os sentidos mais profundos da vida quando descobri que podia reorganizar as letras de Neo de forma que se transformassem em “one”. (Atenção, nerds urbanos!)

Embora Neo fosse modesto, um líder famoso chamado Morpheus enxerga potencial nele. Morpheus recebe uma profecia segundo a qual Neo será o líder de um novo mundo liberto. Não que Morpheus acredite em Neo. Na verdade, às vezes ele duvida do potencial do jovem. No entanto, tem fé em um conteúdo

maior: uma profecia. Outro personagem, Trinity, também acredita que Neo seja o escolhido, embora para ela Neo pareça aprender devagar e seja muito medroso.

Pela fé, eles investem em Neo e oferecem a ele seu tempo, talentos e tesouros.

Descobrem que ele não é apenas um líder, mas também um líder como nenhum outro.

Narrativas como essa nos fazem lembrar que Deus sabe o quanto somos rápidos em desprezar o potencial do que parece ser insignificante para nós. Ao mesmo tempo, somos todos frágeis, falidos e imperfeitos. Contudo, somos pessoas a quem Deus gosta de acolher e de adotar, conduzindo-nos desse modo à grandeza para a qual fomos criados. Muitos de nós nos empenhamos para encontrar propósito e grandeza fora de Deus, mas é somente por meio dele que encontraremos essas coisas.

Por que Jesus teve mais fé naqueles de origem humilde e investiu neles? Aqueles homens haviam falhado de diversas maneiras. A sociedade já tinha dito a eles:

“Vocês não são muito bons”. Deus, porém, sabia que eram bons o suficiente — e ele diz que você é mais do que suficiente. Deus diz: Sei que por fora você parece uma semente de mostarda, mas gostaria que você pudesse ver a árvore em que vai se transformar.

Assim também, a sociedade disse ao pequeno Lecrae — oriundo de uma cidadezinha de periferia, filho de mãe solteira, vindo de um lar onde havia drogas e alguém constantemente metido em problemas — que ele nunca ia ser grande coisa. Aqueles, porém, que acreditaram em mim continuaram a investir.

Deus estava guiando os acontecimentos em meu favor e para sua glória o tempo todo. Ninguém imaginava que eu fosse para a universidade, que me tornaria empresário e produziria uma arte que atravessaria o mundo e serviria de inspiração às pessoas. Sou a prova de que as sementes de mostarda crescem.

Conto histórias porque tenho uma voz e um público que a respeita. Conto minhas histórias da forma mais exata possível e com muita paixão. O fato de que muitas das histórias do mundo são marginalizadas e não são contadas me motivou. Sei que, com frequência, quem tem a caneta na mão escreve a história.

E a muita gente nunca foi dada uma voz, muito menos uma caneta para contar suas histórias. Na verdade, as pessoas foram convencidas de que certas histórias, e a história, não importam. Ouvimos muitas vezes falar da Revolução Francesa e do Renascimento, mas e a arte e a história de Dominica? Sabemos que Filipe explicou o evangelho de Jesus para um homem da Etiópia, mas conhecemos a

história eclesiástica da Etiópia? Se não tomarmos cuidado, acabaremos acreditando que essas histórias não precisam ser contadas simplesmente porque não estão sendo contadas.

Passei um bom tempo no leste da África. Aprendi a ouvir. Aprendi a mergulhar na cultura e na história do povo dali. Não fui para lá apenas para servir; fui também para aprender. A população do distrito de Kole, em Uganda, tem uma história que faço questão de contar a quem me ouve. Suas histórias de dor, de sofrimento, força e reconstrução me inspiraram. Eles são um povo com inúmeros recursos à disposição. Infelizmente, o país foi historicamente excluído do comércio e de oportunidades, o que não lhe permitiu partilhar das inovações vindas de fora nem nos oferecer seu próprio

brilhanismo. Dediquei meu tempo e meus talentos à sua causa, visitei suas aldeias e aprendi suas histórias, que também me beneficiaram.

Michael, morador do distrito de Kole, é um homem de cerca de cinquenta anos.

Antes ele havia sido pedreiro na aldeia. Era um trabalho cansativo que lhe causou dores nas costas. Ele confiava que Deus o ajudaria a pagar a universidade dos filhos. Queria que eles tivessem coisa melhor. Deus respondeu. Graças a uma parceria com uma agência estrangeira, Michael ficou sabendo que suas terras eram muito férteis. Aprendeu a plantar árvores e agora tem uma lavoura de árvores frutíferas e outras plantas que transformou em uma empresa. Com isso ele garantiu o estudo dos netos. Sua história nos inspira porque, sob vários aspectos, é a nossa história. Muitos de nós enfrentamos reveses intransponíveis e somos antagonizados por coisas como o medo ou a pobreza abjeta. Contudo, confiamos em um herói divino que nos sustentará. A beleza de ter um herói divino é que nunca somos abandonados em nosso desespero. Deus nunca falha.

O medo acredita que Deus se equivocará; a amargura acredita que ele se equivocou. Contudo, embora tenhamos todos experimentado sentimentos desse tipo, felizmente ainda cremos em seu plano divino. Às vezes, parte desse plano nos é revelado; outra parte significativa, porém, não nos será revelada até que vejamos a plenitude de sua glória.

Deus não nos salvou por meio de um conjunto de princípios e da ciência. Ele não falou conosco em mapas e gráficos. Não nos inspirou a usar referências estatísticas obscuras para mudar sistemas e infraestruturas historicamente maculadas pelo pecado e pelo mal. Em vez disso, ele nos deu uma história. Uma história da criação, da Queda, da redenção e consumação. A história de um homem chamado Jesus. E por meio dessa história ele nos pede que o sigamos

com nossa vida e também com nossas histórias.

1. A pimenta Habanero é uma das mais picantes do mundo. (N. do T.) 2. Veja Rachel Gillett, “How Walt Disney, Oprah Winfrey, and 19 other successful people rebounded after getting fired”, Inc., October 7, 2015,

disponível em: <https://www.inc.com/business-insider/21-successful-people-who-rebounded-after-getting-fired.html>; acesso em: 12 maio 2021.

3. Veja Gillett, “How Walt Disney, Oprah Winfrey, and 19 other successful people rebounded after getting fired”.



O TRADUTOR

JOHN INAZU

Meu ganha-pão durante boa parte da minha vida adulta me obrigou a trabalhar com tradução. Como advogado, e agora como professor, tenho de tornar palavras e ideias acessíveis a públicos não familiarizados com elas.

Não é um desafio que tenho de enfrentar sozinho, já que muitos profissionais também passam por isso.

É uma realidade que se aplica também a cada um de nós em nossas relações pessoais com o diferente: todos somos chamados a assumir a tarefa da tradução.

E, nesta tradução pessoal por meio da nossa vida, temos uma oportunidade que nos foi concedida por Deus. Somos, como disse Paulo, “embaixadores de Cristo, visto que Deus está fazendo seu apelo por nosso intermédio” (2Co 5.20).

Podemos pensar na tradução, em seu sentido mais amplo, como algo que torna o desconhecido conhecido, que torna o inacessível mais acessível. Às vezes, traduzimos por meio de conceitos familiares para explicar os que não são familiares, ou por meio da formulação de pontos simples de conexão com outros pontos mais complexos. Muitos de nós vivenciamos esse processo quando aprendemos uma língua nova. Quando estava no ensino médio, comecei a aprender espanhol ao observar palavras desconhecidas colocadas ao lado de outras conhecidas. Aprendi que *abuela* significava “avó” e *perro*, “cão”. Em algum momento, passei para a gramática, isto é, como as palavras se combinavam em uma estrutura mais ampla: *mi abuela le gusta mi gato* (“Minha avó gosta do meu gato”). Por fim, descobri as exceções às regras. As exceções eram mais fáceis de aprender em espanhol do que em inglês, que tem variedade estonteante de desvios das regras básicas; por exemplo: “o *i* vem antes do *e*, a menos que seja precedido de *c*, ou quando tiver som de *a [ei]*, como em *neighbor*

[vizinho] ou *weigh* [pesar]”.

A aprendizagem de um idioma novo serve de exemplo do que é o desafio da tradução: começamos com conceitos básicos; em seguida, situamos esses conceitos em estruturas mais amplas e, por fim, descobrimos que as estruturas nem sempre se mantêm coesas tão facilmente quanto imaginávamos. Tudo isso

requer muita prática. E, com frequência, nossa necessidade de praticar jamais tem fim. Depois que parei de aprender espanhol na escola, perdi

rapidamente até mesmo minha capacidade básica de traduzir. Hoje me lembro apenas de algumas poucas palavras em espanhol e quase nada das estruturas mais amplas. Tive de consultar o Google para formar aquela frase da minha avó e dos gatos.

Traduzir bem requer que compreendamos o objeto da tradução. Quando eu estava na área do direito, às vezes tinha de trabalhar com engenheiros chamados a depor no tribunal. Esses homens e mulheres eram algumas das pessoas mais inteligentes do mundo — alguns deles eram cientistas que trabalhavam com foguetes; outros haviam criado tecnologias revolucionárias como o microchip dos nossos telefones celulares. Mas logo entendi que engenheiros nem sempre são muito bons tradutores. Eles sabem por que alguma coisa funciona e por que algo é importante, mas nem sempre sabem como explicar isso aos outros.

Minha função como advogado era encontrar palavras, metáforas e analogias que explicassem o conhecimento técnico dos engenheiros a não especialistas que decidiriam o desfecho de casos importantes. Para fazer o meu trabalho, eu tinha de entender a especialidade deles. Tinha de entender antes de traduzir. Em outras palavras, tinha de fazer perguntas ingênuas aos engenheiros e pedir que tivessem paciência enquanto tentava entender ideias e conceitos que eram intuitivos para eles, mas obscuros para mim.

Hoje, como professor de direito, ainda tenho de conhecer o objeto da tradução.

Assim como meu professor de espanhol do ensino médio, tenho de ser “fluyente”

nas disciplinas que ensino. Surgem sempre novos casos e novos problemas, mas eu ensino direito, em parte, porque compreendo uma pequena porção do mundo mais profundamente. É claro que nem sempre é assim, e nem sempre é o que acontece em todos os cursos que leciono. Durante meu primeiro ano de docência, interpretei mal um dos casos na minha aula de direito penal e achei que fosse exatamente o oposto do que era. Foi o equivalente na faculdade de direito a explicar a multiplicação quando, na verdade, você está explicando a divisão. E como eu havia montado a aula toda em torno da

leitura equivocada do caso, quanto mais tentava explicar o que tinha entendido incorretamente, mais confusa a aula ficava.

Não inverte mais os casos nas minhas aulas — pelo menos não tanto quanto inverti naquele primeiro ano. Contudo, a questão da familiaridade é apenas parte da boa tradução. Também preciso conhecer meu público. Se não compreendê-lo,

não serei um bom tradutor. Como professor, conhecer meu público significa também reconhecer, como disse Ken Bain, que eu “sempre tenho alguma coisa nova a aprender — não tanto sobre técnicas de ensino, mas principalmente sobre os alunos, neste momento em particular, e sobre o conjunto de aspirações, confusões, equívocos e ignorância que os move”.¹ Em outras palavras, a experiência do ensino é sempre nova porque os alunos são sempre diferentes.

Cada turma é uma mistura única de experiências, de personalidades e de compreensão de contextos. O bom ensino — a boa tradução — depende de reconhecermos e compreendermos todas as dimensões singulares das novas turmas de alunos.

Às vezes, nosso público não traz consigo apenas a falta de familiaridade, mas também a informação distorcida. Já é difícil traduzir para pessoas que não entendem o objeto da tradução. Às vezes, é ainda mais difícil quando elas acham que já sabem o que você está tentando lhes explicar. Isso se aplica principalmente quando um suposto entendimento é mais fácil, mais simples ou simplesmente mais palatável do que o entendimento correto. Alguns dos meus alunos de direito ficam desapontados ao descobrir como a lei é diferente do que viram no cinema e na tevê. Outros ficam incomodados quando se dão conta de que a resposta a muitas questões legais não é “sim” ou “não”, mas “depende”.

Entender o objeto da tradução e o público para quem estou traduzindo ainda é algo que requer esforço nas minhas aulas. Mas, assim como muita gente, acho ainda mais difícil — para a mente, as emoções e as relações — traduzir minhas crenças e convicções fundamentais. Muitos de nós temos de enfrentar esse desafio em algum momento da vida. Fazemos parte de inúmeros mundos e temos de estender pontes sobre as diferenças entre eles.

Penso nisso como o chamado para a tradução. Assim como os exemplos mais comuns de tradução, esse chamado aos cristãos hoje requer que conheçamos o que estamos traduzindo e o público para quem estamos traduzindo. Saber o que estamos traduzindo significa conhecer a nós mesmos conforme fomos refeitos pela nossa fé. Não podemos partilhar nossas convicções fundamentais e nós mesmos com outros se não soubermos como o evangelho nos definiu. Amar o próximo como a nós mesmos, como Jesus ordenou que fizéssemos (Mc 12.31), será desastroso se não nos conhecermos primeiramente como seres amados por Deus.

O chamado para traduzirmos nossa vida acrescenta outra dimensão a formas mais comuns de tradução: o risco pessoal. Como advogado ou professor, corro algum risco em minha reputação pessoal se minha tradução não for boa, como fiz quando interpretei mal aquele texto no meu primeiro ano de docência.

Contudo, quando estou traduzindo a mim, o risco é muito mais pessoal. Quando falho em explicar a mim para um público desconhecido, seja um grupo grande seja um indivíduo apenas, esse erro poderá parecer uma rejeição pessoal. Cada um de nós poderá incorrer nesse tipo de rejeição toda vez que nos dedicarmos ao chamado de traduzir, toda vez que tentarmos nos dar a conhecer — e as crenças que nos animam — a outras pessoas. Como disse o teólogo Lesslie Newbigin:

“É impossível haver conhecimento pessoal sem risco; ele não pode começar sem um ato de confiança, e a confiança pode ser traída”.²

Na minha vida, a vocação para a tradução significa viver parte da vida na universidade e parte na igreja. Minha vida universitária inclui lecionar direito e dar aulas para alunos da graduação, escrever artigos acadêmicos que pouca gente lê e passar muitas horas em reuniões de professores, comitês universitários e organizações profissionais desconhecidas. Minha vida eclesiástica inclui adorar e participar da minha igreja local, escrever e falar a públicos cristãos, além de investir meu tempo e recursos em ministérios locais, nacionais e internacionais.

Minha vocação para a tradução significa traduzir a universidade para alguns dos meus amigos da igreja e traduzir a igreja para alguns dos meus amigos da universidade. Viver entre esses dois mundos faz de mim uma espécie de tradutor bilíngue — que fala as línguas de duas culturas diferentes. Conhecer bem ambas as culturas significa também que eu não estou totalmente à vontade em nenhuma delas. Em uma certa quarta-feira, posso estar em uma reunião de professores que ao mesmo tempo me inspiram e me deixam perplexo, pensando comigo mesmo: essa não é minha turma. Poucas horas depois, estou na igreja com gente que ao mesmo tempo me inspira e me deixa perplexo, pensando comigo mesmo: essa não é minha turma. Muitas dessas pessoas em um desses mundos sabe pouco sobre as pessoas do outro. Nos dois mundos, gente em geral ponderada às vezes substitui o conhecimento e os relacionamentos pessoais por estereótipos e suposições. Minha reunião vespertina na faculdade e o jantar à noite na minha igreja se dão a pouco mais de três quilômetros de distância um do outro, porém sua distância relacional parece muito maior.

Eu costumava comparar a tradução entre essas duas culturas como ter “um pé em um mundo e um pé em outro”. Como professor cristão em uma universidade não cristã, via a mim mesmo como alguém que tinha um pé na universidade e

um pé na igreja. No entanto, vi que essa metáfora era insuficiente: ser um bom tradutor requer, com frequência, imersão simultânea em dois contextos diferentes. No meu caso, significava ter dois pés na universidade e dois pés na igreja.³

A analogia da imersão com os dois pés impressiona mais ainda quando deparamos com o desafio de fazer a tradução entre os mundos “branco” e “não branco”. Como alguém que é metade japonês, sou tanto um insider quanto um outsider para a cultura branca. Isso ocorre, em parte, por causa de minha aparência física e, em parte, por causa de minha experiência prática. É na interseção entre raça e fé que sinto isso com mais força, porque é o ponto em que me vejo fazendo a tradução entre os mundos dentro e fora do “evangelicalismo branco”.

Cresci principalmente em igrejas brancas. Mudei-me várias vezes e participei de muitas comunidades eclesiais diferentes por todo o país —

igrejas em Maryland, no Kansas, na Califórnia, Washington, Havaí, Nova York, Colorado, Carolina do Norte, Virgínia e Dakota do Sul. Eram comunidades episcopais, presbiterianas, metodistas, batistas, evangélicas livres e não denominacionais.

Contudo, elas eram em sua maioria brancas — não apenas as pessoas, mas também sua cultura. Fui formado por práticas e liturgias que refletiam certo tipo de enfoque bíblico, de estilo de adoração, ritmo, estrutura, tom, lamento e oração. Fui formado em igrejas que privilegiavam certas questões e negligenciavam outras. Até mesmo nossa cristologia refletia nossa branquitude: víamos Jesus, na expressão memorável de Lecrae, como “o europeu de cabelo ultrapermanente, olhos ternos e lábios finos”.⁴ Nada disso fez com que tivéssemos consciência de nossa branquitude — ninguém nunca chamou o pastor de “pastor branco” ou o músico de “músico branco”. E como essa era a única cultura eclesial que eu conhecia jamais pensei nela como “igreja branca”.

Era apenas “igreja”.

Contudo, o fato de que eu via minha igreja apenas como “igreja” é parte do problema. Só me dei conta disso quando dei uma palestra faz alguns anos para o grupo de comunhão cristã da universidade em que me formei. Quando eu estudava ali, o grupo era predominantemente branco, exceto por alguns estudantes asiáticos. Quando voltei para ministrar minha palestra vinte anos depois, o grupo era sobretudo de asiáticos, com alguns poucos estudantes brancos. O grupo para o qual eu havia retornado me pareceu um “grupo de cristãos asiáticos”. A música, o humor, as pessoas e o estilo eram asiáticos. Mas

por quê? Na minha época, em que o grupo era principalmente de brancos, não achávamos que fosse o “grupo cristão branco”. Eu simplesmente pensava nele como o “grupo cristão”, porque tinha me aclimatado à diretriz branca do que parecia normal. Por razões semelhantes, o grupo de vinte anos mais tarde parecia asiático em vez de normal.

Contudo, nem sempre vejo “branco” como “normal”. Um exemplo recente começou com um diálogo que tive nas mídias sociais com um evangélico importante. Essa pessoa havia endossado publicamente a opinião de que a

Bíblia dava respaldo à proposta do presidente Trump de construir um muro entre os Estados Unidos e o México. Achei que seu apelo à Escritura estava seriamente equivocado e foi o que lhe disse em minha resposta: “Gostaria de saber em que ponto da expansão genocida dos Estados Unidos em direção ao oeste você diria que um muro seria bíblicamente justificável”. Eu quis dizer que os Estados Unidos há muito tempo tinham se empenhado em ações profundamente não cristãs em seus esforços para expandir e demarcar seu território, e que essas ações complicaram as tentativas de reivindicar autoridade bíblica para a proteção das nossas fronteiras. Poucas horas depois, o destacado líder evangélico me respondeu com uma pergunta: “Quando você chegou?”.

Fiquei boquiaberto com a resposta. Tive de lê-la várias vezes para me assegurar de que a havia lido corretamente. Naquele momento, eu era o outsider, assim chamado em um comentário racista insensível por alguém enraizado no mundo evangélico branco. O fato de que nossa conversa começou com a política de imigração tornou meu comentário ainda mais contundente. No meu caso, meus avós japoneses nasceram nos Estados Unidos. Foram meus bisavós que

“chegaram” a este país. Contudo, meus avós e meu pai haviam sido feitos prisioneiros em Man-zanar durante a Segunda Guerra Mundial, uma parte da minha história que tornava a caracterização de outsider particularmente ácida.

Não quero sugerir que a pessoa deve ser não branca para compreender por que o comentário “Quando você chegou?” é inadequado. Foram muitos os comentários de pessoas brancas criticando-o. Elas, assim como eu, poderiam fazer a tradução para o mundo evangélico não branco. Contudo, foi muito mais difícil para mim traduzir na outra direção: compreender o mundo evangélico branco a partir do qual o comentário foi feito e, então, defendido. Nos comentários que se seguiram, meu interlocutor evangélico me chamou de “melindroso” e expressou seu “choque” com a ideia de que alguém pudesse interpretar como racista sua resposta inicial. Ele havia, afinal de contas, “escrito dois livros sobre o verdadeiro racismo”.

Busquei compreender quais práticas e influências tinham moldado aquela pessoa para que fizesse aquele primeiro comentário a meu respeito, para que o postasse nas redes sociais, e como foi que ela não percebeu que seria interpretado como uma demonstração impiedosa de racismo. E não foi apenas o que ela disse a meu respeito. Foi também o argumento que precedeu sua opinião, que propunha uma justificativa baseada na Escritura para que os Estados Unidos construíssem um muro na fronteira com o México. De modo geral, foi o apoio resolutivo de muitos evangélicos brancos a um presidente cuja política e medidas encorajam alguns deles, mas cujas palavras e ações fazem troça dos valores cristãos e alienam as vozes não brancas. Ou a insistência de muitos evangélicos brancos de que os Estados Unidos são uma “nação cristã”, que alguma coisa de “nosso” se perdeu em uma cultura mais pluralista e mais acolhedora. Essas perspectivas refletem sob vários aspectos o mundo evangélico branco de onde eu vim. Trata-se de um mundo que me parece cada vez mais inacessível.

Sinto-me tentado, de maneiras diversas, a apresentar minha falta de empatia com o mundo evangélico branco como se fosse um distintivo de honra. Muitas vezes me sinto mais solidário com meus irmãos e irmãs não brancos do que fui no passado. Tenho hoje consciência dos imensos desafios que os cristãos não brancos enfrentam quando trabalham em instituições de cristãos predominantemente brancos. Deparo com discussões e problemas que antes não compreendia. Isso é bom. Contudo, minha dificuldade em compreender o mundo evangélico branco não é boa em si mesma. É uma limitação à minha capacidade de ser um bom tradutor das coisas que importam para mim. Se eu quiser explicar por que algumas perspectivas estão equivocadas — se quiser mostrar por que não sou simplesmente “melindroso” —, terei de prosseguir com o trabalho de traduzir eficazmente. Isso significa que terei de interagir com mais empatia.

Terei de me esforçar para imaginar os dois pés no mundo do evangelicalismo branco, mesmo quando estou simultaneamente com os dois pés fora dele. Terei de pôr de lado palavras e emoções que me venham instintivamente à cabeça.

Essa é a tarefa do tradutor.

Os limites da minha empatia apontam igualmente para os limites da minha metáfora de ter os dois pés firmemente plantados em dois contextos diferentes.

Poucos de nós que somos chamados a ser tradutores nos encontraremos imersos em múltiplos contextos a ponto de conseguirmos nos identificar com cada um completamente. Na verdade, ser tradutor significa, em parte, viver com a tensão

inevitável de não se sentir plenamente em casa seja onde for. Essa diferença indutora de tensão reflete a fratura do nosso mundo e, principalmente, a necessidade de tradutores. Antecipamos um mundo por vir em que conheceremos plenamente assim como somos plenamente conhecidos, mas, até lá, continuamos em um mundo de tradutores que veem “como por um espelho, de modo obscuro” (1Co 13.12).

Ser vocacionado para a tradução significa buscar entendimento, até mesmo para pessoas e contextos que escapam, na maior parte das vezes, à nossa empatia. No caso da minha dissonância com o mundo do evangelicalismo branco, buscar entendimento significa, em parte, lembrar a mim mesmo que há argumentos que não se podem vencer com frases contundentes nas mídias sociais. Há argumentos que precisam ser ouvidos e explicados durante meses e anos. Meu amigo Rich McClure me lembra com frequência desses desafios. Rich é ex-CEO

da United Van Lines e não nega que veio do mundo evangélico branco. Contudo, em 2016, foi nomeado pelo governador do nosso estado para a presidência conjunta da Comissão Ferguson, cuja função consistia em analisar as causas e as consequências dos eventos ocorridos em Ferguson, no Missouri, depois do assassinato de Michael Brown. Trabalhando bem próximo de um pastor negro (que preside a comissão junto com ele) e outros membros da comunidade afro-americana, Rich aprendeu uma língua e uma mentalidade que antes lhe eram desconhecidas. Foi um processo, diz ele, lento e muitas vezes doloroso. E, embora passe boa parte do seu tempo traduzindo essas ideias para o mundo do evangelicalismo branco, ele me faz lembrar com frequência que esse trabalho específico de tradução nunca é fácil e, quase sempre, é malsucedido.

Acredito que meu papel de tradutor entre dois mundos — entre a universidade e a igreja, bem como entre o mundo branco e não branco — ajude a explicar a atenção que dedico à humildade e à tolerância em meu livro *Pluralismo confiante*. Para mim, essas características são fundamentais não apenas para conviver com a diferença, mas também para o ato de traduzir em meio à diferença.

A humildade reconhece que não posso sempre provar a outros a razão pela qual creio que estou certo e eles estão errados. Muitos de nós somos moldados com o passar do tempo pelos hábitos, práticas e instituições nas quais nos encontramos imersos. É por meio dessas lentes que vemos o mundo e, como me lembra meu amigo Rich, desafiar uma maneira de ver não é tão fácil quanto desconstruir uma falácia lógica ou apontar uma lacuna de conhecimento. A mudança, se houver,

depende quase sempre das relações de confiança construídas ao longo do tempo.

Às vezes, as relações que levam à mudança se estendem pela vida toda.

Ter paciência significa me conter quando as pessoas em um dos meus mundos projetam sobre mim seus pressupostos sobre “aquele outro mundo”. Às vezes, as caracterizações impróprias me incomodam, porém com mais frequência elas me divertem, como na ocasião em que um colega professor me disse: “Não entendo você; apesar de religioso, você se importa com os pobres”. Ou as muitas vezes que ouvi de cristãos que não podem confiar em um “professor de direito liberal”

como eu. Encontro com frequência no mundo universitário no qual transito pessoas que supõem, por causa da minha fé, que eu seja republicano e que gosto de armas. As pessoas no mundo da minha igreja quase sempre supõem, por causa da minha profissão, que eu seja democrata e que só leio o *New York Times*. (Que fique registrado: a vida toda fui politicamente independente; não gosto de armas desde que perdi três colegas do ensino médio para a violência das armas e tenho reservas em relação ao *New York Times*).

Tolerância significa disposição para distinguir entre as pessoas e suas ideias. Nos meus dois mundos, encontro pessoas cujas ideias me dão o que pensar. Nem todas, é claro. A exemplo da maior parte das pessoas, tenho amigos cujas convicções e ideias são mais próximas das minhas. Contudo, muitos conhecidos

— e alguns dos meus amigos — exigem de mim, no convívio com eles, que eu passe do simples conceito da tolerância para a prática. O colega da universidade cuja compreensão da diversidade exclui de maneira muito clara a diversidade religiosa, bem como o membro de igreja a quem falta total compreensão da diversidade cultivam princípios que considero prejudiciais à nossa sociedade.

Contudo, tolerância significa lembrar-se de que ambos são seres humanos mais complexos do que os estereótipos atribuídos a eles, e que eu provavelmente tenho algo a aprender com cada um.

Muitos de nós suportariam ser mais humildes, pacientes e tolerantes. Isto não significa que nossas diferenças não sejam importantes. Várias delas importam muito, e dizer o contrário é, em última análise, uma forma de relativismo.

Contudo, ainda podemos optar pela generosidade em meio às nossas diferenças.

Podemos também evitar a demonização do outro, o que poderá nos ajudar a compreender melhor suas perspectivas. O bom advogado sabe que o sucesso dos seus argumentos depende do conhecimento que tem dos melhores argumentos do lado oposto. Os melhores argumentos não são caricaturas. Eles constituem os relatos mais generosos e mais sofisticados da perspectiva oposta. Quando

demonizamos o outro lado, perdemos importantes percepções que só podem ser obtidas por meio da compreensão generosa de uma perspectiva diferente.

Perdemos a possibilidade de encontrar um território comum.

Para muitos de nós, encontrar um território comum significará fazer parcerias com pessoas, instituições e movimentos que divergem em aspectos

importantes de nossas convicções fundamentais. Buscamos partilhar um mesmo território com pessoas que têm perspectivas antitéticas ao evangelho sempre que tralhamos com republicanos ou democratas, ou sempre que os apoiamos ou votamos neles. Favorecemos as convicções e as práticas religiosas que julgamos erradas quando, justificadamente, defendemos a liberdade religiosa de todos.

Muitos de nós trabalhamos para instituições que, paralelamente a seus esforços positivos, participam de algumas formas de injustiça. Viver no mundo significa buscar territórios comuns com pessoas e esforços que não estão centrados no evangelho.

Buscar o bem comum em meio a diferenças não apenas promove os interesses comuns, mas também constrói pontes sobre a distância relacional. Penso no meu amigo Eboo Patel, um dos líderes nacionais do trabalho inter-religioso nos campus universitários e fundador de uma organização importante chamada Interfaith Youth Core. A mistura de fé islâmica e de política progressista faz com que tenhamos diferenças em muitas questões importantes. Contudo, descobrimos formas de fazer uma parceria em nossa defesa da humildade, da paciência e da tolerância em meio a essas diferenças, embora isso aumente o espaço para que proponhamos perspectivas com as quais o outro discorda.⁵

Eboo e eu damos palestras, ensinamos e escrevemos juntos. Hoje somos amigos.

Conversamos sobre o contexto de cada um, sobre nossas famílias e sonhos.

Discutimos teorias da mudança e leituras para a graduação. Rimos das piadas um do outro — pelo menos da primeira vez que as ouvimos; já demos tantas palestras juntos que um é capaz de concluir a fala do outro. Também nos entristecemos juntos. Depois que meu pai foi diagnosticado com câncer, Eboo procurava acompanhar regularmente seu estado me ligando ou enviando mensagens de texto. Quando meu pai morreu, ele foi uma das primeiras pessoas a me procurar. As orações de Eboo são muito diferentes das minhas, mas fico-lhe grato quando ora por mim.

Em Pluralismo confiante, digo que podemos descobrir um território comum com outros, mesmo quando nos falta uma compreensão partilhada do bem comum.

Contudo, é bem provável que esse território se concretize por meio do relacionamento interpessoal. Estou cada vez mais convencido de que muitos de nós têm de começar no local em que vive, ou então em relacionamentos como o meu com Eboo, que nos põem regularmente em contato um com o outro. Esses relacionamentos exigirão um tipo de vulnerabilidade à medida que participarmos do chamado para a tradução. Eles exigirão que partilhemos partes de nós mesmos e que assumamos riscos pessoais: estamos traduzindo não apenas palavras, mas também nossa vida. E, para o cristão, aspirar à humildade, à paciência e à tolerância — e às virtudes da fé, da esperança e do amor — nos ajudará na obra de tradução para a qual somos chamados.

1. Ken Bain, *What the best college teachers do* (Cambridge: Harvard University Press, 2004), p. 174.
2. Lesslie Newbigin, *Proper confidence: faith, doubt, and certainty in Christian discipleship* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995), p. 14.
3. Recentemente, alguns colegas e eu temos trabalhado para dar forma a esse esforço por meio de um ministério denominado The Carver Project (carverstl.org), que se propõe a cultivar discípulos de vida integral na intersecção da universidade, da igreja e da sociedade.
4. Lecrae, “Facts”, *All things work together*, Columbia Records Group, 2017.
5. Veja, por exemplo, meu capítulo em resposta aos argumentos de Eboo, em Eboo Patel, *Out of many faiths: religious diversity and the American promise* (Princeton: Princeton University Press, 2018). Veja também Doug Lederman, “A call for ‘confident pluralism’ on campuses”, *Inside Higher Ed*, January 30, 2017.

PARTE TRÊS

DANDO FORMA À NOSSA INTERAÇÃO





A CONSTRUTORA DE PONTES

SHIRLEY V. HOGSTRA

Minha mãe foi meu exemplo de construção de pontes. Uma vez, quando eu era criança, estávamos em um banheiro público na estrada, aquele tipo de lugar em que as pessoas normalmente não costumam levantar os olhos. Enquanto eu lavava as mãos, ouvi um baque. Virei-me e vi minha mãe entrar às pressas em um cubículo para ajudar uma senhora deficiente que havia caído. Embora minha mãe não a conhecesse, entrou naquele espaço desconfortável em um piscar de olhos para ajudar aquela mulher exposta, assustada e indefesa. Aquele ato simples da minha mãe foi para mim um exemplo concreto de como me aproximar do meu próximo com amor, respeito e humildade.

Nem sempre sigo seu exemplo. Muitas vezes, reajo motivada pelo medo e não pela generosidade. Em 2016, terroristas ligados ao Estado Islâmico mataram dezenas e feriram centenas de pessoas em três atentados a bomba na Bélgica. Os ataques ocorreram em um cenário de grande afluxo de imigrantes que chegavam em massa à Europa vindos de países devastados pela guerra. Esses imigrantes oriundos do Oriente Médio e da África enfrentaram águas geladas e mares perigosos. As imagens que circularam pelos canais de mídia impressionam: homens, mulheres e crianças em coletes salva-vidas tombavam dos botes, vários deles vivos só a muito custo, outros já mortos. Uma fotografia captou a dimensão humana da viagem mais do que qualquer outra: o corpinho de uma criança morta levado pelas águas até a praia. No entanto, após os atentados de Bruxelas, esses imigrantes — muitos deles muçulmanos — passaram subitamente a ser vistos como pessoas perigosas, suspeitas e indesejáveis.

Eu tinha programado para viajar à Europa com minha família seis semanas depois dos bombardeios, uma viagem que nos levaria ao local exato do massacre. Mudei nossos planos de viagem.

O papa Francisco teve outra atitude. A reação dele foi mais próxima do espírito que minha mãe me mostrou. Ele se moveu em direção aos imigrantes. Dois dias

depois dos atentados, lavou e beijou os pés de doze imigrantes da Somália, Eritreia e Paquistão — exatamente das pessoas que eu temia. Ele disse: “Nós, muçulmanos, hindus, católicos, coptas e evangélicos temos diferentes culturas e religiões, mas somos irmãos e queremos viver em paz”.¹ As ações e declarações do papa contrastaram com as de muitos na Europa e nos Estados Unidos. Sua mensagem de misericórdia restaurou a dignidade. Ele serviu de exemplo de coragem, amor e respeito pelos desalojados, pobres e vulneráveis. Francisco lançou uma ponte sobre um abismo e reagiu movido pela convicção de que o ser humano carrega em si a imagem de Deus, e ele, como servo de Deus, era servo deles.

Foi observando a abnegação do papa ao demonstrar misericórdia, e lembrando o exemplo da minha mãe, que eu me dei conta de que é isso que quero para minha vida: que ela reflita esse tipo de construção de ponte.

A estrutura das pontes

A construção de pontes relacionais se parece muito com a construção de pontes físicas. É algo que requer inovação, investimento e um olhar atento às estruturas que deverão suportar o teste do tempo. E, tal como a ponte física, a ponte relacional requer uma ancoragem sólida em dois pontos diferentes: na fé e nos valores da pessoa, e nos melhores interesses do próximo. Construir pontes significa cultivar uma mentalidade que nos permita absorver a dissonância cognitiva, bem como equilibrar interesses ou complexidades conflitantes para o nosso bem-estar e o bem-estar dos outros. Creio que há quatro qualidades essenciais para a construção de pontes relacionais: respeito, humildade, confiabilidade e amor.

Respeito

Não é possível construir pontes se não houver um interesse genuíno em conhecer

e compreender a pessoa do outro lado do abismo que desejamos atravessar. Esse interesse deverá culminar em respeito. O respeito deriva da convicção de que as pessoas são portadoras da imagem de Deus. Ele opera com uma visão elevada da pessoa humana, a despeito de sua relação pessoal passada, presente ou futura com Jesus. Respeito não é sinônimo de concordância, porém impacta a forma como a pessoa discorda. Não se pode respeitar outra pessoa e, ao mesmo tempo, abrigar o desejo de se sobrepor a ela com insultos, repúdio ou atitudes depreciativas.

Humildade

O construtor de pontes se esforça para aprender, o que requer uma atitude de abertura: “O que eu não sei; o que poderia aprender?”. Quando me aproximo de alguém ou de algum problema, me lembro de que não saberei tudo à primeira vista e que aprenderei mais coisas futuramente. As primeiras impressões talvez sejam verdadeiras, mas são quase sempre incompletas. Um espírito generoso valoriza o desejo de conhecer e de compreender outro

ponto de vista. Tal como ocorre com o respeito, a humildade não requer concordância de ponto de vista.

Requer, porém, paciência e tolerância para ouvir. A empatia faz parte disso — a capacidade de sentir como seria estar no lugar do outro.

Para mim, a humildade é fruto da lembrança da grandeza de Deus, da sua misericórdia e da sua graça para comigo. Ela decorre de um sentimento profundo de que qualquer desafio com que depararmos se esmaece em comparação com o abismo que me separa de Deus. Contudo, Deus preferiu lançar uma ponte sobre esse abismo por meio da cruz. A humildade também está enraizada no conhecimento de que algum aspecto do ponto do qual você partiu — um fato, uma percepção, um mal-entendido — pode estar errado. Nem sempre está errado ou se deve presumir que esteja. Contudo, pode estar errado porque depende de um ser humano. A humildade é o antídoto à tendência humana de pensar bem demais de si mesmo, e por isso tem um efeito moderador sobre a autoconfiança e a segurança.

Confiabilidade

Construtores de pontes devem ser dignos de confiança. A confiança se constrói pela ação consistente e pela apresentação dos resultados combinados. Ela se constrói quando eu me preocupo com alguém — com seu bem-estar e sua dignidade — mesmo que a pessoa não esteja perto de mim. A confiabilidade não é construída falando-se pelas costas de alguém, tampouco agredindo sua reputação, mas, sim, investigando-se todos os fatos antes de emitir uma opinião publicamente. Construimos a confiança ao conceder a alguém o benefício da dúvida. Com frequência, a confiabilidade requer comedimento público para cumprir um papel ou um chamado para construir pontes.

Amor

Construir pontes é em si mesmo um ato de amor: amor ao próximo, amor à paz e amor a Deus. Contudo, preservar uma atitude de amor no mundo de hoje requer mais do que força de vontade. Requer o poder do Espírito Santo, uma vez que tentar construir pontes sobre abismos profundos resulta em

medo — medo de entender errado, medo de gente poderosa e irada que discorda dos esforços de construção de pontes, medo de prejudicar ou de perder a reputação. No entanto, como nos lembra a Bíblia, o amor perfeito lança fora todo medo (1Jo 4.18).

Portanto, com que se parece o amor? De acordo com 1Coríntios 13, o amor jamais desiste. Ele se preocupa com os outros mais do que consigo mesmo; não é invejoso nem controlador, arrogante ou egoísta. O amor não perde o controle nem mantém um registro dos erros. Em vez disso, ele se alegra com a verdade. O

amor é paciente, confia em Deus, procura o melhor nos outros, jamais olha para trás e persiste até o fim. Amar a Deus e ao próximo não é apenas uma sugestão, mas, sim, um imperativo para a vida cristã. Os construtores de pontes precisam desenvolver o autoconhecimento para saber se estão agindo por amor a outros ou por sentimento de medo do que poderiam perder. É nesse ponto que é essencial ter uma comunidade de fé e de práticas sérias de saúde espiritual. Uso um aplicativo chamado Echo Prayer. Nas áreas em que identifiquei o chamado de

Deus para eu ser uma construtora de pontes, configurei um lembrete no aplicativo para que possa orar com frequência a respeito. Tenho plena consciência de que as promessas que fiz e os momentos em que me propus a orar podem se dispersar na minha mente. Ao recorrer a lembretes, mantenho perante o Senhor o trabalho que ele me deu. Apresento meu coração diante dele, de tal modo que eu seja guiada e dirigida por ele. Isso também alimenta meu desejo de ser respeitosa, aberta, humilde, digna de confiança e amorosa. Somente sou capaz de amar os outros quando estou profundamente conectada com Deus, que é amor.

Nenhuma dessas quatro qualidades de construção de pontes será alcançada da noite para o dia. E nenhuma delas será vivida perfeitamente. Contudo, elas podem ser aprendidas e cultivadas. Esse aprendizado e esse cultivo geralmente vêm de outros que constroem pontes até nós.

Aprendendo a construir pontes

A maior contribuição de minha mãe para minha preparação como construtora de pontes se deu na minha adolescência. Minha mãe tinha surtos de depressão que a deixavam debilitada. Alguns eram decorrentes de pesar — ela sofrera um aborto espontâneo e a morte de um irmão. Outros surtos provavelmente se deviam à exaustão e à rigidez de ser dona de casa nos anos 1950. Segunda-feira, dia de lavar roupa. Terça-feira, dia de passar roupa. Quarta-feira, dia de limpeza.

Quinta-feira, dia de fazer feira. Sexta-feira, dia de cozinhar.

Minha mãe escondia bem as coisas, e por fora parecíamos uma família cristã normal. Não faltávamos ao catecismo, aos jantares comunitários, ao clube das meninas e dos meninos e às atividades escolares. Íamos à igreja duas vezes no domingo.

Dentro de casa, porém, as coisas eram diferentes. Minha mãe ameaçava por vezes tirar a própria vida, e seu cansaço resultava de vez em quando em acessos de raiva que me assustavam. Aprendi que podia ser uma influência pacificadora que a desviava da depressão. Eu era capaz de sondar o ambiente com precisão e animá-la. Aprendi a não ter muito medo dela. Aprendi ainda que as pessoas são

complexas: ao mesmo tempo carinhosas e assustadoras. Aprendi que coisas boas acontecem quando encaramos o conflito, em vez de nos escondermos dele, e que vale a pena correr o risco.

A depressão da minha mãe diminuiu consideravelmente com o passar dos anos.

Ela passou a fazer terapia. Meu pai se aposentou. Eles realizaram alguns projetos juntos. Depois, aos sessenta e nove anos, ela foi diagnosticada com câncer e morreu ao final de nove semanas. “Foi para a glória”, como minha mãe diria.

Naqueles últimos dias, ela se tornara propositalmente muito pensativa. Sabia que a vida tinha sido difícil algumas vezes para sua família, e em seu leito de hospital me pediu desculpas. Foi uma atitude carinhosa e corajosa da parte

dela, e eu, que já era adulta e havia me saído bem em meio ao caos, lhe disse: “Mãe, tudo o que você é fez de mim tudo o que sou”.

Influenciada por minha mãe, cresci e fui fazer direito. Comecei a trabalhar com casos de divórcio e atendia famílias que estavam se desmanchando. Às vezes, me perguntavam como podia advogar nesta área sendo cristã. Eu dizia: “Não é exatamente aí onde o cristão deveria estar, no meio das partes mais espinhosas da história humana?”. Para a maior parte das pessoas, o divórcio é o ponto mais baixo da vida. No divórcio, misturam-se sentimentos de fracasso, vergonha, tristeza e ira. Eu ouvia as pessoas em seus piores momentos, mostrava respeito por elas em meio ao seu sentimento de fracasso. Dizia-lhes que todos temos cicatrizes e ataduras, dizia-lhes que mesmo assim havia esperança. Sugeria a elas que buscassem aconselhamento e que, caso não desse certo, eu partilharia com elas sua vergonha e tristeza.

Queria que meus clientes sentissem meu amor por eles do jeito que Deus os amava. Eles estavam amargurados, mas suas histórias e vidas podiam ser reconstituídas. Queria ajudá-los a ser pessoas honradas e generosas meio em meio ao ódio e ao medo. Queria ser um modelo de graça no meio do caos, porque eu conhecera a graça no meio do caos. Vejo agora que Deus havia usado minha infância para me preparar para aquele trabalho. Vi a graça de Deus com minha mãe e com meu pai no meio da tristeza, da frustração e do caos da minha família. Eu buscava cada oportunidade para compartilhar o evangelho. Na verdade, expus a história do evangelho no meu mural. Pendurei na parede do meu escritório uma serigrafia em tamanho grande da “Pesca maravilhosa”, de John Swanson. Trata-se da representação da pesca milagrosa dos discípulos por meio do poder e da graça de Jesus (Jo 21). Se surgisse a oportunidade, eu contava a história de Pedro, de como ele fracassou terrivelmente como amigo e

discípulo ao negar Jesus por três vezes. Contudo, Jesus concedeu a Pedro uma dádiva, a pesca maravilhosa. “Eu amo você Pedro, embora você pense que ninguém o ama e que é desprezado”, disse Jesus. Tentei ser Jesus para aqueles que se sentiam sem amor e feridos.

Construindo pontes em nossas comunidades

Em minha função atual de presidente de uma associação que representa faculdades e universidades cristãs, me vejo novamente diante de oportunidades de construir pontes em inúmeras questões contenciosas. Um exemplo disso se observa na área de reforma da imigração. Em 2012, o presidente Obama expediu proteções regulatórias contra a deportação de alguns imigrantes sem documentos que foram levados para os Estados Unidos ainda crianças. Conhecida como Ação Diferida para a Chegada de Crianças (DACA, na sigla em inglês), a ordem de Obama foi interpretada por alguns cristãos como um escárnio ao estado de direito. Como era possível que pessoas infratoras da lei, que não seguiam os procedimentos instituídos para a entrada legal no país, pudessem receber um prêmio para seus filhos? Isso não acabaria de fato incentivando mais pessoas a desconsiderar as políticas e práticas da imigração conforme prescritas? Outros cristãos deram seu apoio a DACA e acreditavam que a forma pela qual nossas leis tratavam as pessoas sem documentos, estrangeiros e vulneráveis é um reflexo da nossa fé.

Muitas das faculdades e universidades cristãs que represento têm pessoas sem documentos entre seus alunos. Esses alunos contribuem com sua ética de trabalho, foco e gratidão pela oportunidade de estudar. Mas vivem também com a incerteza e o medo por causa de sua condição de imigrantes.

Minha organização faz parte de um movimento chamado de Mesa de Imigração Evangélica. Ela promove seis princípios: respeito pela dignidade conferida por Deus a todas as pessoas, proteção da unidade da família imediata, respeito ao estado de direito, segurança das fronteiras nacionais, justiça para os contribuintes e definição de um caminho em direção à situação legal e/ou cidadania para os que têm qualificação e queiram se tornar cidadãos permanentes. Há três anos, quando era a líder mais jovem da nossa organização, vi que a questão imigratória

traz em seu bojo interesses e perspectivas conflitantes. Contudo, à medida que a discussão em torno da imigração ganhava fervura, tive a oportunidade de falar sobre o assunto. Mantendo a mente aberta como aprendiz que respeitava pontos de vista distintos, fui atrás de mais informações.

Felizmente, fui apresentada ao Global Immersion Project [Projeto de Imersão Global]. Essa organização ensina pessoas a lidarem com a resolução

e pacificação de conflitos para a promoção do entendimento. Nossas aulas consistiram em viagens de imersão a Israel/Palestina e à fronteira de Tijuana com San Diego. Lidamos com perguntas difíceis que definiram nosso aprendizado: “Como seria o mundo se a igreja levasse a sério nossa vocação de pacificadores? Como seria se a pacificação se tornasse um modo de vida?”.

Tendo em vista minhas responsabilidades, queria compreender melhor a situação da fronteira dos Estados Unidos e o impacto da DACA. Conhecemos uma mulher em idade universitária que desconhecia o fato de não ter os documentos necessários até receber uma bolsa integral para uma instituição de design. Seus pais lhe disseram então, pela primeira vez, que ela não era cidadã ou residente legal, e por isso não se qualificava para receber a bolsa. Ela sabia que era pobre.

Sabia que seus pais eram cautelosos. Ela, porém, ia muito bem no ensino médio e via um futuro no país que era seu lar. De repente, tudo mudou. Ela se viu diante de uma farsa, do desalento e do desespero. Só lhe restava se registrar no programa do DACA; contudo, ao fazê-lo, colocaria sua família em risco, porque o registro exigia um endereço e outras informações que os identificariam. Além disso, e se o programa fosse extinto? Valia a pena arriscar a segurança da família pelas ambições que tinha em relação ao futuro? Eu a ouvia. Estava aprendendo.

Eram muitas as dúvidas na minha cabeça naquele momento. O que os pais dela achavam disso tudo? Por que a tinham colocado nessa situação? Será que as pessoas em quem votamos não podiam se esforçar para achar uma saída? O que aconteceria agora? Quando não há respostas fáceis, o que faz o cristão?

Mais tarde, tivemos uma reunião com guardas da fronteira que nos apresentaram à sua realidade diária: ondas em cascata de seres humanos que fariam qualquer coisa para entrar nos Estados Unidos. Alguns buscavam asilo. Outros eram traficantes de drogas. Os guardas eram exemplo de dedicação, mas se sentiam frustrados. A complexidade era imensa. Cruzamos então a fronteira em direção ao México e comemos com os homens no abrigo católico para os sem-teto em Tijuana. Eles diziam que

seriam deportados para um local, uma cultura e uma língua que desconheciam. Suas famílias haviam ficado nos Estados Unidos.

Sentiam vergonha, solidão e estavam confusos. Que esperança podiam ter?

Felizmente, a igreja era uma ponte para eles. Uma ponte que fazia a transposição de uma vida que tinham deixado para trás para outra que se estendia à frente deles.

Sinto-me privilegiada por fazer parte desse diálogo, por estar a essa mesa. Na minha função, defendo que se tenha respeito com as pessoas sem documentos como portadoras que são da imagem de Deus. Tento replicar o que aprendi com o Global Immersion Project: não temer fatos complexos ou interesses conflitantes. Como pacificadora e construtora de pontes, quero ter a abertura e a humildade de levar o tempo que for necessário para entender ambos os lados da história e, em seguida, agir em favor dos destituídos de poder e dos vulneráveis.

Construindo pontes em busca do bem comum

Outro exemplo de construtor de pontes em minha vida é Shannon Minter, defensor dos direitos civis e diretor legal do Centro Nacional de Direitos das Lésbicas de São Francisco. Temos muitas diferenças, mas somos ambos advogados. Somos apaixonados por nossa fé. Nós dois queremos o que é bom para as pessoas. Cremos na importância de encontrar um território comum em meio às nossas diferenças.

Shannon e eu nos conhecemos há muitos anos em uma reunião da Faculdade de Direito de Yale. Participávamos de um simpósio sobre liberdade religiosa e sexualidade humana, um tópico contencioso em que os lados com frequência discutem, mas raramente conversam. Naquele fim de semana, porém, a ideia era sentarmos juntos para ouvir e debater as ideias que cada pessoa julgasse sensatas para serem postas sobre a mesa. Era a chance de demonstrar o que John Inazu chama de “pluralismo confiante”. Queríamos explorar como viver de forma respeitosa sustentando ao mesmo tempo convicções profundamente distintas; queríamos descobrir um território comum em meio a uma diferença substancial.

O congresso tinha como modelo a civilidade profissional respeitosa, contudo senti que havia no ar um ceticismo profundo. Por um lado, as faculdades e universidades cristãs com as quais me relacionava sentiam-se algumas vezes atacadas pelos progressistas por causa de nossa defesa do casamento tradicional

e nosso compromisso com a missão religiosa. Por outro lado, ouvimos histórias dolorosas de discriminação injusta de congressistas gays e lésbicas.

No decorrer do congresso, pediram-nos que descrevêssemos nossas perspectivas, mas também pediram que disséssemos o que mais temíamos. Foi uma boa pergunta, porém arriscada. Os progressistas presentes comentavam o temor que sentiam com o comportamento que constantemente fazia pouco da dignidade, predominante sobretudo nas comunidades religiosas. Os conservadores discorriam sobre a perda de um estilo de vida e da capacidade de ensinar a seus filhos sua fé, e sobre instituições que estavam desaparecendo. Os dois lados partilhavam a percepção que tinham do desrespeito de que eram vítimas, bem como o temor de extinção metafórica ou real.

Em meio a esse encontro vulnerável, vi que Shannon era um homem gentil e uma pessoa idônea. Ele ouvia enquanto eu explicava por que as faculdades cristãs precisavam de dispensa no caso de estudantes transgênero. Nas faculdades com dormitórios ou andares por sexo específico, não era simples deslocar um estudante que tivesse se identificado recentemente como transgênero de um lado das instalações para o outro, ocupado pelo sexo oposto.

De modo geral, essas faculdades não têm dormitórios em que homens e mulheres ocupam o mesmo quarto ou o mesmo andar. As faculdades cristãs se pautavam por políticas de dormitórios cujo propósito era que homens e mulheres honrassem e respeitassem um ao outro. Com esse objetivo, havia espaços de convivência para ambos os sexos. Shannon me ouvia atentamente. Ele também apresentou sua perspectiva como defensor legal dos estudantes LGBT: as faculdades cristãs que recebiam dinheiro público não deveriam dispor de muitas dispensas, se é que deveriam dispor de alguma.

Terminado o congresso, aproveitei a oportunidade para agradecer Shannon por seus comentários sinceros e por ser um ouvinte tão bom. Disse a ele que embora nossos campus estejam dispostos a tratar bem os estudantes transgênero, nem sempre isso é fácil. Ele ficou impressionado com a honestidade e a sinceridade que senti em mim. Acrescentou que não tinha se dado conta de que as dispensas que pedíamos para nossas escolas tivessem razões práticas desse tipo por trás delas. Ouvimos e escutamos bem um ao outro. Juntos, criamos entre nós um clima de confiança.

Poucos meses depois, nós nos encontramos de modo inesperado no aeroporto.

Nas duas horas que se seguiram, conversamos sobre como poderíamos facilitar o

entendimento entre pessoas transgênero e instituições cristãs. Foi uma conversa fácil e natural entre dois líderes que desejavam que suas organizações beneficiassem as pessoas às quais serviam. No livro *Leadership on the line*,²

Ronald Heifetz e Marty Linsky dizem que o líder tem de ser motivado pelo amor, para que a vida das pessoas melhore em decorrência dessa liderança.

Shannon queria que as pessoas transgênero que ele representava tivessem uma vida melhor e ficassem ligadas, se possível, às suas comunidades de fé. Tudo o que eu queria de nossas escolas cristãs era que preservassem suas convicções religiosas e que alunos, professores e equipes de funcionários entendessem melhor a disforia de gênero. Nós dois queríamos que os estudantes fossem tratados com compreensão, caridade e atenção.

Para mim, o trabalho de construção de pontes me toca intimamente. Foi profundo ter descoberto um território comum para trabalhar, em vez de acreditar que um defensor de pessoas transgênero só poderia ser um inimigo. Vi a graça de Deus em ação na minha vida e, pelo que ele me disse, na vida do Shannon.

Quando você ouve apenas coisas rudes e negativas a seu respeito — tanto de ativistas LGBT contra pessoas religiosas quanto de pessoas religiosas contra

ativistas de LGBT —, temor e ódios são as experiências mais comuns, ainda que não sejam expressas. Houve momentos quando conversávamos que meus olhos se encheram de lágrimas porque senti no coração um conhecimento mais pleno do poder redentor de Deus. Não é sempre que sentimos Deus desfazendo com tanta eficácia a falta de compreensão. Embora trabalhemos juntos naquilo em que concordamos, sabíamos que nossos desacordos nos transformariam em adversários — porém, com menos temor, mais respeito e com mais amor um pelo outro em questões de diferenças profundas. O versículo da minha vida é 1Pedro 3.15: “Estejam sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós”. Conhecer Shannon foi uma experiência muito marcante da esperança que tenho em Jesus Cristo.

Construir pontes como imitação de Cristo

Amar o próximo é mais fácil quando as diferenças são poucas. Amar seu próximo é mais fácil quando não há questões controversas entre vocês. Amar o próximo é mais fácil quando o estilo de vida dele combina com o seu. Amar o

próximo é mais fácil quando ele tem a mesma crença que você tem, vota no mesmo partido, faz compras onde você faz compras, tem o mesmo poder econômico que você e manda os filhos à mesma escola dos seus filhos. Quanto menor a distância entre vocês, mais fácil será lançar uma ponte. A maior necessidade de construção de uma ponte, porém, está onde a separação é maior.

Naquilo que você não entende na outra pessoa ou quando sente que ela pode ser sua oponente ou é até mesmo alguém que o odeia. Contudo, por mais difícil que seja amar nosso próximo, isso não nos livra de amá-lo.

Paulo disse aos efésios: “Portanto, sejam imitadores de Deus como filhos amados, e andem em amor como Cristo nos amou e se entregou por nós, uma oferta e sacrifício de aroma suave a Deus” (5.1,2). O chamado para construir pontes consiste em imitar o amor de Cristo. Damos exemplo desse amor quando nos lançamos por sobre a diferença que nos separa para compreender o outro, quando demonstramos esperança, quando conferimos respeito ou dignidade e quando buscamos a reconciliação. Jesus se

atravessou abismos para me reconciliar com Deus. Assim, se eu tentar fazer o mesmo, estarei mais próximo de ser o imitador de Cristo que quero ser: amado por Deus e amando outros por amor a Deus.

1. Junno Arocho Esteves, “Pope Francis washes feet of refugees on Holy Thursday”, Catholic Herald, March 24, 2016, disponível: <https://catholicherald.co.uk/pope-francis-washes-feet-of-refugees-on-holy-thursday/>; acesso em: 13 maio 2021.

2. Publicado em português por Atlas sob o título Liderança do fio da navalha: sobrevivendo aos perigos da mudança.



O CUIDADOR

WARREN KINGHORN

Em janeiro de 1961, Harvey Gantt, um aluno da universidade estadual de Iowa, se candidatou a uma transferência para o programa de arquitetura da Universidade Clemson, na Carolina do Sul. Suas notas e pontuação nas provas eram bem acima da média para novos alunos, a transferência era incontestável e, além de tudo, ele morava na Carolina do Sul. Contudo, a Universidade Clemson adiou, ignorou e bloqueou sua solicitação. Oficialmente, os motivos eram de ordem procedimental, mas o verdadeiro motivo é que ele era negro. Na época, Clemson era uma instituição onde só havia brancos, e o estado da Carolina do Sul queria mantê-la desse jeito. Mas Gantt queria a transferência. Ele se candidatou de qualquer maneira, depois processou a universidade pelo direito de estudar nela. Seu caso foi levado à corte de apelação federal, cuja decisão foi de que a universidade não tinha motivo para negar a admissão, o que abriu caminho para que Gantt se tornasse o primeiro aluno negro de Clemson em janeiro de 1963.¹ Faziam parte da equipe legal de Gantt os advogados de direitos civis Constance Baker Motley, da NAACP, que acabara de representar com sucesso James Meredith, da Universidade do Mississippi, e Mathew J. Perry, que mais tarde se tornou o primeiro negro da Carolina do Sul a ser indicado para o cargo de juiz federal. A Universidade Clemson havia contratado um respeitado advogado da Carolina do Sul, William Law Watkins.

Conheci William Law Watkins como meu vovô Bill.

Herdei muita coisa dele: sua altura (antes de morrer, em 1999, medíamos cerca de 1,95 m), seu amor pelo conhecimento e pela língua, nenhuma habilidade atlética e um pouco do seu espírito. Ele amava sua igreja presbiteriana, sua comunidade e sua família. Quando éramos crianças, meu irmão mais novo e eu tínhamos receio de dormir na casa dos meus avós, mas o vovô Bill nos garantiu que, muitas décadas antes, tinha instalado um “fio à prova de bicho-papão” em volta da casa, e por isso nenhum bicho-papão, humano ou não, poderia nos machucar. Dormimos profundamente. Quando nos recusávamos a comer ovos

mexidos e a tomar mingau, ele polvilhava de gestos mágicos o mingau em um ritual elaborado e com um brilho de prazer nos olhos. Nós limpávamos o

prato.

Uma vez, chegamos à sua casa brigando muito. Meu avô disse, com a cara feia, que provavelmente havíamos levantado do lado errado da cama. Ele nos acompanhou até sua cama, apontou o lado errado e o lado certo da cama, e pediu que subíssemos nela do lado certo. Obedecemos, rimos e paramos de brigar.

Lembro-me dele como uma pessoa que encorajava os outros, um homem gentil e pacífico.

Anos mais tarde, meu avô falava de vez em quando sobre seu trabalho no caso Gantt. Aqueles eram outros tempos, dizia. Ele nunca demonstrou arrependimento por ter defendido a universidade. A segregação era a lei da terra.

Contudo, disse que era bom que os tempos tivessem mudado. Ele se orgulhava do seu papel em garantir que a futura matrícula de Gantt em Clemson fosse pacífica e ordeira, diferentemente da dessegregação coerciva ocorrida nas principais universidades do Mississippi e do Alabama. Contudo, se meu avô tivesse vencido o caso em que atuou em 1963, Harvey Gantt não teria sido aceito em Clemson, e a Carolina do Sul teria sido o último estado do país a resistir à integração.

O evangelho da realização e da competência

Quando entrei na escola primária de Greenville, na Carolina do Sul, a cerca de 48 km da casa do vovô Bill, a Universidade Clemson tinha passado pela integração racial havia menos de vinte anos, e as escolas públicas do condado onde eu morava tinham sido integradas havia pouco mais de uma década apenas.

No entanto, eu aprendia na escola, na igreja e em casa que a escravidão e a segregação eram aspectos infelizes de um passado resolvido. Antigamente, havia muito tempo, as crianças negras e as brancas frequentavam escolas diferentes e não podiam ver filmes juntas nem brincar no mesmo parque. Mas agora não. A era dos direitos civis chegara, os tempos eram outros, e Martin Luther King Jr.

tinha feito um discurso maravilhoso dizendo que as pessoas deviam ser julgadas não pela cor da sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. “Foi bom que os tempos mudaram”, ouvia as pessoas dizerem. O que importava agora era o caráter, e não a cor.

Aprendi também, desde cedo, a cultivar meu caráter: a respeitar meus professores e os mais velhos, a tratar os outros com imparcialidade e, principalmente, a trabalhar com afinco e me preparar para me apresentar

“aprovado por Deus” (2Tm 2.15). “Deus lhe deu dons”, diziam os adultos na igreja e na escola. “Não deixe de usá-los. Talvez você tenha sido chamado para ser pregador, ou médico”. Aprendi a amar a Deus como um generoso doador de dons e como um capataz exigente, alguém que distribuía talentos liberalmente, mas lançava nas trevas exteriores seus servos que os desperdiçavam. Fiz a Oração do Pecador, convidei Jesus a entrar em meu coração e fui batizado quando tinha sete anos. Jesus era meu Salvador e eu ia para o céu. Contudo, acreditava que as coisas na minha vida eram fruto, em grande medida, do meu próprio esforço e determinação, e era melhor não estragar tudo.

Aceitei o fato de que era branco e tinha segurança financeira, e entendi que o racismo continuava a existir — não nas estruturas e nos sistemas racistas, mas nas convicções e ações lastimáveis de indivíduos racistas. No entanto, não acreditava que raça e classe fossem importantes para as oportunidades que eu teria e para o tipo de pessoa em que estava me transformando. O que importava era minha condição de salvo perante Deus, os dons que Deus me dera e minha disposição de trabalhar arduamente. Eu acreditava que qualquer um, se trabalhasse muito, seria bem-sucedido. Embora percebesse que nas aulas do fundamental e do ensino médio as turmas eram constituídas em sua maioria de brancos e repletas de crianças de famílias de posses, e à medida que eu prosseguia em cursos avançados e currículos do Advanced Placement,² nunca me ocorreu que essas coisas todas fossem um problema de justiça. Achava que o normal era isso.

Saí da Carolina do Sul pouco depois de completar vinte anos e, nas duas décadas seguintes, vivi e trabalhei no mundo das universidades de pesquisa; primeiro como estudante da Faculdade de Medicina de Harvard e depois como residente da área de psiquiatria, aluno de pós-graduação em teologia e

agora professor da Universidade Duke. Sob vários aspectos, estou vivendo as esperanças que foram declaradas a meu respeito. Embora não seja pregador, pelo menos não ordenado, sou presbítero da minha igreja e ensino na qualidade de teólogo em um seminário cristão. Sou médico, um psiquiatra que se preocupa com seus pacientes e ensina psiquiatria a outros.

O mundo da universidade, e especialmente o mundo da medicina, foi feito por pessoas como eu, e para pessoas como eu — gente que prospera embalada pelos

valores gêmeos: realização e competência. Esses valores levam a um falso evangelho, o qual, como todo evangelho falso, sempre exige mais. A cultura das universidades de pesquisa se pauta sempre por mais: mais publicações, mais doações e subsídios, mais prêmios, rankings mais elevados, mais cursos oferecidos, mais alunos. Essas universidades são impelidas por mais. A cultura da medicina acadêmica também dispõe de uma escada automática de realizações que nunca termina. Há sempre um degrau a mais a galgar, uma descoberta a mais a fazer, mais uma dissertação a escrever, mais um tratamento a aprender ou a desenvolver.

À medida que eu avançava no aprendizado médico, ficava fascinado com a maneira pela qual a realização e a competência eram premiadas. Sabia como funcionava a estrutura, por isso eu progredia. Outra coisa que me deixava muito satisfeito era a maneira pela qual supunha que essa estrutura proporcionava uma rota objetiva para a diversidade entre os profissionais da medicina. Uma coisa notável na medicina moderna, incluindo-se aí a psiquiatria americana, é que sua linguagem e suas práticas são de tal modo padronizadas que pessoas de praticamente qualquer lugar do mundo podem aprendê-las. Todo ano, a instituição em que trabalho, o Centro Médico da Universidade Duke, recebe homens e mulheres de várias raças e antecedentes étnicos, oriundos do mundo inteiro, para trabalhar e aprender. Pouco tempo depois, as diferenças já não importam mais para eles, uma vez que partilham do mesmo propósito: cuidar dos doentes. Isso faz dos hospitais e dos programas de treinamento médico, que não são diferentes dos laboratórios de pesquisas científicas, espaços com energia diversificada. Adoro essa diversidade e esse propósito comum.

Para mim, é igualmente importante a forma como a medicina me permitiu, na condição de médico, entrar na vida de pacientes diferentes de mim, e ainda assim compreendê-los mediante protocolos que não exigem que eu saiba em detalhes a história deles. Na medicina, o médico conhece o paciente por meio de um expediente rigorosamente estabelecido e ritualizado conhecido como prontuário médico e de saúde física. O prontuário tem como objetivo apresentar informações, de maneira estruturada, que permitam saber por que o paciente está buscando atendimento médico e qual é a melhor maneira de ajudá-lo. Os médicos aprendem desde o início do seu treinamento a identificar uma queixa principal seguida pelo histórico da doença atual, de modo que se tenha um breve histórico progresso dessa queixa principal. Seguem-se sessões dedicadas ao histórico médico anterior, alergias, remédios, histórico familiar e uma sessão dedicada ao histórico social, para que se tenham informações básicas sobre

moradia, relacionamentos, finanças e outros assuntos que possam ser importantes para a queixa principal. Todas essas informações são seguidas pela documentação do exame físico (assim como, na psiquiatria, do exame de saúde mental), uma avaliação e, por fim, um plano. Embora instituições e clínicos possam acrescentar seções ou modificá-las para propósitos específicos, qualquer médico, seja onde for nos Estados Unidos, e possivelmente em qualquer lugar do mundo, está familiarizado com esse formulário. O prontuário de saúde possibilita uma forma padrão e objetiva de descrever os pacientes que coloca em primeiro plano seus problemas médicos em relação ao restante de sua identidade

— de modo que, por exemplo, “um homem de cinquenta e oito anos com histórico de diabetes mellitus do tipo 2, hiperlipidemia, hipertensão e com início recente de dores no peito”, podendo ser uma pessoa sem teto ou um senador dos Estados Unidos, receberia, teoricamente, o mesmo tratamento.

Há muito tempo os psiquiatras discutem se a doença mental deveria ser tratada dessa forma. No entanto, na época em que estudei psiquiatria, o campo havia decidido adotar esse modelo médico. Os psiquiatras seguem um guia, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ou DSM (na sigla em inglês), que lista centenas de categorias diagnósticas — por exemplo, grandes transtornos depressivos, transtorno bipolar e transtorno de estresse pós-traumático — e descreve cada uma dessas categorias por

meio de uma lista de sintomas experimentais e comportamentais. Quando psiquiatras e clínicos recorrem ao DSM, como exigem praticamente todos os planos e sistemas de saúde, os pacientes com doença mental são diagnosticados de acordo com critérios aos quais devem atender (geralmente, alguns itens de uma lista de verificações) no caso de uma categoria específica de transtorno mental. Há prós e contras nessa análise diagnóstica, porém uma vantagem prática é que, a exemplo de outros médicos, os psiquiatras podem interagir com pacientes com os quais pouco temos em comum, o que nos permite compreendê-los por meio de procedimentos padronizados, de modo que seus problemas médicos se sobreponham ao restante de sua identidade.

Muito antes de me tornar médico, eu buscava a realização e a competência, e a medicina acadêmica moderna parecia me oferecer o melhor dos mundos possíveis. Encontrei-me imerso em um sistema de prestígio altamente valorizado que celebrava e recompensava a realização e a capacidade. Além disso, ao adotar as análises padronizadas de diagnóstico e de tratamento, a medicina moderna torna esta realização possível: ser um bom médico em um sistema que abraça a padronização é sobretudo uma questão de saber as coisas certas, e eu certamente

era capaz disso. Tudo isso se tornou ainda mais compensador pelo fato de que, como psiquiatra, eu estava ajudando as pessoas que sofrem a atenuar seu sofrimento e a viver de forma mais produtiva. Com isso, recebia crédito tanto da parte dos pacientes quanto dos colegas. Melhor ainda, as análises padronizadas da medicina possibilitaram que eu trabalhasse com um conjunto de colegas de raças e culturas diversas, bem como cuidasse de pacientes de culturas e raças igualmente diversas, e de maneiras que ratificavam o fato de que, embora eu fosse americano e branco, tinha deixado o racismo para trás.

Tudo isso combinava perfeitamente com minha identidade de cristão. Realização e competência se tornaram essenciais ao evangelho, marcas do meu compromisso cristão, uma forma de produzir minha salvação com temor e tremor (Fp 2.12). Jesus curava, e eu, como alguém que dispensava cuidados aos outros, participava do ministério de cura de Jesus. Ao estudar medicina, estava aprendendo a compreender como os seres humanos foram “formado[s] de modo tão admirável e maravilhoso” (Sl 139.14), e a

contemplar com assombro a criação divina. Ao tratar dos pacientes e trabalhar com colegas de diferentes contextos raciais e culturais, eu estava, além de tudo, trabalhando para promover uma sociedade sem preconceito racial em que todos tinham oportunidades de dar e receber cuidados médicos e, portanto, de prosperar. Se eu estava sendo elogiado e premiado por esse trabalho, tanto com dinheiro quanto com status, tanto melhor: era um belo exemplo de como, até mesmo em um mundo não redimido, “pelo conhecimento suas salas se encherão de todas as riquezas preciosas e agradáveis” (Pv 24.4).

Perdendo a fé

A narrativa objetiva e consoladora de que a medicina moderna é uma força para o bem e capaz de curar não apenas a doença, mas também a divisão social e a injustiça, e que ela está ao alcance de quem quer que esteja disposto a trabalhar o suficiente para dominá-la, não passa de uma bela história. É também uma história falsa. Não foi preciso muito tempo, nos meus estudos de formação médica, para que eu começasse a notar os furos dessa narrativa.

Fui exposto a um desses furos durante um retiro cristão na faculdade de medicina. Depois de elogiar casualmente a diversidade racial do nosso grupo de estudantes cristãos, uma colega afro-americana disse: “Sou do centro de Baltimore, uma região pobre. A pessoa que nasce ali aprende que o mundo não foi feito para ela”. Fiquei chocado. Como era possível que uma estudante de medicina bem-sucedida de Harvard dissesse aquilo? Durante toda a minha vida achei que o mundo fosse feito basicamente para mim. Como seria crescer em um mundo que não foi feito para você? Embora estivesse na época com vinte e poucos anos, pude ouvir pela primeira vez a experiência de uma colega de como foi crescer nos Estados Unidos sendo negra e pobre, além de suas experiências constantes com o racismo, e de um modo que subvertia minhas ideias muito arraigadas de uma sociedade sem preconceito racial.

Desde então, embora meus antigos hábitos jamais tenham morrido, e eu acredite que há muita coisa que ainda não compreendo, aprendi a ouvir e a ver muito mais. Aprendi como o Estudo de Tuskegee de Sífilis não Tratada

do Homem Negro — em que o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos acompanhou durante décadas homens negros que sofriam e morriam de sífilis, em vez de tratá-los com um antibiótico barato e eficaz — fizera da saúde pública do país um símbolo de experiências negativas e de desconfiança para muitos afro-americanos. Um pastor afro-americano de Durham me disse, de modo gentil porém firme, ao descobrir que eu trabalhava no Centro Médico da Universidade Duke e ao se lembrar do seu legado como uma instituição de pesquisa de brancos que praticou o tratamento segregado durante as primeiras décadas de sua existência: “Muita gente na minha comunidade preferiria morrer a recorrer a Duke”. Ouvi histórias de colegas médicos negros que eram muitas vezes tomados como assistentes de enfermagem ou zeladores. Deparei com pesquisas segundo as quais, até hoje, futuros médicos com frequência subestimam o grau de dor de pacientes negros em comparação com paciente brancos.³

Embora eu ainda valorize a diversidade racial e cultural do sistema de saúde moderno e acredite que a maior parte dos médicos não quer ser racista, compreendo agora que o racismo opera em um nível mais profundo do que as convicções conscientes das pessoas. O racismo, como o pecado de modo geral, está enraizado em instituições e estruturas que operam por nosso intermédio, mesmo quando não estamos conscientes delas. Não basta que eu não queira ser racista e procure tratar a todos com dignidade, embora, é claro, isso seja um começo necessário. Em vez disso, devo me perguntar — e, sobretudo, convidar outros para que me perguntem — de que maneira minha vida foi definida no âmbito de estruturas e pressupostos raciais específicos, e como minhas ações e

omissões perpetuam ou curam estruturas profundas de injustiça e de desigualdade racial.

Em primeiro lugar, isso significa assumir e amar o fato de que sou neto do avô que tive. Meu avô Bill foi um homem amável e decente, porém seu trabalho legal defendeu uma ordem social segregada que era e ainda é profundamente pecaminosa e contrária ao evangelho. As contradições da sua vida permeiam profundamente também minha identidade. Ele não era diferente de muitos outros profissionais brancos da sua época, o que só aumenta a urgência de reivindicar minha identidade de neto dele. Compreendi que os dons que herdei dele não podem, em última análise, ser

abstraídos do seu lugar, e do meu, na ordem racial que ele defendia. Homem frugal que era, ele jamais teve uma renda elevada, mas economizou e investiu a vida toda, tendo bancado a educação de seus oito netos.

O que ele ganhou — incluindo, talvez, parte do que a Universidade Clemson lhe pagou para representá-la contra Harvey Gantt — ajudou a financiar minha educação na Escola de Medicina de Harvard.

De formas menos tangíveis, eu me beneficieei durante toda a vida do fato de ter nascido em uma família para quem a instrução universitária e a segurança financeira eram normas incontestes, encorajadas por gerações de acesso imediato a redes e instituições dominadas por brancos. Não posso viver fielmente agora como cristão, tampouco trabalhar fielmente como médico, a menos que eu assimile essa realidade, aceitando suas dádivas e seu peso. A dádiva de me sentir (mais ou menos) em casa na Universidade Duke não pode ser separada do peso de saber que a Duke, assim como quase toda universidade de pesquisa de elite dos Estados Unidos, foi fundada para servir e para perpetuar uma classe social e econômica de homens brancos muito parecidos comigo. A dádiva de não ter de justificar minha identidade e existência como médico não pode ser separada do peso de saber que muitos amigos e colegas médicos — não apenas médicos negros, mas também médicas — enfrentam obstáculos relacionados à desconfiança e à injustiça que acrescentam um fardo indevido ao trabalho já por si desafiador da medicina. Como sou neto do avô que tive, não posso viver como se minha experiência pessoal não estivesse entrelaçada à deles.

Em segundo lugar, comecei a perder a fé de forma mais ampla na medicina moderna, isto é, de que ela seria sempre uma força do bem que leva as pessoas a serem saudáveis. Embora nós, médicos, enfermeiras e outros clínicos trabalhemos no “sistema de saúde” e, com frequência, nos descrevamos como

“profissionais da área da saúde”, o fato é que o “sistema de saúde” americano

não segue nenhum padrão claro e definível de saúde que governe suas práticas.

Vi muitos exemplos em que as práticas médicas não levaram à saúde em nenhum sentido holístico, e sim a progressões complexas, controladas pela técnica, do sofrimento e de doenças. Quando era estudante, vi pessoas sofrerem durante semanas ou meses nas unidades de tratamento intensivo, à beira da morte, com pouca possibilidade de recuperação, mas seus parentes ou clínicos, ou os dois, se esforçavam para manter os órgãos do corpo em funcionamento. Nesses casos, o tratamento do paciente era controlado, com frequência, pelo imperativo urgente de “fazer alguma coisa”. Aprendi então que, se lhe pedissem para “fazer alguma coisa”, a medicina moderna quase sempre sairá com algum expediente tecnológico, embora invasivo e pouco benéfico.

Também vi formas mais sutis e generalizadas de atenção à doença, e não à saúde em geral do paciente, na psiquiatria, que é meu campo de trabalho. Aos poucos fui entendendo que os diagnósticos padronizados e estruturados do DSM

(Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), que tinham por objetivo capacitar os clínicos a compreender os pacientes de modo objetivo, podiam ser formas de não ver o que mais importava. No meu trabalho com veteranos que estiveram em combate, por exemplo, aos poucos compreendi que, embora o diagnóstico do DSM de transtorno de estresse pós-traumático (PTSD, na sigla em inglês) havia me condicionado a compreender o trauma como um transtorno impulsionado pelo medo, aquilo contra o que muitos veteranos lutavam mais profundamente não era o medo, e sim a culpa e a vergonha pelas coisas que fizeram ou deixaram de fazer na guerra — um fenômeno agora conhecido como “danos morais”. Se levasse realmente a sério suas histórias, e tratasse a culpa e a vergonha em seus próprios termos, teria de praticar a psiquiatria de outra maneira, preocupando-me menos com a redução do sintoma por todas as formas possíveis (incluindo por remédios), e mais em compreender o que foi a guerra para eles — algo que me levaria para muito longe da zona de conforto do diagnóstico e da terapia padronizados. Pouco a pouco entendi que a abordagem padronizada da psiquiatria quanto ao diagnóstico tornava mais eficiente o trabalho dos psiquiatras, mas poderia atrapalhar a compreensão das histórias dos pacientes de uma maneira que resultaria em cura genuína. E isso, compreendi, não estava dissociado de raça e racismo. Muitos estudos, por exemplo, constataram que o uso de diagnósticos padronizados tendem a

atribuir mais diagnósticos estigmatizantes, como a esquizofrenia, a pacientes negros, em comparação com pacientes brancos.⁴ Em tudo isso, fui aos poucos compreendendo como a medicina, longe de ser uma força benigna do bem e da cura, poderia servir para aquilo que a Bíblia chama de “potestade”, entendida

como “estrutura estruturante” de vida em um mundo decaído, a qual, embora naquilo que tem de melhor seja uma força do bem, poderia também muito facilmente obscurecer ou ocultar o bem, e até mesmo contribuir com o mal.⁵

Por fim, e de forma mais pessoal, perdi a fé na minha capacidade de produzir minha própria salvação por meio da realização e da competência. O fato é que os valores que amparavam a compreensão cristã que tinha de mim mesmo, e que funcionaram tão bem na minha vida escolar e profissional, não funcionavam tão bem assim com minhas amigadas e no meu casamento. Houve um momento, quando eu tinha vinte e poucos anos, em que me vi profissionalmente bem-sucedido, mas terrivelmente só, preocupado demais em buscar “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo” (Fp 4.8), a ponto de impedir que qualquer ser humano mortal pudesse fazer alguma reclamação importante sobre mim. Inseguro e com medo de ser julgado, achava difícil confiar completamente em mim mesmo, bem como confiar os meus temores a outras pessoas. A graça me buscou e me encontrou, quase que sacramentalmente, na paciência e no amor da minha esposa, a qual, de modo gentil e com frequência doloroso, me ajudou a entender o que significa amar, ser vulnerável, e o que significa ser humano. À medida que eu passava de homem solteiro a marido, e depois a pai, aprendia que ser cristão não está relacionado, em última análise, com domínio e controle, seja de mim mesmo seja de outros, mas com a aceitação da vulnerabilidade, dependência e amor que decorrem de viver no íntimo da vida de Jesus, abraçado pelo Pai por meio do poder do Espírito Santo, como filho amado de Deus, e ali repousar.

Caminhando com viajantes feridos

Todos os dias ainda sinto o poder e a atratividade do evangelho da realização e da competência. Ele continua a permear o mundo do sistema de saúde e, de modo especial, o mundo das universidades de pesquisa. Contudo, é um

evangelho falso, enraizado no controle e não no deslumbramento, um evangelho que pinta um quadro teologicamente, psicologicamente e historicamente falso de quem são os seres humanos. O evangelho da realização e da competência, com sua promessa de santificação individual por meio do trabalho duro e do sucesso, não é as boas-novas que Jesus proclamou. Pelo contrário, trata-se de um falso

evangelho de uma cultura que valoriza a produtividade e a eficiência acima de tudo. Ele forma indivíduos abstraído e universais que acreditam que transcendem o espaço, a cultura e a história para alcançar marcadores de sucesso socialmente estabelecidos. Promove linguagem e práticas padronizadas, como a do DSM na psiquiatria, e transforma o sucesso em uma questão de conhecimento e habilidade técnica, em vez de sintonia com o lugar em que estamos e com as pessoas que nos cercam. Ele recompensa e reforça o poder das instituições que conferem status, como as universidades, os meios de comunicação, empresas e, talvez, até mesmo igrejas. Em tudo isso, de formas semelhantes às que John Inazu menciona em seu capítulo, creio que se trata de um evangelho tipicamente americano. E, uma vez que esse evangelho americano se detém no indivíduo, ignora as reivindicações de lugar, cultura e história, e possibilita que prossigamos sem levar em conta a história do racismo, ou as feridas persistentes dele. É um evangelho tipicamente branco — um falso evangelho que obscurece, em vez de revelar, as boas novas de Jesus.

Ao compreender pouco a pouco a força do evangelho da realização e da competência sobre a minha vida, e ao caminhar lado a lado, como psiquiatra, com pessoas que pagam o preço desse falso evangelho — seja porque estão dominadas pela sua força, seja porque foram por ele marginalizadas por serem consideradas pessoas incompetentes e fracassadas —, lentamente comecei a entender o ser humano e a mim mesmo de diferentes maneiras. Proponho a seguir cinco pontos sobre o que significa ser humano.

1. Estamos enraizados em um lugar, em uma cultura e em uma história

Fazia pouco tempo que eu trabalhava com a psiquiatria, quando me dei conta de que, se usasse apenas termos padronizados de diagnósticos para compreender meus pacientes e me dirigir a eles — contanto que o paciente fosse sempre para mim “um senhor idoso com forte transtorno depressivo e

estresse pós-traumático” —, eu poderia produzir uma avaliação e um plano tecnicamente competentes, mas não saberia quase nada do paciente enquanto ser humano. De igual modo, se os cristãos conversarem apenas em linguagem teológica abstrata

— você é pecador. Deus te ama e enviou Jesus para perdoar seu pecado. Aceite sua graça e viva em liberdade —, estaremos falando a verdade, porém não saberemos quase nada uns dos outros. Para conhecer o outro, para conhecermos a nós mesmos, temos de ser específicos.

Para mim, isso significou me conscientizar do fato de que sou um homem branco de Greenville, na Carolina do Sul, neto de William Law Watkins e de três outros avós igualmente importantes para a minha formação, amado e formado nas escolas públicas de Greenville e em uma igreja batista evangélica branca do Sul.

A história racial e cultural da Carolina do Sul, dos batistas do Sul e da minha família me transformaram no que sou. Embora eu procure compreender melhor essa formação e tente contar suas bênçãos e seus desafios, não posso mais negá-

la ou ignorá-la, assim como não posso ignorar a mim mesmo. Contudo, descobri que esse desejo de compreender minha história pessoal e minha formação, longe de me recolher a algum tipo de “política identitária”, me ajudou a me relacionar de forma mais humana com os outros, incluindo outros que veem e falam de maneira muito diferente de mim, que estão igualmente enraizados em um lugar, em uma cultura e em uma história, e que têm sido forçados a ser mais conscientes disso do que eu, como homem americano branco, jamais fui encorajado a ser.

2. É no relacionamento que nos descobrimos

Pesquisadores que estudam o desenvolvimento humano há tempos compreenderam que nenhum de nós é um indivíduo isolado. Os seres humanos

— desde antes do nascimento e por toda a vida — são formados para o relacionamento e precisam dele. O conjunto de capacidades e de habilidades

que associamos a ter um “eu” — as capacidades de nos distinguirmos do outro, de sentirmos e de dar nome à emoção e à fé, de refletir sobre nossa experiência, de agir com propósito —, tudo isso emerge nos laços relacionais entre mãe e filho, pai e filho, cuidador e criança, e crianças umas com as outras. Nunca como indivíduos, mas no relacionamento é que encontramos a nós mesmos. Outros nos refletem para nós mesmos e nos permitem descobrir quem somos. Os relacionamentos são fundamentais para a nossa felicidade, para nosso sentido de significado e de propósito, para nossa identidade pessoal.

Tendo me formado no evangelho da realização e da competência, me esforço para buscar relacionamentos que não estejam de algum modo associados à produtividade. Contudo, aprendi que não é pelo conhecimento ou pela técnica que me torno mais humano, e sim pelo compartilhamento da vida com outros.

Estou aprendendo a reservar tempo e espaço para os relacionamentos que importam, a começar pela minha esposa. Mas também venho descobrindo, como psiquiatra, que a qualidade do meu relacionamento com meus pacientes é, no mínimo, tão importante para sua cura e recuperação quanto as técnicas que uso.

É fácil imaginar que os médicos que atendem fora do hospital sejam veículos de receitas e procedimentos que são, por si mesmos, a fonte real da cura: os médicos, segundo essa forma de pensamento, são basicamente máquinas automáticas de receitas sobrevalorizadas. Contudo, se cultivo um relacionamento com os pacientes em que eles confiam em mim (e vice-versa), em que somos capazes de conversar honestamente e em que conseguimos discernir juntos o que é mais importante no seu tratamento, isto será fator de cura para eles e de energização para mim. O paciente se sentirá menos só, mais disposto a se abrir e mais vulnerável, e menos inclinado a pensar fixamente em suicídio como forma de escape. Em alguns casos, o paciente poderá reduzir o número e a intensidade das doses de remédio. Além de fazer simplesmente com que os pacientes se sintam à vontade para discutir as opções de tratamento, há evidências de que uma forte parceria terapêutica entre o clínico que faz a prescrição e o paciente ajuda de fato o funcionamento mais eficaz dos remédios psiquiátricos.

3. Levamos conosco feridas e faremos de tudo para não passar vergonha

Há bons motivos pelos quais o ser humano geralmente procura se distanciar do lugar, da cultura e da história e busca evitar ou controlar os relacionamentos. Por serem tão marcantes e significativos, o lugar, a cultura, a história e os relacionamentos são os âmbitos em que, por vezes, estão localizadas nossas feridas mais profundas. Como psiquiatra e também professor, aprendi que as feridas psicológicas que eu costumava achar que fossem raras — feridas decorrentes do abuso sexual infantil, abuso físico na infância, violência íntima entre casais e estupro — são, na verdade, muito comuns, afetando coletivamente

mais de 20% dos americanos. E todos nós, ainda que não tenhamos passado por esse tipo de trauma, carregamos conosco feridas que nos deixam receosos, distantes ou envergonhados em áreas específicas da vida.

Aprendi comigo mesmo, e na companhia de outros, que a vergonha é uma emoção muito poderosa e universal; uma emoção que, por causa do seu poder, pode nos motivar ou nos destruir. Como disse o psiquiatra Curt Thompson, a vergonha envia as seguintes mensagens: “Você não é suficiente” e “Se outros soubessem quem você é de verdade, eles o abandonariam e o rejeitariam”.⁷ Nos mundos em que transitamos, o do sistema de saúde e das universidades de pesquisa, usa-se a vergonha como lubrificante e combustível para a cultura do mais.

Mensagens do tipo “você não é muito inteligente, não é muito produtivo e não é muito instruído” me encorajam a fazer o que normalmente fazem os seres humanos diante da vergonha: recuar para dentro de uma concha protetora (aceitando o julgamento vergonhoso e esperando não ser descoberto), ou culpar e humilhar outros ou “o sistema” (rejeitando ser julgado pela vergonha ao se esquivar dela), ou trabalhar cada vez mais arduamente (aceitando ser julgado por ela, mas esperando provar a outros que isto está errado). Nenhuma dessas estratégias funciona muito bem no decurso da vida, e mesmo assim eu sinto que as carrego dentro de mim e as vejo em outros o tempo todo.

Uma vez que a vergonha é muito repugnante e, com frequência, é mais tolerável suportar outras emoções como o medo, a tristeza e, especialmente,

a ira, aprendi a procurar por ela como fator principal quando as pessoas se tratam mal. Quando um sistema — seja o de uma igreja, uma clínica ou o Congresso — parece preso a um padrão autodestrutivo em que as pessoas se comportam de maneira agressiva e até mesmo irracional umas com as outras, vale a pena prestar atenção à ecologia da vergonha desse sistema. De igual modo, sempre imagino de que maneira a vergonha afeta o modo que americanos brancos como eu interagem com o que Wendell Berry chamou de “ferida oculta” do racismo em pessoas brancas.⁸ Saber que meu avô participou ativamente na defesa da segregação e saber que como homem branco me benefico, querendo ou não, dos legados injustos do privilégio racial, é algo que pode muito facilmente me levar a recuar para o interior de uma concha protetora (por exemplo, ficar a maior parte do tempo em espaços brancos ou interagir apenas com canais de comunicação que não me desafiem), a culpar e humilhar outras pessoas (por exemplo, zombando de racistas declarados ou rejeitando o diálogo sobre racismo estrutural, equiparando-o à “política identitária”), ou a me esforçar cada vez mais para mostrar aos outros que não sou racista. A resposta dos cristãos brancos à questão

racial nos Estados Unidos geralmente assume uma dessas três formas.

4. Somos amados, conhecidos e belos

O evangelho da realização e da competência, ao fundamentar nosso valor humano na produtividade, eficiência e autossuficiência, nos encoraja a ignorar ou negar qualquer coisa que esteja obstruindo nossa capacidade de produção —

nossas feridas, os laços de lugar, cultura, história e relacionamentos. Ao nos incentivar a ignorar ou negar essas dimensões fundamentais de nossa humanidade encarnada, ensinando ao mesmo tempo que somos dignos na medida em que formos produtivos e não dependermos excessivamente dos outros, o evangelho da realização e da competência nos aprisiona mais fortemente ainda aos grilhões da vergonha. Em contrapartida, o evangelho de Jesus Cristo começa e termina em um lugar essencialmente distinto. Nossa dignidade como seres humanos não advém do tanto que trabalhamos, ou de onde procedemos, ou do que produzimos, ou em que medida somos capazes de realizar qualquer atividade. Nossa dignidade advém, antes, do

fato de que, como criaturas boas de Deus, ele nos ama e nos conhece. “Tu me cercas por trás e por diante”, escreveu o salmista. “Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; elevado demais para que eu possa alcançá-lo” (Sl 139.5,6). O amor de Deus por nós, o conhecimento íntimo que Deus tem de nós, nossa adoção como filhos no corpo e vida de Jesus, tudo isso é inalcançável para nós, contudo nos é concedido gratuitamente, uma dádiva que precede qualquer coisa que saibamos ou façamos. É também uma cura poderosa para a vergonha.

O filósofo Josef Pieper disse certa vez que na raiz do amor encontramos a seguinte afirmação: “É bom que você exista; é bom que você esteja neste mundo!”. Só conseguirei escapar do evangelho da realização e da competência quando aceitarmos que, a despeito do que eu possa ou não possa fazer, é bom que eu exista. Somente poderei ajudar meus pacientes e cuidar deles quando, explícita ou implicitamente, lhes disser: “É bom que você exista!” E só poderei me assumir e amar a mim mesmo como cristão evangélico branco do sul, neto do meu avô Bill, alguém que herdou uma herança de privilégios complicada, quando me lembrar de que minha identidade mais profunda não está em minha branquitude, mas dentro do corpo de um homem de pele parda do Oriente Médio

que morreu e ressuscitou porque me ama como a si mesmo. Em Jesus, sei que sou chamado a honrar as áreas da minha formação que me apresentaram a ele, bem como morrer para tudo o que não seja “criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade”, incluindo-se aí o privilégio racial (Ef 4.24). Ainda estou aprendendo a separar essas coisas, e nem sempre consigo entender muito bem como fazê-lo. Ainda tenho muito que morrer. Sei, porém, que a segurança do amor de Jesus é o único lugar de onde posso começar.

5. Somos viajantes

As imagens de viagens e peregrinações abundam na Escritura. “Uma vez que estamos rodeados de tão grande nuvem de testemunhas”, nos encoraja o autor de Hebreus, “deixemos também de lado qualquer fardo e o pecado que se agarra a nós, e corramos com perseverança a corrida que nos está proposta, olhando para Jesus, o pioneiro e consumidor da nossa fé” (12.1-2).

Como seres humanos, estamos sempre de viagem. Viajamos de Deus (nossa Fonte e Criador) e para Deus (nosso fim e nossa alegria), um retorno que se torna possível pela nossa participação na vida de Jesus. Contudo, a viagem é difícil, e às vezes nos cansamos, ou tomamos caminhos errados, ou adoecemos ou somos injuriados, ou nos vemos em território desconhecido e até hostil. Nessas circunstâncias, e em outras, precisamos de companheiros que andem ao nosso lado, que nos indaguem e nos ajudem a responder: “Do que precisamos, neste momento, para a viagem?”.

Essa pergunta é fundamental para a compreensão de mim mesmo como cristão.

É também fundamental para a forma como caminho com outros na condição de quem cuida deles. Alguns dos meus pacientes precisam de remédios ou de alguma outra tecnologia. Contudo, para muitos outros, o mais necessário é um emprego, ou um lugar para viver, ou amizade, ou a libertação de um contexto abusivo. Para outros, é o perdão. Para outros ainda, é ser bem acolhido em uma comunidade. Quando me aproximo dos meus pacientes como viajantes, e vendo a mim mesmo como um viajante privilegiado por estar na companhia deles, isso me obriga a sair de uma postura de controle e de competência para uma postura de humildade e de respeito, atento o máximo que puder às suas histórias, e não apenas aos seus sintomas.

Cuidando dos outros com o evangelho da confiança (e da alegria) Meu avô Bill conhecia e amava boas histórias. Em seus últimos anos, ele repetia detalhadamente histórias que lhe foram contadas meio século antes e ria como se as estivesse ouvindo pela primeira vez. Ele escrevia histórias meticulosas do seu condado e de sua igreja porque acreditava que só é possível conhecer e amar um lugar e pessoas quando conhecemos suas histórias. Nisso, ele provavelmente tinha razão. Histórias, como explica Lecrae em seu capítulo, definem nossa visão de mundo.

Durante muito tempo da minha vida, vivi o evangelho da realização e da competência, a história de que poderia ser bem-sucedido como ser humano e como alguém que cuida de outros se trabalhasse arduamente e se obtivesse as credenciais, conhecimento e habilidades corretas. Essa história ainda me fascina.

Ela também me empobrece, e faz de mim uma pessoa menos fiel como cristão que vive neste mundo complexo de hoje. Encontro vida e alegria, porém, em uma história maior, uma história em que sou um viajante amado e conhecido por Deus, chamado não para controlar, mas para me deslumbrar, e chamado para andar ao lado de meus companheiros viajantes.

Essa história maior me ensina que sou amado e conhecido por Deus não por causa do que posso fazer, mas simplesmente porque assim é que é — e este é o território supremo de realização e competência que tenho como alguém que cuida de outros. Por causa dessa história maior do amor de Deus em Jesus, estou aprendendo a conhecer e a amar outros e a mim mesmo não como abstrações, mas como seres humanos enraizados em um lugar, em uma cultura e em uma história.

A confiança no evangelho ocorre quando nós, como cristãos, nos sentimos de tal modo seguros no amor de Deus que podemos nos aproximar do território de nossa vida e de nossa história, do pecado e do trauma que a vida comporta, sabendo que mesmo ali somos amados e que a partir dali podemos mudar e nos curar. A confiança vem quando enfrentamos a vergonha em vez de evitá-la ou negá-la. Ela vem quando podemos dizer um ao outro, mesmo para quem é diferente de nós: “É bom que você exista. É bom que você esteja neste mundo!”

mostrando o que queremos dizer com isso pela forma como vivemos no mundo.

Ela vem quando nos lembramos de que, quem quer que sejamos e o que quer que tenhamos feito, fomos envoltos pela graça no corpo de Jesus (1Tm 1.12-17). É

ali, na vida de Jesus, e não em nossa própria realização e competência, que recebemos a graça e o amor de que precisamos para caminhar juntos com justiça.

1. *Gantt v. Clemson Agric. Coll.*, 320 F.2d 611, 614 (4th Cir. 1963).
2. Cursos de nível universitário oferecidos antecipadamente a estudantes do ensino médio, a fim de prepará-los para o ingresso nas universidades norte-

americanas. (N. do E.)

3. Veja, por exemplo, Kelly M. Hoffman; Sophie Trawalter; Jordan R. Axt; M.

Norman Oliver, “Racial bias in pain assessment and treatment recommendations, and false beliefs about biological differences between blacks and whites”, *Proceedings of the National Academy of Sciences USA* 113, n. 16 (2016): 4296-301.

4. Sophia Haeri, “Disparities in diagnosis of bipolar disorder in individuals of African and European descent: a review”, *Journal of Psychiatric Practice* 17

(2011): 394.

5. Allen Verhey; Warren Kinghorn, “‘The hope to which he has called you’: medicine in Christian apocalyptic perspective”, *Christian Bioethics* 22 (2016): 21-38.

6. Janice L. Krupnick et al., “The role of the therapeutic alliance in psychotherapy and pharmacotherapy outcome: findings in the National Institute of Mental Health Treatment of Depression Collaborative Research Program”, *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 64 (1996): 532-9.

7. Curt Thompson, *The soul of shame: Retelling the stories we believe about ourselves* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2015).

8. Wendell Berry, *The hidden wound* (Berkeley: Counterpoint, 2010).

9. Josef Pieper, *Faith, hope, love* (San Francisco: Ignatius, 1997), p. 163-4.



A RECONCILIADORA

TRILLIA NEWBELL

Todos os dias, ao me levantar, me lembro das fraturas deste mundo. Seja uma lembrança distante de um relacionamento passado, seja uma espiada rápida em uma mídia social, me vejo diante da realidade de que as pessoas se acham divididas e, não raro, imersas em conflitos. O que mais me vem à mente, porém, não é nada fora de mim. É que todos os dias de manhã me levanto e vejo que tenho a pele parda. Essa pele foi criada pelo meu Deus Criador, e sou grata por isso. Ela é também uma pele que resulta em intolerância, preconceito e discriminação.

Deus, porém, me chamou para ser reconciliadora.

O reconciliador é alguém que faz a obra de reconciliação: restaurando amizades, promovendo harmonia, resolvendo diferenças. Minha vida e meu trabalho estão voltados para o ministério da reconciliação. Essa tarefa tem me levado a aprender a ser tolerante, a perdoar e a ser paciente ao falar a verdade em amor.

Fui criada no Sul por pais que enfrentaram racismo e ódio muito mais flagrantes do que jamais experimentei, mas que me ensinaram a amar o próximo a despeito do que poderia dizer de nós. Não diria que cresci em um lar cristão, mas havia amor em meu lar. E esse amor da graça comum instilado em mim por meus pais nutriu meu desejo de ver as pessoas viverem em harmonia. Entendi que poderia ser parte da solução ou parte do problema, por isso tenho procurado ser parte da solução tanto quanto é humanamente possível. Não tem sido fácil e falhei muitas vezes, porém nosso chamado para a reconciliação é parte do que significa ser imagem de Deus — e vale a pena.

Quando era adolescente, tomei conhecimento do movimento dos direitos civis e dos homens e mulheres valentes que enfrentaram dores, sofrimentos e, às vezes, até a morte para defender os direitos dos outros. Assisti à imagem de Rodney King sendo arrastado para fora do carro e agredido por policiais que foram

depois absolvidos das acusações de uso excessivo de força, uma absolvição que deflagrou protestos devastadores que, por sua vez, culminaram com o célebre apelo de King: “Não podemos nos entender?”¹ Todo mês de janeiro participei da marcha pelos direitos civis da minha cidade na celebração do aniversário de Martin Luther King Jr.

Tenho lembranças pessoais muito dolorosas, como a de uma mãe que me explicou por que o filho dela não podia namorar uma negra — porque éramos diferentes. Ela enfeitou a explicação com frases emotivas do tipo “você é boazinha”, “pode ser amiga dele”, mas a diferença de cor da nossa pele era demais para ela suportar. A ideia de que seu filho me namorasse era terrível. Na cabeça dela, “não era certo”. Não era certo porque eu era uma pessoa diferente, um tipo estranho, uma criatura inferior. Ela não usou essas palavras, mas a ênfase com que repetia nossas diferenças deixou claro que alguma coisa em mim não batia com a família dela, com gente como ela, e o

meu tipo de diferença não estava à altura de seu filho. Eu era adolescente e tive dificuldade para engolir aquilo, mas me acostumei a ser tratada assim.

Quando fui para a faculdade, tive a oportunidade de ser diretora adjunta da área de questões de diversidade do nosso centro estudantil. Ajudei a patrocinar alguns eventos que chamávamos de Café e Bate-Papo. Eram discussões que nos ajudavam e abriam nossos olhos, mas era tudo muito superficial.

Nunca me esqueço de quando estava no último ano, na aula de ciência política, e um jovem branco expôs seu desagrado e receio de que um negro pudesse entrar na faculdade de direito antes dele por causa das cotas e da ação afirmativa. Em prantos, disse a ele que eu não apenas tinha entrado na faculdade de direito, mas também havia me destacado nas provas e ido muito bem no exame nacional de admissão. Supor que todo negro que entrou na faculdade de direito só foi capaz de fazê-lo por causa da ação afirmativa era chocante na melhor das hipóteses e racista na pior delas.

Se você me conhecesse, talvez risse se eu lhe dissesse que já fui discriminada racialmente. Com 1,57 de altura e pesando 54 kg, não sou uma grande ameaça.

Isso, porém, não impediu algumas pessoas de imaginarem o pior a meu respeito com base na cor da minha pele. Estou só arranhando a superfície da minha experiência. Se você conversar com a maior parte dos afro-americanos, encontrará histórias semelhantes de preconceito racial, racismo e discriminação.

Eu, porém, fui chamada para ser reconciliadora.

Quando jovem, eu só ia à igreja nas datas de celebrações importantes. Achei uma igreja quando estava no último ano do ensino médio, mas descobri que ela não era centrada no evangelho. Quando decidi sair, os membros reagiram com crueldade, em vez de amor, me constrangendo e deixando claro que eu iria para o inferno se não me confiasse a eles e ao seu modo de vida. Em pouco tempo, disse adeus à igreja e prometi jamais voltar. Não queria ter nenhum vínculo com a religião organizada.

Não era esse, porém, o plano de Deus. Seu plano transformaria meu entendimento da reconciliação.

Era o verão de 1998, pouco antes do meu segundo ano na faculdade. Eu seria líder de acampamento, como muitos outros jovens naquela época do ano, e teria até uma assistente. Disseram que o nome dela era Marcy.² Ela era loira, chegou ao acampamento com um de rabo de cavalo que balançava para lá e para cá, tinha os olhos azuis radiantes e uma personalidade animada e contagiante. Dava para perceber que ela era alguns anos mais nova do que eu. Não que fosse imatura — ela não era —; mas transparecia uma inocência que transbordava quando falava e interagia com os campistas.

Ela seria fundamental para a mudança do curso da minha vida.

Marcy e eu éramos o oposto extremo uma da outra. Eu era negra e ela branca. Eu estava no ensino médio e era estudiosa; Marcy tinha decidido sair prematuramente da escola para trabalhar em acampamentos. Mais tarde eu viria a descobrir que ela era de família razoavelmente bem de vida, enquanto minha família podia ser considerada de classe média baixa. O mais importante é que ela era cristã, e eu não, não mesmo.

Em nossa primeira noite no acampamento, Marcy se jogou sobre a cama, abriu a Bíblia e começou a ler em silêncio. Levantei a guarda imediatamente. “O que você está fazendo?”, perguntei. Ela disse que estava tendo seu “tempo devocional”.

Não fiquei nem um pouco animada ao ver a Bíblia aberta na cama dela. Até aquele momento, minha experiência com cristãos não tinha sido grande coisa.

Além da experiência dolorosa que tive na igreja quando estava no ensino médio, me lembrei de quando fui a uma Escola Bíblica de Férias com uma amiga e de

como as crianças me olhavam com estranheza. A professora praticamente ignorou as poucas crianças negras presentes. Quando nos reuníamos na igreja, ela punha a gente no fundo.

Naquela noite no acampamento, acabei contando a Marcy essas lembranças tristes. Já era bem tarde e nós duas chorávamos pelo que eu tinha passado na igreja e também pelos meus medos. Marcy compartilhou então comigo o evangelho da salvação.

Terminado o verão, Marcy e eu passamos a nos encontrar de vez em quando, mas precisei de algum tempo antes de concordar em ir à igreja com ela. Por fim, na primavera de 2000, depois de um noivado frustrado e da humilhação decorrente do pecado, visitei a igreja da Marcy, e fiquei.

Lembro-me daquele domingo de manhã como se fosse ontem. Enquanto cantávamos “Rocha eterna”, o Senhor começou a amolecer meu coração e a revelar sua graça para mim. Depois do culto, Marcy e duas outras pessoas oraram por mim e fui salva.

Jesus, o Reconciliador

Transcorrido algum tempo desde aquela experiência no domingo, li Efésios 2.8,9: “Porque pela graça vocês foram salvos por meio da fé, e isto não é obra de vocês, é um dom de Deus; não é resultado de obras, para que ninguém se vanglorie”. Pensei: É isso! Foi isso o que aconteceu. O Senhor não me salvou por causa de alguma coisa que eu fiz ou que poderia fazer um dia. Foi pela graça dele, seu dom gratuito, pelo seu poder! Eu precisava me reconciliar com Deus, e Jesus fez a obra de reconciliação (Rm 5.10,11).

O que me surpreendeu na minha amiga que compartilhou o evangelho comigo foi o fato de que ela não se importou que eu fosse negra, mais velha e líder de acampamento. Nada disso importou para ela. Ela evangelizava e gostava de compartilhar com outros que não eram como ela. Impelida pelo amor, partilhou comigo o evangelho, e isso mudou para sempre o curso da minha vida.

Serei sempre grata por esse contato cheio de amor. No entanto, não foi Marcy que me reconciliou com Deus. Ela foi um vaso usado pelo Senhor. No fim das contas, foi a obra de Jesus que tornou possível a reconciliação. É sua obra na cruz que permite nossa reconciliação uns com os outros.

Em todo o evangelho, Jesus se relacionava com pessoas diferentes dele, incluindo pessoas que talvez pudessem ser consideradas suas inimigas —

coletores de impostos, por exemplo, samaritanos, que eram odiados pelo povo judeu e vice-versa.³

Ele tinha coragem de partilhar, coragem a ponto de morrer na cruz por amor às almas. Com sua morte veio a reconciliação de todos os povos. Jesus rasgou o véu da hostilidade:

Pois ele é a nossa paz; em seu corpo, transformou os dois povos em um só e derrubou o muro de separação, ou seja, a hostilidade entre nós. Ele aboliu a lei com seus mandamentos e ordenanças, para que pudesse criar em si mesmo uma nova humanidade no lugar de duas, estabelecendo assim a paz, e pudesse reconciliar os dois povos com Deus em um só corpo por meio da cruz, condenando à morte essa hostilidade por meio dela. (Ef 2.14-16) Como Kristen explica mais detalhadamente no capítulo “A teóloga”, a realidade para o cristão é que já estamos espiritualmente unidos e reconciliados uns com os outros em Jesus Cristo. Nosso problema, e a dificuldade que temos, é que não vivemos na prática essa realidade. Contudo, além do nosso mútuo relacionamento, somos chamados a ser reconciliadores neste mundo.

O evangelho tem o poder de unir até mesmo as pessoas mais improváveis para a glória de Deus. “Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16).

Nosso chamado para a reconciliação

Depois que me tornei cristã, entendi que as coisas que meus pais me ensinaram na infância e adolescência e as formas pelas quais eu desejava estar unida aos outros como se fôssemos um só eram parte da graça comum, do impulso da imagem que carregamos. Meu pai ensinou suas filhas a amar e a perdoar quem nos havia feito mal. Ele nos ensinou que a unidade era possível e que todos os que participaram antes de nós do movimento de direitos civis haviam combatido um bom combate. Percebi que o anseio por amor, perdão, justiça e unidade eram reflexos do nosso Criador. E, logo que

aceitei a Cristo, o que antes fora para mim um mero desejo e busca social se tornou uma convicção reforçada pela Escritura.

Contudo, minha busca e meu anseio por reconciliação não ficaram mais tranquilos depois que me converti. Sob vários aspectos, ficaram mais difíceis, e a revelação do tanto que temos de caminhar quase me paralisou.

Faz alguns anos, escrevi um livro chamado *United: captured by God's vision of diversity* [Unidos: cativados pela visão divina da diversidade], em que apresento uma breve teologia sobre raça, dou meu testemunho e exponho as vantagens de amizades variadas.⁴ Com ele, entrei na conversa pública sobre raça entre os cristãos, e o fiz com uma pequena dose de ingenuidade. Embora soubesse que nossas igrejas eram em grande parte segregadas, eu não acreditava que essa divisão tivesse sido realmente impulsionada pelo racismo ou pelo pecado da parcialidade. Os poucos anos que se seguiram abriram meus olhos.

A maior parte dos cristãos que conheci estava satisfeita com o statu quo.

Descobri então que a conversa sobre raça mal havia alcançado a igreja.

Encontrei uma resistência que não esperava. Nem sempre, porém, foi uma coisa escancarada. Na maior parte do tempo, o clima parecia ser de muita apatia. No entanto, era real... e assustadora. Não podemos amar nosso próximo se não nos importarmos com seu sofrimento.

Os anos que se seguiram foram dolorosos à medida que eu percebia cada vez mais que a dor e o sofrimento de muitos negros e pardos não era a prioridade da igreja. Contudo, Deus foi bondoso comigo e me lembrou de que Gênesis

3

arruinou o relacionamento que tínhamos uns com os outros, e que isso continua a se manifestar de várias maneiras em questões que vão desde o problema racial, fatores socioeconômicos até o desafio de servir os que não têm nossa experiência e vivência. Todos teremos de nos esforçar para nos dedicarmos a alguém que não seja nós mesmos.

Na verdade, percebi que era preciso mais do que isso. Não podemos simplesmente ser reconciliadores sem primeiramente reconhecer que todos precisamos coletivamente de Jesus. Por isso, tive de fazer uma escolha: ser embaixadora de Jesus ou não. Este, creio eu, é o primeiro passo. Você e eu temos de entender que somos embaixadores, e como embaixadores representamos em palavras e ações alguém maior do que nós mesmos.

Nunca recebi o título de embaixadora. Já participei de grupos em número suficiente para saber que represento, não oficialmente, a organização, ou a igreja, ou minha família, por ser membro delas.

Como cristã, porém, tenho de fato esse título. A Bíblia nos diz que fomos reconciliados com Deus e, portanto, somos embaixadores de Cristo: “Deus está fazendo seu apelo por nosso intermédio” (2Co 5.20). Ganhamos um tesouro e somos chamados a compartilhá-lo, exibi-lo, conservá-lo e caminhar de acordo com ele. Ser embaixador ajuda a você e a mim a sermos reconciliadores. Ao reconhecermos essa nova realidade, faremos com avidez a obra do Senhor.

Contudo, antes que possamos realmente fazer a obra de embaixadores, precisamos compreender por que fomos chamados para fazê-la.

Como só me converti aos 22 anos, tive muito tempo antes disso para cair em pecado grave. Por isso, quando finalmente compreendi o evangelho, as palavras mais doces que ouvi eram as que me diziam que eu era uma nova criação. Todo aquele que coloca sua confiança e sua fé no Senhor é uma nova criatura (2Co 5.17). O passado ficou para trás. Isso é uma ótima notícia para uma pecadora como eu — e é uma ótima notícia para um(a) pecador(a) como você. E saber que tudo isso vem de Deus e que ele nos renovou com o sacrifício de Cristo, por meio de seu sangue, é sem dúvida uma graça maravilhosa (v. 19).

Ó que amor: “Em nosso favor, Deus fez pecado aquele que não conhecia nenhum pecado, para que nele pudéssemos nos tornar justiça de Deus” (v. 21). É

por causa dessa troca que cantamos “maravilhosa graça!”. A graça é verdadeiramente maravilhosa!

E assim, pelo entendimento que temos do evangelho, somos controlados pelo amor de Cristo (v. 14). O amor de Cristo nos motiva a ser embaixadores, o que leva a um ministério de reconciliação (v. 18). É o amor de Cristo que nos faz olhar para outros não de acordo com a carne, mas de acordo com o Espírito (v.

16).

As implicações da nossa fé e do nosso papel como embaixadores de Cristo mudam tudo na forma como vivemos. Ou, pelo menos, deveriam. Sabemos que vivemos em um mundo decaído, e sabemos que continuamos a lutar contra a carne. Somos tentados a recuar com medo, em vez de compartilhar o evangelho.

Somos tentados a guardar rancor de outros cristãos, em vez de vê-los como Jesus os vê. Às vezes, somos péssimos embaixadores.

Contudo, graças a Deus que o ministério da reconciliação se estende sobre nós muito além de nossa conversão inicial. Somos reconciliados com Deus, somos cordeiros com Cristo e, desse modo, clamamos por misericórdia e socorro enquanto trabalhamos pela reconciliação com outros no mundo. Não podemos e não devemos tentar pôr em prática nossa vocação mediante nosso próprio esforço. É em Cristo que nos gloriamos, é ele que nos dá a fé, a graça e a força para fazermos o que pede de nós. Somos embaixadores, nos tornamos reconciliadores motivados pelo amor e pelo temor do Senhor (v. 11).

Interagindo confiantes com a cultura de hoje Podemos como cristãos participar confiantes da obra da reconciliação porque não depositamos nossa confiança na carne. Sabemos que, sem Jesus, não podemos jamais fazer qualquer coisa que seja. É como Kristen nos lembra em seu capítulo: não somos fiéis às estruturas e aos sistemas, mas ao Senhor. Essa realidade nos liberta para trabalharmos a favor do nosso próximo, a participar da cultura pelo bem da sociedade e a falar a verdade em amor.

Uma coisa que ouço com frequência é que as pessoas têm medo de lidar com assuntos como orgulho étnico, preconceito e discriminação racial e o pecado da parcialidade porque não querem ofender os outros. Talvez tenham

cometido previamente um erro na forma de se expressar e com isso ofenderam os demais.

É o que ouço falar. Seria bom se fôssemos mais cuidadosos com as palavras, e eu me incluo aí. Falar a verdade em amor, porém, significa falar a verdade e ouvir caridosamente. Só então identificaremos as armadilhas do racismo e poderemos trabalhá-las nos sistemas, nas pessoas e em nosso coração.

Houve vezes em que me vi dominada pela paixão e pela ira e não pude interagir

com graça. Arrependo-me das duas coisas. Lembro-me de uma vez quando um homem escreveu um comentário depreciativo sobre um dos meus posts nas mídias sociais. Embora eu seja geralmente equilibrada e cuidadosa, deixei que o cansaço falasse por mim e revidei. Não me lembro exatamente das minhas palavras, mas sei que tentei fazê-lo parecer pequeno e tolo. Funcionou, mas não foi tão bom quanto imaginei que seria. Eu sabia que ele estava errado, e ele acabou se tocando disso também. Mas o estrago já estava feito. Ele nunca mais conversou comigo sobre o assunto do post, e acho que nunca mais conversará.

Interagir com a cultura exige coragem e comporta riscos, mas também há lugar para a graça e a paciência. Queremos falar a verdade, mas conscientes de que não sabemos o que a pessoa com quem estamos conversando passou ou vivenciou. Essa é a mesma postura que esperamos de outros para conosco.

Com relação à raça, fiz um esforço para pressupor que a maior parte das pessoas não foi exposta ao ensino bíblico sobre o assunto e talvez simplesmente ignore tanto os aspectos sociais do tema quanto seus princípios bíblicos. Não quis partir do pressuposto de que todos com quem dialogo estão mais cientes do assunto do que na realidade estão. Se partirmos da hipótese de que alguém simplesmente não conhece o assunto, nossa conversa será permeada de um maior entendimento e de mais paciência.

Outro aspecto que devemos ter em mente ao interagir com a cultura, um aspecto que nos ajudará a dialogarmos com mais confiança, é que sabemos

que fim esperar: Deus, o Reconciliador por excelência, está voltando e fará novas todas as coisas. Lembrar essa verdade descansa meu coração, porque sei que um dia toda a confusão terminará. Deus vai apagar tudo isso: sofrimento, tristeza, confusão, desânimo — e o pecado do racismo. Posso me alegrar sabendo que o pecado tem data de validade. Posso me empenhar em situações e debates complicados de boa vontade porque sei o final da história.

Se o objetivo derradeiro é falar a verdade em amor, é preciso que eu sonde meu coração. Será que amo as pessoas com quem interajo? Quero vê-las progredir no Senhor, ou simplesmente quero estar com a razão? Se disserem alguma coisa que machuque, vou trabalhar pelo perdão?

É preciso lembrar que ser reconciliador na igreja é importante para o cristão porque nosso amor pelo outro dá testemunho de Jesus perante o mundo (Jo 13.35). Portanto, quando pensarmos no mundo e em interagir com a cultura, não

devemos pensar que se trata apenas de algo “lá fora”. É importante a forma como nos relacionamos em torno desses tópicos. Se a igreja estiver dividida na questão racial — e está —, o que isso dirá ao mundo à nossa volta? O modo como procuramos nos reconciliar poderá resultar em vida ou morte para quem estiver nos observando. Isso é importante, e não devemos encarar levianamente nosso chamado.

O medo paralisa o diálogo

Um dos desafios que mais nos impedem de dialogar confiantes com a cultura é o medo. O medo pode nos paralisar porque receamos ser mal compreendidos, temos medo de ofender e medo da imagem que passamos. Infelizmente, há o receio também de que nossa associação com Jesus nos traga prejuízo, e não o bem.

O apóstolo Pedro sofreu desse medo paralisante. A história está registrada em Lucas 22.31-34. Jesus profetizara que ele o negaria três vezes. Alguns versículos adiante, Pedro faz exatamente o que Jesus lhe disse que faria. Não demorou praticamente nada para que se distanciasse do seu amigo e Senhor, que logo seria crucificado. Pedro teve três oportunidades de se redimir. Em

vez disso, mentiu três vezes. Não queria ir para a prisão com Jesus. Não estava disposto a seguir o Caminho.

Talvez tenhamos também a oportunidade de nos posicionarmos pelo que Jesus acreditava e nos ensinou, ou negá-lo. Quem sabe teremos também nossas oportunidades. Teremos então de nos perguntar se vamos nos curvar aos nossos medos ou se confiaremos no Deus vivo.

Servir nas áreas de reconciliação e de harmonia racial me deixa exposta a doses de sarcasmo e de racismo explícito maiores do que jamais teria experimentado se não tivesse começado a me comunicar pelas plataformas sociais ou se não viajasse para dar palestras. Lembro a primeira vez que um supremacista branco da extrema-direita me hostilizou online. Uma parte de mim não ficou totalmente surpresa, por causa do clima geral do país e da natureza das mídias sociais. E

outra parte se sentiu tomada pelo desespero e pelo medo. E se o agressor

anônimo fosse, na verdade, um membro da minha igreja ou o pai ou a mãe de uma criança que frequentava a escola de um dos meus filhos? Eu tinha de lutar com o que acreditava a respeito de Deus, o que sabia das pessoas e para o que Deus havia me chamado.

Na época, e em várias ocasiões depois, tive de lutar contra o medo e confiar em Deus para que ele trabalhasse em mim e por meio de mim. Seguir esse tipo de interação requer que nos submetamos ao poder do Espírito, clamando em oração, aprendendo a discernir quando falar e quando ficar quieta. Sob vários aspectos, para mim, isso significa ficar perto de Deus. Significa também procurar a colaboração de outros.

Segue uma breve lista de formas pelas quais o Senhor me levou a interagir de maneira prática.

1. Ore

Quase todas as palavras que digo e escrevo são precedidas de oração. Isso não significa que acerto sempre! Contudo, a oração tem me ajudado a ficar em paz com aquilo com que decidi trabalhar, sobretudo a questão racial. A

oração também me ajudada a amar meu próximo. É difícil odiar uma pessoa por quem você tem orado, e às vezes só a oração me impede de entrar em desespero. Deus faz uma obra milagrosa em nosso coração quando lhe entregamos nossos sofrimentos e tristezas. Quando Jesus disse que não poderíamos fazer nada sem ele, disse a mais pura verdade. Pela oração reconhecemos nossa fraqueza e dependência total do Senhor. A autossuficiência no ministério é uma tentação e, francamente, não deveríamos nunca nos lançar no ministério da reconciliação sem o Senhor.

2. Não se apresse em falar

Uma forma de fazer mais mal do que bem em qualquer situação consiste em ser rápido para falar e lento para ouvir. Recentemente, percebi bem o que isso significa, no rescaldo das “notícias de última hora”: quando mais uma tragédia ocorre, as pessoas disparam imediatamente a fazer comentários.

Os repórteres procuram o mais rápido possível obter as informações sobre um evento. Isso significa que eles, muitas vezes, informam sem antes ter a informação completa. É bom ter isso em mente quando discutimos qualquer coisa, e não ter pressa presumindo que sabemos todos os fatos, e sem pressa também para dizer algo com base em nosso conhecimento limitado ou, pior, em nossos pressupostos.

Por exemplo, quando ouvimos dizer que a polícia atirou em um negro desarmado, é correto e justo lamentar a perda de uma vida. É preciso cuidado, porém, para não supor imediatamente que “o homem deveria ter obedecido à ordem da polícia!” ou que “o policial é racista”. Quando todos os fatos vierem à tona, talvez seja necessário que nos pronunciemos, mas comentar prematuramente poucas vezes ajuda na causa da reconciliação. Pense no impacto que seria para a nossa cultura se primeiro chorássemos com os que choram.

Devemos também ser lentos na hora de interagir com alguém. Assumir uma postura de aprendiz e de ouvinte não será apenas vantajoso para a pessoa que está compartilhando, mas também dará a ela uma melhor oportunidade de responder de forma clara e eficaz. Toda vez que achei que sabia o que alguém ia dizer, ou o que a pessoa estava pensando, o desfecho nunca foi bom para mim.

No fim, sempre precisei me desculpar. Há um bom motivo para que Tiago nos instrua a sermos tardios para falar (Tg 1.19). Demorar a falar é um ato de amor pelo próximo e a nós mesmos.

Demorar a falar significa também refletir se devemos realmente falar. Nem tudo o que ouvimos e nem todo evento requerem uma resposta da sua parte ou da minha. Temos de pedir discernimento ao Senhor para saber do que participar e o que requer mais reflexão e oração. Sem dúvida, há ocasiões em que não falar nada seria irresponsável dependendo do seu papel e da sua vocação. Contudo, para a maioria de nós, esperar e orar talvez seja a melhor opção.

3. Procure relacionamentos reais de prestação de

contas e apoio

Não estou sozinha em uma ilha. Não estou tentando viver a fé sozinha no meu ministério. Estou ligada a uma igreja local em que me encontro regularmente com pessoas. Sou membro de uma organização na qual meus colegas me oferecem espaço para prestação de contas e apoio. Meu marido é um amigo e parceiro dessa prestação de contas no ministério. Partilho minha vida com pessoas que podem me ajudar, e me ajudam de fato, na medida em que eu interajo com a cultura à minha volta.

Em nossa cultura, o individualismo e o isolamento é a forma como muitos operam e vivem. Contudo, descobri que simplesmente não consigo funcionar bem sem fazer parte de uma comunidade que me ofereça espaço para prestação de contas e me dê apoio. Sem prestação de contas, eu poderia facilmente esquecer a missão para a qual Deus me chamou, ou cair na armadilha de interações inúteis e profanas. Sem apoio, poderia facilmente me tornar uma pessoa cínica e desesperada. Ao me envolver com outras pessoas, sinto-me fortalecida na razão do meu chamado, e isso me ajuda a me lembrar de que, no fim das contas, sou responsável perante Deus, que me ama apaixonadamente.

Participar de uma igreja local me ajuda principalmente a me lembrar de que o amor ao próximo e a interação com a cultura começam no lar. Para uma

pessoa que tem de lidar com frequência com assuntos complexos, é revigorante saber que há vida além das guerras culturais.

A reconciliação, a verdadeira reconciliação, exige um esforço que vai além de dizer simplesmente “desculpe” ou mesmo “não podemos nos entender?”. É

preciso morrer para o eu, resistir à apatia, avaliar a necessidade de reparação e buscar relacionamentos vulneráveis. Ser reconciliador significa espalhar a graça e estar aberto a outros de maneiras muitas vezes dolorosas e caras.

A reconciliação não é fácil e não acontece de uma hora para outra. A obra divina da reconciliação de uns com os outros exigirá não apenas nossa participação, mas também nossa paciência. Pode ser que a reconciliação só se complete com a volta de Jesus. No fim das contas, porém, terá valido a pena. A reconciliação final que Jesus trará será de uma glória tal que o sofrimento e as adversidades do nosso trabalho e o anseio que nutrimos parecerão tão insignificantes quanto a

sombra que passa. Confiados nessa esperança, encaramos as fraturas do nosso mundo como reconciliadores que somos chamados a ser.

1. Karen Grigsby Bates, “Rodney King comes to grips with ‘the riot within’”, NPR, April 23, 2012, disponível em:
<https://www.npr.org/2012/04/23>

150985823rodney-king-comes-to-grips-with-the-riot-within; acesso em: 14 maio 2021.

2. O nome verdadeiro dela não é Marcy, mas este será seu nome aqui.

3. Veja João 4.9, 8.48 e Lucas 9.51-56.

4. Trillia Newbell, *United: captured by God’s vision for diversity* (Chicago: Moody Publishers, 2014).



O PACIFICADOR

CLAUDE RICHARD ALEXANDER JR.

*Bem-aventurados os pacificadores,
pois serão chamados filhos de Deus.*

— *Mateus 5.9*

Quando eu era criança, ia à escola dominical. Meus colegas e eu tínhamos de decorar versículos da Bíblia. Começávamos com versículos pequenos e, com o tempo, progredíamos e passávamos a decorar vários versículos, e até

passagens inteiras, entre elas o salmo 23, o salmo 100, o Pai Nosso e as Bem-Aventuranças.

Desde então, ao longo da minha vida, fui incentivado, inspirado, convencido e desafiado por essas passagens da Escritura. Nos últimos dez anos, porém, nada me desafiou mais do que as Bem-Aventuranças.

Em Mateus 5, Jesus apresenta as expectativas de caráter de todos os que o seguem. Seus seguidores serão abençoados quando manifestarem certas características. Nas primeiras quatro características — nas quais se incluem os pobres de espírito, os que choram, os mansos e os que têm fome e sede de justiça

— há o reconhecimento de uma necessidade. Com essas características vêm as bênçãos prometidas do reino de Deus: o consolo divino para lidar com a dificuldade em questão, a terra recebida como herança e o enchimento de Deus e por Deus. Jesus descreve então as características que decorrem desse enchimento: misericórdia e pureza de coração. As bênçãos prometidas correspondentes consistem em receber misericórdia e ver a Deus. Em seguida, há uma bênção final: os que serão chamados de filhos de Deus. Esses são os pacificadores.

Jesus recorre a duas compreensões vigorosas de paz. No Antigo Testamento, o

termo hebraico para paz é shalom.¹ Significa completude, bem-estar, presença daquilo que é bom e positivo. O termo faz alusão à plenitude de vida que resulta no contentamento. No Novo Testamento, o termo grego para paz é eirene.² O

termo também faz referência a um estado de repouso e de ausência de perturbação.

Esse bem-estar, esse estado de repouso e de completude, vem de Deus, em quem reside a paz. Absoluto e eterno, Deus é completo e imperturbável em si mesmo.

A criação refletia a princípio essa completude, esse bem-estar. Tudo era bom em si e por si mesmo. O mundo natural estava em repouso. A humanidade

estava em repouso. Adão e Eva estavam em repouso em si mesmos, um com o outro, e com Deus.

Esse estado essencial de completude e de bem-estar foi subvertido pela Queda.

Com ela, a inquietação penetrou todos os níveis do mundo criado. Contudo, Deus permaneceu em paz consigo mesmo e pôs em movimento os meios pelos quais a paz seria introduzida em sua criação. Em Juízes 6.23,24, Deus falou de paz a Gideão, que então erigiu um altar e o chamou de Yahweh Shalom (“o Senhor é paz”). Os filhos de Coré testemunharam da paz de Deus em Salmos 85.8

dizendo: “Deixe-me ouvir o que Deus, o Senhor, falará, porque ele falará de paz ao seu povo, aos seus fiéis”.

Essa paz de Deus é invencível e excelente. Paulo diz que ela ultrapassa todo entendimento (Fp 4.7). É um bem-estar no meio do inconcebível, do inimaginável e do inexplicável. Foi o estado de ser que levou H. G. Spafford a escrever quando cruzou o Atlântico para resgatar os corpos de suas quatro filhas mortas em um naufrágio: “Quando a paz como um rio acompanhar meu caminho; quando a tristeza se insurgir como as ondas do mar, qualquer que seja meu destino, tu, Senhor, me ensinaste a dizer: Está tudo bem com minha alma”.³

Jesus, porém, não disse: “Bem-aventurados os que recebem a paz”. Ele não disse: “Bem-aventurados os que amam a paz”. Tendo conhecimento de que Deus faria a paz conosco e dentro de nós, Jesus nos chamou para sermos pacificadores.

Pode-se ver também a importância de ser pacificador pela forma como Jesus organizou as Bem-aventuranças. Se não formos mansos, jamais assumiremos a responsabilidade de promover a paz. Nós nos veremos como pessoas com o direito de que façam a paz conosco, e não como pacificadores. Nossa expectativa

será a de uma paz celebrada para nós e não por nós. Contudo, quando há humildade diante de Deus, e a compreensão de sua ação misericordiosa para

nos reconciliar com ele, há disposição para assumir a responsabilidade e a iniciativa de levar a paz e estendê-la a outros.

A bênção para o pacificador é a sétima bem-aventurança. Sete é o número bíblico da totalidade. Jesus estaria sugerindo, na organização das Bem-aventuranças, que a vida cristã só estaria completa se houvesse efetivamente uma atitude de pacificação? A vida do crente em sua totalidade se vê pelo que ele faz e pelo que faz acontecer. Os seguidores de Cristo não são chamados para consumir; eles são chamados para contribuir. Não são identificados pelo que se faz para eles; mas pelo que fazem. Isso se aplica principalmente à paz. Deus desafia constantemente seu povo para que seja um povo pacificador. Em Salmos 34.14, há uma advertência: “Afaste-se do mal e faça o bem; busque a paz e nela persista”. Em Jeremias 29.7, o Senhor disse aos exilados da Babilônia: “Mas busquem o bem-estar da cidade para onde os exilei”.

O chamado individual para a pacificação é um chamado para aceitar a responsabilidade de promover a paz. Como tal, o chamado é para que sejamos pessoalmente responsáveis por trabalhar pela paz, para que ela seja sentida e encontrada. Trata-se de acatar a ordem individual de viver e de interagir de tal modo que resulte em completude e bem-estar.

Portanto, o chamado à pacificação também é um chamado para que tomemos a iniciativa. Os seguidores de Cristo não devem esperar que de algum modo a paz seja feita. Cabe-nos trabalhar para produzir a paz. O termo para pacificador significa literalmente “aquele que traz a paz”, ou seja, o pacificador deve estar disposto a dar o primeiro passo para que haja paz.

Em uma sociedade caracterizada pelo ruído, pelos conflitos, turbulências, inquietações, violência e intranquilidade, o chamado à pacificação também é um chamado à paz cultural. Os seguidores de Cristo devem permitir que a paz dentro de nós infecte e influencie nosso entorno, para que reflitamos e retransmitamos propositalmente a paz a outros. Como disse Etty Hillesum: “Em última análise, temos apenas um dever moral: reaver grandes áreas de paz em nosso interior, cada vez mais paz, e refleti-la para outros. E, quanto mais paz houver em nós, mais paz haverá também em nosso mundo conturbado”.⁴

Em Hebreus 12.14, o autor nos adverte: “Busquem a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor”. Temos de perseguir a paz como se estivéssemos à caça dela. Promover a paz é trabalho e esforço. É um trabalho para estabelecer as relações certas com e entre as pessoas, para viver com e entre outros de tal modo que se sintam mais tranquilos, mais descansados na sua presença do que longe de você.

Esse chamado à pacificação não é um chamado para que se fuja de certas questões ou se procure evitá-las; é um chamado a enfrentá-las e a vencê-las.

Pacificar exige que lidemos com as forças e fatores por trás da intranquilidade, da inquietação e da ausência de bem-estar. Promover a paz e se empenhar pela justiça são coisas intimamente relacionadas. A desigualdade e a injustiça enchem de tensão, hostilidade e violência as comunidades e até mesmo as nações. Os promotores da paz, portanto, não podem evitar as questões relativas à iniquidade, à injustiça e à parcialidade. Isso significa entrar na briga para garantir igualdade de educação, moradia e emprego. Significa manifestar solidariedade posicionando-se contra o tratamento injusto e a força excessiva da polícia.

Significa assegurar a dignidade da imagem de Deus em todos, defender o mesmo tratamento garantido pela lei a todas as pessoas, bem como reparar os erros cometidos contra alguém.

Promover a paz é contracultural. Em um mundo em que impera a concorrência, Jesus chama seus seguidores para que vivem de forma colaborativa. Eugene Peterson traduz da seguinte maneira Mateus 5.9: “Abençoados são vocês que conseguem mostrar como cooperar em vez de brigar ou competir” (The Message). Jesus disse essas palavras aos que sofriam marginalizados e subjugados pela ocupação romana. Nesse contexto, essas palavras foram — e são — surpreendentes.

Contudo, promover a paz não é apenas entre indivíduos e entre culturas. É também algo interno. Não chegaremos a um acordo com outros se não tivermos chegado a um acordo com nós mesmos. Portanto, promover a paz requer uma compreensão apurada das questões não resolvidas em nós, de

modo que curemos nossas feridas e possamos então oferecer e consolidar a completude para os outros. A primeira pessoa com quem você deve celebrar a paz é com você mesmo.

Esse é o desafio de toda a minha vida. Em 1970, eu estava no segundo ano do primário em Jackson, no Mississippi, onde o racismo ainda era um grande problema. Em 1969, minha mãe e eu tínhamos nos mudado de Washington,

D.C., para Jackson, e ela se casou com o homem que me criaria. Para fugir de algumas dificuldades impostas pela segregação e aproveitar os excelentes programas do sistema escolar católico, meus pais me matricularam em uma escola católica. Eu era o único negro da minha turma. Foi ali que me xingaram pela primeira vez de n**ger.⁵ Não conhecia a palavra nem sabia seu significado.

Sabia apenas que o tom usado pelo meu colega era ofensivo e que as outras crianças, que eram brancas, riam. Dizer que aquilo me machucou seria um eufemismo. O sentimento de dor, isolamento, vergonha e até traição era profundo. Antes daquele dia e daquela experiência, eu achava que o colega que dirigira aquela palavra contra mim era meu amigo. Quando fui para casa e contei à minha mãe o que havia acontecido, vi em seu rosto uma expressão inesquecível de ira, tristeza e perplexidade.

Ela havia tentado me proteger de algo inevitável. Ela se perguntou como poderia me explicar não apenas o termo, mas também a realidade por trás dele, de um modo que pudesse aliviar inicialmente a minha dor, reforçar minha autoestima, me dar coragem para prosseguir e apaziguar minha raiva. Ao me explicar, ela procurou preservar uma possível ingenuidade por parte do meu colega, dizendo que ele usou um termo que ouvira outras pessoas usarem, mas cujo sentido provavelmente desconhecia. Ela falou sobre racismo e como aquilo era algo que não tinha origem em mim, mas nos outros. Ela me falou do Dr. Martin Luther King Jr. Por mais inteligente que fosse sua resposta, não posso dizer que suas palavras tenham me libertado da dor e da ira que sentia. Ainda havia dentro de mim um conflito que não me permitia ver meu valor interno, tampouco eu conseguia ver meu colega e aqueles que riram sob um ângulo positivo.

Acordei para o racismo e para os efeitos devastadores de ser a única pessoa de cor em um ambiente hostil. Aos sete anos, tinha criado estratégias para sobreviver emocional e psicologicamente, bem como para ser bem-sucedido na escola. Uma dessas estratégias foi cultivar uma imaginação ativa. Notei que meus colegas gostavam de Johnny Quest, um desenho que passava na tevê. O

melhor amigo de Johnny era Haji, um dos poucos personagens de cor dos desenhos animados. Aos sete anos, não sabia que Haji era indiano. Para mim, ele era uma pessoa negra como eu. Disse então aos meus colegas que Haji era meu primo. Fui imediatamente aceito. A mensagem sutil, porém contundente, era que a proximidade com Haji me tornava aceitável. Para os meus colegas, Haji não era uma pessoa de cor qualquer; ele era uma pessoa de cor especial. Minha aceitação se baseou na proximidade com alguém que era de cor, porém especial.

Essa é a pressão que se coloca ainda hoje sobre muitas pessoas de cor,

especialmente afro-americanos: é preciso ser excepcional para ser tratado como igual.

Sobrevivi àquele ano e fui colocado em uma escola primária católica praticamente só de negros. Depois, fui para uma escola católica multiétnica onde fiz também o ensino médio. Encontrei ali novamente meu colega do segundo ano. Embora nenhum de nós mencionasse o episódio, eu não havia esquecido.

Depois de me reconciliar com sua provável ignorância na época e com minha dignidade e valor próprios, passamos a nos tratar cordialmente. Mais tarde, tive seu apoio e o de muitas crianças que riram de mim no segundo ano, ao me tornar o primeiro negro eleito para a vice-presidência do corpo estudantil da escola.

A segunda experiência de superação de mágoa que tive se estendeu durante alguns anos e diz respeito ao meu pai biológico. Quando eu tinha dois anos, meus pais biológicos se separaram. O relacionamento com meu pai na infância foi muito distante. Na adolescência, comecei a questionar sua falta de apoio.

Embora tivesse notícias de minha avó e tia paternas, e recebesse cartões de aniversário e de Natal delas, ele nunca me mandou nada. Na época, meu pai tinha um bom salário como autor técnico de uma empresa do setor de defesa na região metropolitana de Washington, D.C. Acabei induzindo minha mãe a entrar com uma ação judicial requerendo pensão alimentícia. Não que eu precisasse.

Era uma questão de princípios. Eu era filho único. O processo exigiu que eu fosse ao tribunal no verão de 1979. Tinha quinze anos e estava agora no ensino médio. No dia da audiência, aguardei no corredor do lado de fora da sala do tribunal a sessenta centímetros do meu pai. Ele não me reconheceu.

Embora fizesse dois anos desde a última vez em que eu o vira, eu não tinha mudado tanto assim. Durante o julgamento, era tudo tão surreal que fiquei atordoado. Não podia acreditar que meu pai biológico, cujo nome eu herdara, não só não tinha me reconhecido como resistia à ideia de dar algum tipo de ajuda financeira ao filho. No fim, o processo judicial não deu em nada de substancial.

No ano seguinte, passei por uma depressão terrível, a ponto de pensar em suicídio. Escrevi uma carta ao meu pai falando do meu sofrimento. Ele nunca me respondeu.

Nesse tempo, Deus me revelava um chamado para o ministério. Felizmente, tive o apoio de um professor de inglês do ensino médio, do meu pastor e de dois tios que também eram pastores. Eles me ajudaram a discernir a voz de Deus. Nesse processo, senti de forma real e tangível o amor, o cuidado e o propósito de Deus.

Durante o verão de 1982, quando estagiava no Congresso, em Washington, minha avó paterna pediu que eu almoçasse com ela. Ela me contou então que meu pai tinha se casado novamente e que ela e meu pai queriam que eu conhecesse sua nova família. Senti um misto de espanto, raiva e tristeza porque meu pai nem sequer pensou em falar comigo antes de se casar de novo e porque não teve coragem de me contar pessoalmente. Concordei em encontrá-lo na noite seguinte. Na véspera, porém, a noite toda e durante boa parte do dia, houve uma batalha dentro de mim. Ir em frente ou cancelar, partir para a guerra ou para a conciliação: era esse o tipo de polarização que

deixava transtornada uma cabeça de dezoito anos. Naquela noite, a caminho da casa da minha avó, uma coisa não natural ou sobrenatural aconteceu. Uma calma me sobreveio. Quando entrei na casa da minha avó, a esposa do meu pai me cumprimentou, uma mulher extraordinariamente bela com um sorriso nervoso. Nossa sintonia foi imediata.

Ela era do tipo alegre e tranquilo. Em seguida, fui apresentado aos seus três filhos, com os quais teria um bom relacionamento no futuro. Nos oito anos que se seguiram, essa nova família seria o meio pelo qual meu relacionamento com meu pai biológico seria sanado. Essa reconciliação seria crucial, já que ele viria a se separar da esposa e adoeceria gravemente. Em 2008, mudou-se para Charlotte, onde viveria até morrer em julho de 2013.

Outras experiências também me obrigaram a superar mágoas e a promover a pacificação. Foram várias as vezes, mais do que eu gostaria, que os casos de racismo explícito e implícito me fizeram sofrer e fizeram sofrer também aos que amo. Ainda acontece de eu ser seguido pelo segurança quando entro em uma loja, ou de ser confundido com um empregado quando me hospedo em um resort. Quem dera experiências assim fossem limitadas aos Estados Unidos.

Infelizmente não são. Em uma recente parada em Londres, fui até o clube da companhia aérea onde tenho status executivo. Depois de apresentar meu cartão do clube, meu passaporte e o cartão de embarque, pedi uma cópia em papel do cartão. Não era um pedido fora do comum. Já fiz isso várias vezes. Fora do comum foi a pergunta que me fizeram. Perguntaram de onde eu estava vindo, qual era o meu meio de transporte, minha profissão, onde trabalho, quem era meu supervisor e quem era meu subordinado imediato.

Em meio a tudo isso, vi que não perguntavam nada às outras pessoas no check in nem mesmo quando elas pediam uma cópia do cartão de embarque. Fiquei calmo, peguei meus documentos e fui me sentar na sala de espera da companhia.

Ao me acomodar, uma pergunta me veio à mente: “Será que existe outro lugar, fora a África e o Caribe, aonde eu possa ir sem que me vejam como um

ni**er?”. Se não fosse pelo evangelho de Jesus Cristo, com a raiva que eu sentia, poderia muito bem radicalizar. Quando penso em tudo isso, fica claro que superar as mágoas e promover a paz só pode ser resultado de um encontro sobrenatural com Cristo. A resposta natural de quem é ferido é ferir também. É

para nos preservar que atacamos a pessoa que nos infligiu o sofrimento, ou nos afastamos dela. Não é natural desejar tudo de bom e o bem-estar de uma ou mais pessoas que tenham nos magoado. É preciso coragem moral e força espiritual para desafiar a força do rancor e o desejo de recriminar. Minha relação com Cristo me deu os meios pelos quais a dor, a tristeza e a ira foram vencidos. É por meio dele que tenho sido capaz de desafiar a força da amargura, de buscar o bem e de promover a paz. A revelação de Cristo como Aquele que “tomou sobre si nossas enfermidades e levou sobre si as nossas dores” (Is 53.4) me deu o bálsamo necessário para o coração, a mente e o espírito. Seu amor por mim é o que me constrange e me impele a promover a paz na cidade de Charlotte e no mundo.

Para os que encaram o desafio de promover a paz, existe a promessa de “sermos chamados filhos de Deus” (1Jo 3.1). A palavra chamados aqui significa ser aceito e reconhecido. A promessa para o pacificador é a de ser reconhecido como filho de Deus. Os filhos refletem os pais fisicamente e com suas atitudes. Em novembro de 2017, o vídeo de um garotinho de dez anos que usou o rosto para desbloquear o iPhoneX da mãe, equipado com recurso de reconhecimento facial, cativou o mundo. O garoto se parecia tanto com a mãe que se passou por ela.

Deus quer que nos pareçamos tanto com ele que o mundo veja Deus em nós.

O reflexo de Deus não aparece apenas em nossa adoração. A adoração é a atividade da criação de Deus em resposta a ele. Refletimos Deus por meio da busca das coisas que ele busca e pela demonstração do seu caráter em nós no mundo. Ao levarmos a paz e ao promovê-la, demonstramos e refletimos a natureza e o caráter de Deus Pai.

Foi o que se passou com Nadine Collier, filha de Ethel Lance e irmã de Myra Thompson, quando ela levou a paz a Charleston, na Carolina do Sul, depois de perdoar Dylann Roof. Após sofrer as perdas mais terríveis nas

mãos de Roof, cujas motivações explicitamente racistas deixaram tensos a cidade de Charleston e o país, os membros dessa família, e outros, optaram pela paz por meio do perdão, em vez de incitar a hostilidade decorrente da ira. Ao fazê-lo, refletiram a natureza e o caráter de Deus e foram reconhecidos como filhos dele.

O próprio Deus age como pacificador. Ele o faz porque se vê a si mesmo como pacificador. Deus é o Deus da paz. A paz vem dele. Nos pacificadores Deus vê o reflexo do seu Filho, o unigênito do Pai, Aquele sobre quem Isaías profetizou:

“Pois um menino nos nasceu, um filho nos foi concedido; a autoridade repousa sobre os seus ombros, e ele será chamado: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Sua autoridade crescerá continuamente e haverá paz sem fim para o trono de Davi e seu reino. Ele o estabelecerá e sustentará com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso” (Is 9.6,7).

A paz que Jesus trouxe assumiu muitas formas. Ele trouxe a paz ao meio ambiente. Em Marcos 4.39, quando o mar açoitado pela tempestade ameaçava a vida dos seus discípulos, Jesus despertou do sono e disse ao vento e às ondas:

“Acalme-se! Aquiete-se!”. Jesus também trouxe paz existencial. Em Marcos 5.1-15, ele encontrou um homem atormentado por uma multidão de demônios, em guerra consigo mesmo, em conflito com a comunidade e entregue à destruição de si mesmo e da comunidade. Jesus expulsou os demônios dele e o transformou em uma pessoa que agora estava assentado, estava em paz, tranquilo, “vestido e em perfeito juízo”.

Jesus disse que essa paz era a sua paz. Em uma sala onde os discípulos estavam tomados de inquietação, ele disse: “Deixo-lhes a paz, a minha paz lhes dou. Eu não lhes dou como o mundo a dá. Não deixem o seu coração se perturbar nem tenham medo” (Jo 15.27). Mais tarde, Jesus lhes disse: “Eu lhes tenho dito essas coisas para que em mim vocês tenham paz. No mundo vocês enfrentarão perseguição. Mas tenham coragem; eu venci o mundo!” (Jo 16.33).

Acima de tudo, Jesus trouxe paz eterna. Pela sua morte e ressurreição, temos a segurança de Romanos 5.1,2: “Portanto, uma vez que fomos justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos também acesso a esta graça em que estamos firmes”.

É por meio de Cristo que você e eu ouvimos o chamado da pacificação. Paulo apresentou a base para a pacificação e sua promessa gloriosa em Efésios 2.14-18:

Pois ele é a nossa paz; em seu corpo, transformou os dois povos em um só e derrubou o muro de separação, ou seja, a hostilidade entre nós. Ele aboliu a lei com seus mandamentos e ordenanças, para que pudesse criar em si mesmo uma nova humanidade no lugar de duas, estabelecendo assim a paz, e pudesse reconciliar os dois povos com Deus em um só corpo por meio da cruz, condenando à morte essa hostilidade por meio dela. Então ele veio e proclamou a paz para você que estavam longe e a paz para aqueles que estavam perto; pois por meio dele ambos temos acesso ao Pai em um só Espírito.

Assim, podemos sair com confiança e, seguindo nosso Senhor, promover a paz.

1. James Strong, *A concise dictionary of the words in the Greek Testament and the Hebrew Bible* (Bellingham, WA: Faithlife, 2009), vol. 2, p. 115.
2. Strong, *Concise dictionary*, vol. 1, p. 25.
3. Kenneth W. Osbeck, *Amazing grace: 366 inspiring hymn stories for daily devotions* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1996), p. 202.
4. ETTY HILLESUM, *ETTY HILLESUM: AN INTERRUPTED LIFE; THE DIARIES, 1941—1943, AND LETTERS FROM WESTERBORK*, tradução para o inglês de Arnold J. Pomerans (New York: Metropolitan Books, 1983), p. 218.
5. Forma pejorativa de se referir aos negros nos Estados Unidos. (N. do T.)
6. Elahe Izadi, “The powerful words of forgiveness delivered to Dylann Roof by victims’ relatives”, *Washington Post*, June 19, 2015, disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2015/06/19/hate-wont-win-the-powerful-words-delivered-to-dylann-roof-by-victims-relatives/>; acesso em: 15 maio 2021.



CONCLUSÃO

JOHN INAZU E TIMOTHY KELLER

Como observamos na introdução, vivemos em uma cultura que carece de um entendimento compartilhado do bem comum. Por trás de nossas discordâncias sociais, religiosas e políticas, há diferentes entendimentos do que seja a autoridade moral, a natureza humana e até mesmo de percepções da realidade. E, de acordo com o que algumas gerações passadas mostraram,

não resolveremos essas diferenças por meio de apelos pragmáticos e racionalistas. O que é

“pragmático” depende do que se entende por uma vida boa. O que é “racional”

pressupõe respostas a perguntas sobre a natureza da verdade e da razão.¹

Esses desafios deverão aumentar. Muitos de nós vamos deparar com grandes diferenças em nosso cotidiano em razão do crescente pluralismo religioso, do aumento do número de não crentes, do crescimento da desigualdade de renda e da migração para as cidades e outras áreas densamente povoadas. Outros se recolherão ainda mais em seus enclaves e câmaras de eco. Este último desafio é particularmente grave on-line. A menos que nos esforcemos deliberadamente para fazer o oposto, nossas experiências on-line serão cada vez mais definidas por grupos que reforçam convicções não contestadas, por feeds especialmente selecionados que manipulam nossos pressupostos emocionais, e por histórias e imagens que nos transportam quase que literalmente para realidades alternativas.²

Neste contexto cultural, alguns cristãos americanos estão passando por uma profunda desorientação. Durante séculos vivemos em uma sociedade que pressionava socialmente as pessoas para que fossem à igreja e que continha, de modo geral, instituições morais definidas pela Bíblia. Essa sociedade está desaparecendo rapidamente. Algumas mudanças são boas: havia pressões sociais para que nos conformássemos com as normas cristãs americanas que eram, em geral, normas brancas, ignorando, na melhor das hipóteses, injustiças raciais e de outros tipos e, na pior delas, reforçando-as. A perda de um consenso moral presumido permite lidar com pontos cegos na igreja americana. Mas também é

verdade que os pressupostos partilhados sobre moralidade e religião facilitaram a linguagem e práticas comuns que permitiram à igreja contribuir com o bem da sociedade de modos que serão mais difíceis na ausência dessas normas partilhadas.

Em meio a essas realidades atuais e futuras, o cristão é chamado a viver e a agir no mundo na confiança e na esperança de Jesus Cristo. Temos a garantia

de um

“futuro com esperança” quando buscamos amar o nosso próximo em prol do bem-estar comum de todos (Jr 29.7,11). De fato, é possível encontrar um número maior de oportunidades para um testemunho significativo. A igreja muitas vezes deu um testemunho mais fiel quando lhe faltou poder político do que quando buscou uma posição de controle.



Quando pedimos a dez cristãos que escrevessem sobre como viviam na prática sua fé em vários campos da cultura neste momento histórico, não sabíamos o que diriam. Agora que falaram, observamos temas que lembram o chamado de James Davidson Hunter para uma “presença fiel”.³

Para compreender o sentido da presença fiel, Hunter primeiramente explica o que ela não é ao criticar três respostas comuns da igreja à cultura. A primeira delas é resposta “Defensiva” (que busca o domínio cristão sobre a sociedade por políticos ou por outros meios); a segunda, “Pureza” (que a faz recuar para enclaves protetores) e, por fim, “Relevância” (pela qual ela se adapta às prioridades e aos valores da cultura em um esforço de conquistar o

favor).⁴ A estratégia “Defensiva” é uma estratégia de conquista. Ela não sabe como declarar de modo humilde e criterioso o que é bom na cultura mesmo quando a critica. A estratégia de “Pureza” se isola da cultura em geral. As duas preservam algumas convicções e práticas históricas, porém ambas são incapazes de se aproximar do mundo com uma atitude de amor e serviço. A estratégia de

“Relevância” se adapta excessivamente às tendências sociais, falhando ingenuamente em compreender a natureza da cultura e seus pontos de tensão com o evangelho. Hunter diz que a igreja que adota essa beligerância, esse recuo ou essa concessão “não florescerá em si mesma e nem servirá” à nossa vida em comum.⁵

Quais seriam então as práticas positivas correspondentes à presença fiel? Se repassarmos os capítulos deste volume, veremos que os autores não apenas evitaram cada uma dessas atitudes equivocadas em relação à nossa sociedade, mas também apontaram outras práticas possíveis. Com que se parece efetivamente a presença fiel? Apresentamos a seguir quatro práticas que podem nos dar um princípio de resposta.

Em primeiro lugar, o cristão não deve se identificar exageradamente com qualquer partido político ou plataforma. Isso não significa que seja errado ser Democrata ou Republicano (ou independente, ou membro de algum outro partido). Viver no mundo significa, em parte, fazer escolhas responsáveis que permitam viver e trabalhar nas instituições humanas. Contudo, é preciso que o cristão também esteja atento a qualquer identidade que exija primazia em relação à sua identidade de cristão. Kristen Deede Johnson nos remete a Cidade de Deus, de Agostinho, que nos exorta a não identificarmos o reino de Deus com qualquer polis. A autora confessa que, quando jovem, “minhas convicções cristãs e

políticas não estavam [...] integradas”. Pelo contrário, elas estavam “isoladas uma da outra, cada uma delas definida por influências distintas”.

Essa descrição se aplica a muitos cristãos hoje. Vivemos em uma cultura cada vez mais secular, do tipo que aliena nossa fé no transcendente e procura justificar todas as ações em um “arcabouço imanente”. A política de esquerda e a de direita se distanciam, de diferentes maneiras, do relato

bíblico em que as pessoas são apresentadas como seres decaídos, mas que podem ser redimidas porque são portadoras da imagem de Deus. Contudo, dificilmente o cristão que se deixa levar pela política progressista (segundo a estratégia de “Relevância”) ou pela política conservadora (segundo a estratégia “Defensiva”) enxerga isso ou admite que isolou suas convicções bíblicas de suas perspectivas políticas. Muitas vezes, essas perspectivas estão enraizadas na polis terrena, e não na Cidade de Deus.

De igual modo, o cristão americano branco terá de se aclimatar a certa perda de poder e de privilégio. O capítulo escrito por Tom Lin apresenta uma perspectiva útil a esse respeito. Como filho de imigrantes asiáticos, ele passou os anos de sua juventude em “dissonância cultural”, incapaz de se encaixar completamente na cultura americana tradicional ou na cultura asiática. Ele compreendeu então que todos os cristãos deveriam viver como “estrangeiros residentes” em qualquer cultura. Nós, cristãos americanos brancos mais velhos, em especial, podemos aprender com as vozes cristãs mais jovens, não brancas, na igreja americana — e também na igreja mundial. É importante ressaltar que parte dessa aprendizagem implica abrir mão do controle e estar disposto a ser guiado por outros. Implica também partilhar recursos e plataformas, em vez de presumir que os modelos antigos e familiares de ministério serão sempre os corretos. Em alguns segmentos da cultura evangélica, isso significa repensar normas e pressupostos há tempos em vigor.

Em segundo lugar, o cristão deve se aproximar da comunidade em seu entorno com uma atitude de amor e serviço. Embora a estratégia “Defensiva” muitas vezes se concentre na recuperação do poder perdido, e a estratégia de “Pureza”

tema a perda da santidade por causa do contato excessivo com o mundo não cristão, os capítulos deste livro mostram cristãos se derramando em favor das comunidades à sua volta. Sara Groves mostra como sua comunidade na Art House North, em St. Paul, Minnesota, atua como centro de arte para todo o bairro. A Art House North incorpora sua convicção, adquirida de Mako Fujimura, de que a cultura é um jardim a ser cultivado, e não uma guerra a ser ganha ou perdida. Essa abordagem nem sempre será fácil. Muitas vezes, nossa

interação com o mundo será vista com suspeita. Rudy Carrasco constatou que o ministério Harambee era visto com suspeita tanto por parte de grupos seculares da comunidade, atentos à sua mensagem explicitamente cristã, quanto por grupos cristãos conservadores que não simpatizavam com sua orientação que privilegiava a justiça. Contudo, a suspeita e a desconfiança de outros não devem nos desencorajar da obra para a qual fomos chamados.

Em terceiro lugar, o cristão deve ter em mente que o evangelho subverte histórias concorrentes e relatos da realidade. Como diz Hunter, é bastante perigoso tentar se adaptar muito à cultura em um esforço de parecer relevante.

Quando isso acontece, o evangelho do amor incondicional de Jesus fica reduzido simplesmente a outra forma de ajuda à autoestima. Hunter diz que, em última análise, essa abordagem é superficial — ela não faz diferença entre a história do mundo narrada na Bíblia e outros relatos da realidade. Os versículos da Bíblia sobre justiça podem se transformar em textos de prova de uma identidade política que tira do centro nossa identidade fundamental de seguidores de Jesus.

Tish Harrison Warren apresenta um estudo de caso. A administração de uma universidade disse que todos os grupos cristãos do campus que exigissem uma profissão de fé na Bíblia estariam incorrendo na prática de “discriminação”, já que a universidade acolhia com objetividade, abertura e de forma inclusiva todas as perspectivas. O compromisso de Tish com a verdade e a compaixão lhe possibilitou escrever mostrando que negar a importância da doutrina religiosa é, em si mesmo, uma doutrina, uma visão muito particular da verdade e do valor moral que estava sendo imposta. O “achatamento das diferenças” entre as religiões era a negação do mesmo “pluralismo resoluto” que a universidade alegava estar promovendo.⁷

O capítulo escrito por Lecrae explica de que modo o cristão pode usar o evangelho como uma contranarrativa para subverter as histórias dominantes em sua comunidade, mas, ainda assim, atender às melhores aspirações dessa comunidade. Ele descreve as histórias conflitantes sobre os massacres de jovens negros pela polícia. Para uma narrativa, a juventude urbana é vítima de malfeitores: as forças sociais e a polícia. A outra narrativa inverte os papéis: a polícia aparece como vítima das circunstâncias, e os jovens, como

vilões. Lecrae diz que, diferentemente de todas as demais tramas, o evangelho nos lembra de que o ser humano é sempre simultaneamente um pecador culpado e um portador da imagem de Deus. Os atores de ambos os lados de muitos desses incidentes são a um só tempo vítimas das forças sociais e transgressores. A vilania e o

heroísmo humanos estão sempre misturados, nunca são puros. Como diz Lecrae:

“O único herói verdadeiro é Jesus, que tem poder de restaurar os corações partidos e reparar as infraestruturas corrompidas pelo pecado”.

Em quarto lugar, como descrevemos mais detalhadamente na introdução, o cristão deve se aproximar das pessoas com humildade, paciência e tolerância.

Vemos esses princípios relacionais materializados no capítulo de Shirley Hoogstra sobre a construção de pontes em busca de um território comum, em meio a diferenças de gestão contenciosas, e nos capítulos de Trillia Newbell e Claude Alexander sobre reconciliação e pacificação. Podemos também ver essas ideias em ação na análise introspectiva de Warren Kinghorn sobre a cumplicidade de sua família com a injustiça e na crítica à sua profissão de psiquiatra. O equilíbrio entre abertura à crítica e amor e respeito por aqueles que têm pontos de vista opostos surgem com destaque ao longo das páginas dessas histórias.

De que modo o cristão lida com a diferença? Como preservar nossa especificidade em relação ao mundo, em vez de simplesmente nos misturarmos a ele? Como servir a outros, em vez recuarmos em busca de proteção pessoal?

Creemos que as histórias contadas neste livro ajudam a nos mostrar o caminho a seguir. Começa por sabermos quem somos em Cristo enquanto vivemos “com toda a humildade e gentileza, com paciência, demonstrando tolerância um com o outro em amor” (Ef 4.2, NASB).

1. Veja, de modo geral, Alister E. McGrath, *The territories of human reason: science and theology in an age of multiple rationalities* (Oxford: Oxford

University Press, 2019); Lesslie Newbigin, *Proper confidence: faith, doubt, and certainty in Christian discipleship* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995); e Alasdair MacIntyre, *Whose justice? Which rationality?* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1988) [publicado em português por Edições Loyola sob o título *Justiça de quem? Qual racionalidade?*] e *After virtue: a study in moral theory* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981) [publicado em português por Edusc sob o título *Depois da virtude*].

2. Um exemplo marcante de alternativas que definem a mídia on-line se dá pelo surgimento das “deep fakes”. Veja Robert Chesney e Danielle Citron,

“Deepfakes and the new disinformation war: the coming age of post-truth geopolitics”, *Foreign Affairs* (January/February 2019). Para uma orientação

sobre os passos práticos a serem seguidos pelo cristão a fim de restringir a interação on-line nociva, veja Justin Whitmel Earley, *The common rule: habits of purpose for an age of distraction* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2019); Andy Crouch, *The tech-wise family: everyday steps for putting technology in its proper place* (Grand Rapids: Baker Books, 2017) [publicado em português por Pilgrim Books sob o título *Sabedoria digital para a família*]; Tish Harrison Warren, *Liturgy of the ordinary: sacred practices in everyday life* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2016) [publicados em português por Thomas Nelson Brasil sob o título *Liturgia do ordinário: práticas sagradas na vida cotidiana*].

3. James Davison Hunter, *To change the world: the irony, tragedy, and possibility of Christianity in the late modern world* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 214-9.

4. Quando Lesslie Newbigin convocou a igreja no Ocidente pós-cristandade para um “encontro missionário com a cultura ocidental”, ele primeiramente definiu três coisas que não tinham nenhuma relação com o encontro: domínio, assimilação e recuo, o que está em sintonia com as estratégias de aproximação equivocadas citadas por Hunter. Veja Lesslie Newbigin, *Foolishness to the Greeks* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1988), e Lesslie Newbigin, “Can the West be converted?”, *International Bulletin of Missionary Research*, January 1987.

5. James Davison Hunter, *To change the world: The irony, tragedy, and possibility of Christianity in the late modern world* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 285.

6. Veja Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge: Bellknap Press, 2007), para essa bem conhecida descrição da nossa cultura [publicado em português por Unisinos sob o título *Uma era secular*].

7. Ao se rotular como ausência de fé, o secularismo faz uma coisa que os teóricos da cultura chamam de “mistificação”. Terry Eagleton a define da seguinte maneira: “[O secularismo] assume uma perspectiva, ou convicção, contestável e denigre quaisquer perspectivas que a desafiem, alienando todas as formas concorrentes de pensamento, negando a realidade social de que tal convicção não goza de aceitação universal. Isso dá à opinião a aparência de ser um fato universal, evidente por si mesmo, inevitável e que não pode ser questionado” (Terry Eagleton, *Ideology: an introduction* [New York: Verso, 1991], p. 5-6 [publicado em português por Boitempo e Editora Unesp sob o título *Ideologia, uma introdução*]).



OBRAS SELECCIONADAS PELOS COLABORADORES

Livros

Claude Richard Alexander Jr. *Necessary Christianity: living a must life in a maybe world* (MMGI Publishers House, 2013).

John Inazu, *Liberty's refuge: the forgotten freedom of assembly* (Yale University Press, 2012).

_____. *Confident pluralism: surviving and thriving through deep difference* (University of Chicago Press, 2016).

Kristen Deede Johnson, *Theology, political theory, and pluralism: beyond tolerance and difference* (Cambridge University Press, 2010) _____; Bethany Hoang, *The justice calling: where passion meets perseverance* (Brazos Press, 2017).

Timothy Keller, *Generous justice: how God's grace makes us just* (Viking, 2010).

_____. *Justiça generosa: a graça de Deus e a justiça social*, tradução de Eulália Pacheco Kregness (São Paulo: Vida Nova, 2013).

_____. *The prodigal God: recovering the heart of the Christian faith* (Penguin Books, 2011).

_____. *O Deus pródigo: recuperando a essência da fé cristã*, tradução de Robinson Malkomes (São Paulo: Vida Nova, 2018).

_____. *Making sense of God: finding God in the modern world* (Penguin Books, 2018).

Lecrae, *Unashamed* (B&H Books, 2016).

Tom Lin, *Losing face, finding grace: 12 Bible studies for Asian-Americans* (InterVarsity Press, 1996).

Trillia Newbell, *Fear and faith: finding the peace your heart craves* (Moody Publishers, 2015).

_____. *If God is for us: the everlasting truth of our great salvation* (Moody Publishers, 2019).

Tish Harrison Warren, *Liturgy of the ordinary: sacred practices in everyday life* (InterVarsity Press, 2016).

_____. *Liturgia do ordinário: práticas sagradas na vida cotidiana* (São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021).

Discografia

Sara Groves, Tell me what you know (INO, 2007) e Floodplain (Fair Trade, 2016).

Lecrae, Gravity (Reach, 2012) e All things work together (Reach, 2017).



SOBRE OS AUTORES



Timothy Keller estudou na Bucknell University, no Gordon-Conwell Theological Seminary e no Westminster Theological Seminary. Por muitos anos, foi pastor da Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan, igreja que fundou em 1989. Keller também é o presidente e um dos fundadores do Redeemer City to City. É autor de vários livros, entre eles Deus na era secular, A fé na era do ceticismo e muitos outros publicados por Vida Nova.



John Inazu é professor eminente de Direito e Religião da cátedra Sally D.

Danforth na Washington University. É autor de *Liberty's refuge: the forgotten freedom of assembly* e *Confident pluralism: surviving and thriving through deep difference*.

Document Outline

- [Cover Page](#)
- [Capa](#)
- [Dados](#)
- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Sumário](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Colaboradores](#)
- [Introdução](#)
- [Parte um concebendo nossa interação](#)
- [A teóloga](#)
- [O pastor](#)
- [O aventureiro](#)
- [O empreendedor](#)
- [Parte dois comunicando nossa interação](#)
- [A escritora](#)
- [A compositora](#)
- [O contador de histórias](#)
- [O tradutor](#)
- [Parte três dando forma à nossa interação](#)
- [A construtora de pontes](#)
- [O cuidador](#)
- [A reconciliadora](#)
- [O pacificador](#)
- [Conclusão](#)
- [Obras selecionadas pelos colaboradores](#)
- [Sobre os autores](#)